

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Diogo Arnaldo Corrêa

**Tessituras de um lugar, o bailar e o envelhecer:  
o significado da dança para idosos ao redor do coreto em Poços de Caldas, MG**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo, SP

2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Diogo Arnaldo Corrêa

**Tessituras de um lugar, o bailar e o envelhecer:  
o significado da dança para idosos ao redor do coreto em Poços de Caldas, MG**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, sob a orientação da Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani.

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

São Paulo, SP

2017

Banca Examinadora

-----

-----

-----

-----

-----

Para você que, visitando minha vida,  
afina minha alma,  
devolve-me a serenidade e a coragem,  
e me coloca a bailar.

Eu e você seguimos dançando  
no ritmo da música desta história que compomos juntos  
e que expressa que a felicidade chegou. E vai ficar.

Pesquisa desenvolvida com apoio

Bolsa CAPES

(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

## AGRADECIMENTOS

*Não existe nada igual ao sabor do pão partilhado.*

*Antoine de Saint-Exupéry*

À vida que pulsa, abre, ajunta, separa, apara, reforma, melhora, transforma, protege, plenifica, suaviza e desfecha.

Aos meus avós maternos Maria de Lourdes e Geraldo e avós paternos Thereza e Antonio, por tudo o que foram no toque em minha vida: carinho, lendas, sabedoria, edificações vivas e ardor, com quem aprendi inicialmente o que significa envelhecer.

Aos meus pais Ana Maria e José Antonio, amor, presença, afago, referência, estímulo, apoio, força, paz, que me doam ininterruptamente vida, a quem meu existir condecora.

A meu irmão Adriano Felício Corrêa, sua esposa Renata e o lindo Miguel, meu sobrinho. Conquista, superação, crescimento, felicidade, beleza. Mesclas de ontem, de hoje e do amanhã.

A meu amorzão. Coração, afabilidade, lealdade, dedicação, companhia, beleza intensa, preciosidade, fidelidade, presente no tempo e na doação, pulsar, inteireza, plenitude. Amo-te.

À minha orientadora, Professora Doutora Marlise Aparecida Bassani, ícone de coerência, esfera do saber genuíno, autenticidade estampada, diapasão do bem, evento do aprendizado, amiga, grande amiga. Palavra, ação e celebração, sempre! Gratidão por arrebataram minha dignidade com a sua e me afinar pessoal e profissionalmente.

Aos Professores Doutores componentes da banca avaliadora desse trabalho com quem brindo o compartilhar, a apreensão de valores e conhecimentos e o empenho em propiciar frescor e sentido em cenários dos mais diversos onde suas reflexões e esforços dirigem significados.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica e ao Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica; estâncias e instâncias interligadas que me oportunizaram o encontro e a produção de saberes particulares e em comum junto de respeitadas colegas inesquecíveis.

À Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), campo fértil de relações, vínculos, respeito, incentivo, humanidades e trabalho reconhecido. É honroso exercer a ação docente junto de tantos colegas que sustentam e fomentam competência nos diversos campos da Psicologia como ciência e profissão numa articulação zelosa entre a ética, a teoria e a prática. Agradeço especialmente a Coordenadora do Curso de Psicologia, Professora Mestre Ana Cristina Gomes Teixeira Arzabe, pessoa e profissional que marca sabedoria e respeito em tudo o que toca.

A todos aqueles que foram ou são meus alunos até esse momento – e aos que serão –, com quem aprendo, compreendo, aprendo e ensino as habilidades e competências do ser pessoa e profissional a cada encontro.

Aos idosos do baile ao redor do coreto em Poços de Caldas que instigaram ainda mais em mim com seu ser dançante a importância de bailar na cadência de cada canção do viver e de conservar no celeiro da existência o melhor que somos e podemos ser para nosso tornar-se pessoa, sem parar de dançar, conjugando histórias e memórias que marcam.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento dessa pesquisa.

*Não sejas o de hoje.  
Não suspires por ontem...  
Não queiras ser o de amanhã.  
Faze-te sem limites no tempo.  
Vê a tua vida em todas as origens.  
Em todas as existências.  
Em todas as mortes.  
E sabes que serás assim para sempre.  
Não queiras marcar a tua passagem.  
Ela prossegue:  
é a passagem que se continua.  
É a tua eternidade.  
És tu.*

*Cecília Meireles*

CORRÊA, D. A. **Tessituras de um lugar, o bailar e o envelhecer**: o significado da dança para idosos ao redor do coreto em Poços de Caldas, MG. 2017. 128 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

**Orientadora:** Profª. Dra. Marlise Aparecida Bassani

## RESUMO

Todo fenômeno concentra a possibilidade de ser interpretado em seu aparecimento pelo sentido e os significados dele desdobrados em razão de o *Dasein* poder compreender o mundo e o que nele está. Em seu mostrar-se genuíno, um fenômeno desvela-se para um olhar afinando seu ser e aparência. Esse estudo de natureza qualitativa e enfoque fenomenológico, constituído também a partir de uma pesquisa de campo, apresenta compreensões acerca dos significados da dança para idosos que participam do baile ao redor do coreto na Praça Pedro Sanches em Poços de Caldas, MG. No debruçamento sobre o fenômeno objetivou-se também, de modo específico, apresentar a possível relação entre o dançar destes idosos e seu momento de vida e discutir se a experiência com a dança pode refletir sobre o estilo de vida e bem-estar dos idosos. Participaram do estudo 04 (quatro) idosos com idade superior a 60 anos, naturais e residentes no município de Poços de Caldas, MG e dançantes há mais de 01 (um) ano no baile realizado ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches. A coleta das informações foi realizada por meio de entrevista individual gravada e orientada por questionário semiestruturado. Depois de transcritas, as informações dadas pelos participantes foram analisadas com base no método fenomenológico de investigação conforme proposto por Heidegger e com aproximação a algumas perspectivas da Psicologia Ambiental procurando suscitar intersecções entre esses referenciais na tratativa da realidade estudada. Compreendeu-se que os dançantes, ao experienciarem o baile ao redor do coreto, expressam-se de modo singular nos domínios de seu ser a partir do compartilhar de um mesmo lugar, de mesmas canções e de diversas afeições com outras pessoas. Nessa experiência, convivem acenando para um hoje integrado a um ontem e um amanhã. Também discursam, dialogam, falam do viver e ser que é exercitado e exercitante em cada rodopio. Apreendem a si mesmos a partir do outro e no outro e mantêm-se na expectativa dos próximos encontros. Afinal, cada novo encontro conserva o embrião do constante construir-se em-si-com-os-outros-no-mundo. Desse modo, para os idosos entrevistados, o dançar ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches é constância, é um permanecer, um continuar existindo, fluxo e movimento de vida que emblematisa o envelhecer na sua relação com o bem-estar. O estudo é uma das produções do Projeto de Pesquisa “Estilo de vida sustentável: contribuições da Psicologia Ambiental para o bem-estar, qualidade de vida e saúde” coordenado pela Profª. Dra. Marlise Aparecida Bassani desde o ano de 2012 no Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Apoio CAPES.

**Palavras-chave:** Baile, coreto, idoso, Fenomenologia, Psicologia Ambiental.

CORRÊA, D. A. **Tessitures of a place, the dance and the aging:** the meaning of dance for the elderly around the bandstand in Poços de Caldas city, MG. 2017. 128 p. Tesis (Doctorate in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

**Teacher Counselor:** Dra. Marlise Aparecida Bassani

### ABSTRACT

Every phenomenon concentrates the possibility of being interpreted in its appearance by the sense and the meanings of it unfolded in reason of the *Dasein* can understand the world and what is in it. In his genuine showing, a phenomenon unveils itself to a look tuning its being and appearance. This study of a qualitative nature and phenomenological approach, also based on a field research, presents understandings about the meanings of the dance for the elderly who participate in the dance around the bandstand in Pedro Sanches Square in the city of Poços de Caldas, MG. In the study of the phenomenon, the objective too, in a specific way, to present a possible relationship between the dance of these elderly people and their life moment, and to discuss if the experience with dance can infer in the lifestyle and well-being of the elderly. Participate in the study four (4) elderly people over 60 years of age, born and resident in the municipality of Poços de Caldas, MG and dancing for more than 01 (one) year at the dance performed around the bandstand of Pedro Sanches Square. The information was collected through an individual interview recorded and guided by a semi-structured questionnaire. After transcribed, the information given by the participants were analyzed based on the phenomenological method of investigation as proposed by Heidegger and with approximation to some perspectives of Environmental Psychology, seeking to elicit intersections between these references in the treatment of the studied reality. It was understood that the dancers, experiencing the dance around the bandstand, express themselves in a singular way in the domains of their being from the sharing of the same place, the same songs and diverse affections with other people. In this experience, they live together waving to one integrated into a yesterday and a tomorrow. They also discourse, dialogue, talk about living and being that is exercised and exercising in each spin. They seize themselves from the other and in the other, and they keep on waiting for the next meetings. After all, each new encounter retains the embryo of the constant building itself-with-the-others-in-the-world. Thus, for the elderly interviewed, dancing around the bandstand of Pedro Sanches Square is constancy, it is a perma-Being, a continuing existence, flow and movement of life that emblemizes aging in its relationship with envelhe-being. The study is one of the productions of the Research Project "Sustainable lifestyle: contributions of Environmental Psychology to the well-being, quality of life and health" coordinated by Dr. Marlise Aparecida Bassani from the year 2012 at the Contemporary Settings of the core Psychological Clinic, Program of Post-Graduate Studies in Clinical Psychology, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Support CAPES.

**Keywords:** Dance, bandstand, elderly, Phenomenology, Environmental Psychology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa territorial da cidade de Poços de Caldas, MG .....	45
Figura 02 - Coreto da Praça Pedro Sanches, Poços de Caldas, MG .....	53
Figura 03 - Quadro de caracterização dos participantes da Pesquisa .....	76
Figura 04 - Termos sobre qualidade de vida como bem-estar na perspectiva dos participantes da pesquisa .....	94

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 ATRAVESSANDO A PORTEIRA DA ESPERANÇA: concepções incipientes que marcam a composição de um lugar</b> .....	27
1.1 Um lugar de pessoas e para as pessoas: a cidade .....	38
1.2 Um lugar contornado: a cidade de Poços de Caldas .....	44
<b>2 CHEGANDO À PORTEIRA DA FORTUNA: um coreto e sua dança emblemática</b> .....	50
2.1 O coreto circundado pela praça .....	52
2.2 O coreto circulado pelo baile e seus dançantes .....	55
<b>3 AVISTANDO A PORTEIRA DA SAUDADE: EnvelheSer</b> .....	63
3.1 A dança ao redor do coreto e o envelheSer .....	73
3.2 Da crise à crisálida da vida .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS: pois a dança continua</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
<b>APÊNDICE</b> .....	124

## INTRODUÇÃO

*Sua alma dança no ritmo que você conduz a vida.*

*Tokinho Carvalho<sup>1</sup>*

Cada fenômeno e a captura de sua essência solicita, de modo fundante, o descerramento que lhe é próprio. É em sua abertura que um fenômeno faz referência a seus modos possíveis entretendo suas colocações anteriores presentificadas num agora abrangente do porvir. Desse modo, a revelação de um fenômeno é compassada por um movimento ininterrupto dado num tempo e num espaço, movimento que marca o constante retorno a ele mesmo. A revelação de um fenômeno é ocorrência, é acontecência.

A busca de possíveis compreensões de um fenômeno, portanto, lança o investigador neste movimento contínuo que tem como eixo o inacabamento e desvela distintos modos de sua compreensão que podem ser capturados pelas pessoas nos constantes desdobramentos de sua apresentação, no constante vir-a-ser fenomenal. Assim, do fenômeno e sua manifestação na clareira da procura desprendem-se potenciais sentidos e significados num presente e que podem ser retomados em seus interpostos históricos.

Os sentidos e significados principiados a partir da experiencição do mostrar-se de cada fenômeno incitam novas buscas que projetam outras emergentes descobertas e que, novamente, suscitam outros questionamentos e percursos para compreensões a seu respeito erigidas no compasso das inter-relações que conservam as inerências e a beleza da sua misteriosa originalidade. Um fenômeno em sua atualizada revelação diz de si e, ao mesmo tempo, constrange quem o contempla pois, em sua fundação ôntica, faz aceno para sua colocação ontológica, seu vir-a-ser.

O advento desse estudo tem embasamento neste predicado – o desvelar provocativo de um fenômeno em sua apresentação ôntico-ontológica e a busca de compreensões acerca de seus significados. Que fenômeno é esse? Trata-se do baile que ocorre ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches no município de Poços de Caldas, Estado de Minas Gerais.

Minha aproximação inicial ao fenômeno foi cartografada pelo viés de turista e observador curioso no carnaval do ano de 2015. Na ocasião, sem nenhum conhecimento prévio

---

<sup>1</sup> Compositor e cantor da cidade de Poços de Caldas, MG.

da cidade de Poços de Caldas e de suas expressões, percorrendo um de seus espaços que estava intensamente movimentado naquela noite de sábado – a Praça Pedro Sanches – os festejos de carnaval eram transcendidos pela fenomenia que se dava naquele cenário e que capturou minha atenção: um baile a céu aberto ao redor do coreto.

A daação genuína do fenômeno impactou-me por primeiro em razão da *poesis* que delineava a paisagem. Luzes cobrindo mais de cem pessoas ao redor do coreto. Em pares, algumas dessas pessoas circulavam o coreto engendradas pelas músicas que eram entoadas por uma espécie de orquestra posta no alto e no centro do coreto. Os sopros e sons de cada nota musical ganhavam força no ritmo que aquelas pessoas assumiam em sua relação com o lugar e com os demais que bailavam ou observavam, como eu, o baile. Havia sorrisos, conversas e significativo brilho no olhar de quem dançava e de quem admirava.

Esse cenário me distanciou do comumente vivido e me lançou para uma realidade circunscrita por encontros e entrelaces gestuais e de afeto entre pessoas desconhecidas para mim e que referiam sentido ao meu existir naquela ocasião. Impactante. Embora não estivesse dançando como aquelas pessoas ao redor do coreto, sentia-me movendo as pernas, circulando, remexendo, acontecendo por imersão naquela experiência. Momento único. Sentia que vivia e que a vida dançava em mim e era possível dançar com a vida.

Essa experiência confirmou para mim o adágio de que “a vida é acompanhada”, conforme defende Critelli (2013, p. 98). A vida está repleta de parceiros, de próximos, de companheiros, de amigos e até inimigos junto dos quais estivemos, permanecemos ou nos encontraremos em companhia. Defronte o fenômeno que me impactava ficou nítido que

A vida é um acontecimento compartilhado. E é esse compartilhamento que a torna propriamente um evento, quer dizer, uma realidade promovida por todos. A existência é antes humana do que pessoal. É antes plural do que singular. Nascemos lançados em meio a uma trama de relações já instituída, mas da qual começamos também a participar como seus tecelões. (CRITELLI, 2013, p. 98).

Não estava sozinho nessa experiência. Aliás, não estamos sozinhos em nenhuma experiência vivida. Na totalidade e intensidade daquele insurgir fazia-me companhia alguém muito especial para mim e em minha história, uma pessoa singular com quem compartilho a vida. Foi essa pessoa, enquanto eu me espantava com os desdobramentos daquele cenário, quem disse: “isso pode ser assunto de um doutorado!”. Esse componente aparecido na paisagem inaugurou a possibilidade de uma mudança de posição para mim: de turista – ante a emergência do fenômeno ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches em Poços de Caldas – a tecelão nessa acontecência. O turista cedeu lugar ao tecelão – o pesquisador.

Além de ser provocado pelo contexto e o que ele mostrava, estava aguilhoado também pelo falado compartilhado. E o falado compartilhado me remontava ao que estava sendo vivido ali e disparava uma série de questionamentos à daação do fenômeno naquele lugar: esse baile acontece aqui regularmente? Quem são essas pessoas? Por qual(is) razão(ões) estas pessoas dançam neste lugar? O que essa experiência promove para elas e para sua história pessoal?

Enfim, na passagem da atitude natural para a atitude fenomenológica, sentia-me impelido para analisar o fenômeno, posição essa que evocou ainda mais o pesquisador. E para este analisar capturei a importância do sentido do termo análise apontado por Heidegger em *Seminários de Zollikon*.

O uso mais antigo da palavra análise encontra-se em Homero e, exatamente, no segundo livro da *Odisséia*. Ela é usada ali para aquilo que Penélope faz todas as noites, a saber, desfazer a trama que ela tecera durante o dia. αναλπειν [analisein] **significa aqui o desfazer de uma trama em seus componentes**. Em grego significa também soltar, por exemplo, soltar as algemas de um preso, libertar alguém da prisão; αναλπειν pode significar também desmontar os pedaços de uma construção, por exemplo, desmontar as barracas. (HEIDEGGER, 2001, p. 140, grifo meu).

Estava lançado à emergência de uma análise a respeito do que estava se apresentando naquela paisagem, provocado a desfazer os componentes tramados pelo mostrar-se daquele fenômeno, instigado a saber o sentido e os componentes do ser daquele fenômeno.

Querer saber *o que é e como é algo* são os dois elementos que estão na base de uma investigação, e podem ser traduzidos num só, a saber, a pergunta pelo ser de algo, do que está em questão. O *ser* de algo sempre é composto pelo *o que algo é e como ele é*. (CRITELLI, 2006, p. 29).

Mas, para articular naquele momento minha inquietação como pesquisador – registrada pela pergunta pelo ser daquele fenômeno – à produção científica encarregada pelo doutorado, seria necessário modificar minha proposta de assunto para o estudo. Sim, mudar de proposta de investigação, pois o que era pretendido anteriormente não possuía nenhuma convergência com o que estava me incomodando naquele momento. E para mudar o rumo de minha pesquisa era necessário apurar com minha orientadora, Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani, essa possibilidade.

Assim que retornei da viagem a Poços de Caldas, mobilizado pelas questões nascidas na aproximação ao baile realizado a céu aberto em torno do coreto, fui ao encontro da Profa. Dra. Marlise para dizer do vivido por mim naquele lugar e sobre o que se passava em mim em caráter de investigação.

Não estava sozinho nessa experiência. Essa noção do autêntico viver novamente foi confirmada. De fato, não estamos sozinhos em nenhuma experiência vivida. Minha orientadora acolheu a cada fecho de meu discurso e indicou que havia relevância em buscar compreensões possíveis para o que estava requerendo sentido. Em metáfora: o trabalho de Penélope podia ser assumido por mim e o aval para essa tarefa decorria da responsabilidade conjugada naquele instante pela relação orientando-orientadora, pois a vida é acompanhada.

Planejei algumas visitas à cidade de Poços de Caldas naquele ano – 2015 – para tentar encontrar sentido àqueles questionamentos emergidos na aproximação inicial do fenômeno. Concomitante à preparação do cronograma para as visitas ao *locus* da aparição do baile, explorei nos indexadores Scielo, Portal CAPES e Google Acadêmico o registro de pesquisas publicadas nos últimos dez anos (2006 a 2015) que abordassem a temática utilizando como palavras-chave para a busca Poços de Caldas; Poços de Caldas+Dança e Praça Pedro Sanches.

O resultado desse levantamento apontou ausência de publicações de livros, artigos científicos e teses relacionados à temática, o que me motivou ainda mais para realizar a pesquisa em se tratando do seu caráter de originalidade. Quanto a dissertações, deparei-me com a Dissertação de Mestrado em Gerontologia cujo título é “*Baila Comigo: os velhos que dançam na praça de Poços de Caldas*” defendida no ano de 2007 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia pela pesquisadora Ms. Terêsa Cristina Alvisi sob a orientação da Professora Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

Em seu estudo, Alvisi (2007, p. 15) questionava quem eram os velhos que dançavam ao redor do coreto da praça Pedro Sanches de Poços de Caldas concentrando-se na

reconstrução histórica e na procura pela aproximação dos sentimentos e atitudes de indivíduos em processo de envelhecimento, que utilizam a Praça de Poços de Caldas como espaço para dança. Para a indagação ser abordada tornou-se necessário que todo o estudo partisse da categorização de significados universais para significados singulares. Do geral para o subjetivo. Pesquisar a formação das cidades e das praças ao longo da história da humanidade e do Brasil e da cidade de Poços de Caldas. Categorizar a velhice como conceito universal e no modo singular como cada indivíduo envelhece. Apresentar a ideia que não existe um ser velho, mas um ser que envelhece em constante processo de singularização.

Nas considerações finais de seu trabalho, Alvisi (2007, p. 203) referiu que seu estudo constituiu um novo saber relacionado a temas como a formação das cidades e praças, a urbanização, o lazer e o envelhecimento, bem como teve expandido seu olhar sobre o corpo que envelhece e se movimenta e sobre a história de Poços de Caldas e suas memórias fazendo

menção à praça como um lugar “no qual as características externas e o seu aspecto físico estão aliadas e integradas a pensamentos e significados de grupos e indivíduos”.

O encontro com o estudo realizado por Alvisi (2007) foi propício para a compreensão da transformação de um espaço público – a praça – em um lugar de memórias e para entender inicialmente quem eram aqueles que dançavam ao redor do coreto: os idosos. Todavia, era preciso ainda procurar as respostas para minhas indagações, para as lacunas quanto ao destramar do significado de ser do fenômeno.

O turista que cedeu lugar ao pesquisador a partir do vivido em Poços de Caldas passou a assumir, neste momento, a posição de pesquisador-turista, um investigador movimentado por suas questões entre as idas, voltas e retornos a Poços de Caldas e de Poços de Caldas.

Na posição de pesquisador-turista percebia que, em cada chegada àquela cidade, a daação do fenômeno ao redor do coreto provocava ainda mais a reflexão a seu respeito que, por sua vez, instigava a sua análise aproximando-me novamente à sua acontecência direta e interpretada pelas compreensões alcançadas por Alvisi (2007) e que manava em outras reflexões convocadoras de análise e assim em ato contínuo apontando que

Toda reflexão é um exercício de entendimento dos eventos da vida e das coisas do mundo que os retira de seu ocultamento (que vai do desconhecido às interpretações corriqueiras) e os lança à luz. A reflexão apronta as coisas e os acontecimentos para a nova manifestação e, conseqüentemente, para nosso agir, quer dizer, para o nosso fazer algo a respeito. (CRITELLI, 2013, p. 22).

Nesse movimento contínuo de análise e na posição de pesquisador-turista, as amarras do fenômeno, lançado à luz, solicitavam seu arremesso ao chão para esse fazer algo a respeito num discurso, numa palavra reveladora de seus significados entoada no “entre” do pesquisador e do turista e no “entre” do lugar, da dança e dos dançantes sendo esse “entre” considerado a intimidade de mundo e ente interpenetrados pela distinção que os separa conforme elucidada Heidegger em *A Caminho da Linguagem*.

Mundo e coisa não subsistem um ao lado do outro como coisas justapostas. Eles se interpenetram. Assim os dois dimensionam um meio. Nesse meio, estão unidos. Assim unidos, são íntimos. O meio dos dois é a intimidade. “Entre” é o nome que nossa língua dá ao meio de dois. A língua latina diz *inter*. *Inter* corresponde ao alemão *unter*. A intimidade de mundo e coisa não é mistura. A intimidade prevalece somente onde o íntimo, mundo e coisa, puramente se distingue e permanece distinto. No meio de dois, entre mundo e coisa, em seu *inter*, nesse *unter*, prevalece o corte [*Schied*] que os separa e diferencia. (HEIDEGGER, 2003, p. 19).

O corte do entre, conforme defende Heidegger (2003), faz viger a diferença [*unterschied*]. É a diferença que conserva separado o meio no qual e pelo qual o mundo e o ente são

intimidade pela e na relação. A di-ferença entrega o mundo e o ente a seus modos-de-ser e apropria os entes no gesto de um mundo. O entre, nesse sentido, é a dimensão que mede o alcance de sua essência, de seu ser por um chamado dos entes para virem ao mundo e do mundo para vir aos entes.

Assim, a evocação que nomeia as coisas invoca e provoca também a saga do dizer que nomeia o mundo. O dizer confia o mundo para as coisas, abrigando ao mesmo tempo as coisas no brilho do mundo. O mundo concede às coisas sua essência. As coisas são gesto de mundo. O mundo concede as coisas. (HEIDEGGER, 2003, p. 18).

Qual era o “entre” do baile? De que modo mundo e ente se interpenetravam e se distinguíam num tempo e numa linguagem de sentidos e significados no aparecimento deste fenômeno?

Na busca dos elementos interadentrados e próprios do fenômeno em questão, elementos estes que o nomeiam em sua essência, essa pesquisa de doutorado configurou-se como um estudo qualitativo de enfoque fenomenológico.

A respeito da pesquisa qualitativa, Martins e Bicudo (1994, p. 26) assinalam que esta “busca uma compreensão particular daquilo que se estuda” requerendo uma interpretação das informações levantadas.

Para Ezzy (2003), em pesquisas qualitativas estuda-se o significado que é situado nas interpretações dadas pelos participantes do estudo para determinados fenômenos. Creswell (2007), por sua vez, coloca que este tipo de pesquisa deriva de premissas, visões de mundo do pesquisador e do estudo de uma problematização científica a ser investigada por intermédio de significados individuais ou em grupos atribuídos a uma problemática humana no âmbito particular ou social. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possui cinco enfoques relevantes que detêm modos próprios de analisar os conteúdos obtidos: a narrativa, a fenomenologia, a etnografia, o estudo de caso e a *grounded theory*.

O enfoque fenomenológico em pesquisas qualitativas dá ênfase à interpretação que visa a compreensão ou esclarecimento dos sentidos e significados das experiências, palavras, sentenças e textos (MARTINS; BICUDO, 1994). Trata-se de um enfoque em pesquisa que intenciona descrever as experiências vividas de várias pessoas sobre um conceito ou fenômeno visando buscar a estrutura essencial ou significado central do fenômeno para tais pessoas (CRESWELL, 2007).

A partir deste desenho, esse estudo elencou como **objetivo geral** compreender os significados do dançar ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches para idosos do município de

Poços de Caldas-MG e como **objetivos específicos** apresentar a possível relação entre o dançar destes idosos e seu momento de vida e discutir se a experiência com a dança pode refletir sobre o estilo de vida e bem-estar dos idosos.

Considerando-se a natureza qualitativa do estudo e tais objetivos, o caminho escolhido para a realização da pesquisa consistiu na coleta de informações realizada individualmente por meio de entrevista orientada por questionário semiestruturado (APÊNDICE A) composto de quatorze itens considerando-se que, em estudos qualitativos de enfoque fenomenológico, a entrevista é um recurso para que a descrição das experiências seja alcançada e para que os significados que lhe são próprios sejam capturados. Ao permitir que cada participante narre sobre suas impressões e vivências singulares, o pesquisador suspende seus conhecimentos prévios sobre o fenômeno colocando-se em abertura para compreendê-lo a partir do mundo vivido de cada pessoa, encontrando-se com os significados que emergem de suas vivências.

As entrevistas foram efetivadas na acontecência do baile e as informações apresentadas pelos participantes foram recebidas e gravadas respeitando-se seu fluxo narrativo, sendo transcritas posteriormente pelo pesquisador para a realização de análise.

Participaram do estudo<sup>2</sup> 04 (quatro) pessoas, 02 (duas) do gênero feminino e 02 (duas) do gênero masculino com idade superior a 60 anos<sup>3</sup>, naturais e residentes no município de Poços de Caldas-MG e dançantes no baile realizado ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches há mais de 01 (um) ano.

Na análise das informações obtidas ponderou-se o método fenomenológico de investigação sustentado nos fundamentos dados por Heidegger sem a determinação de um instrumental específico de acordo com o que articula Sampaio (2012, p. 36) no estudo *O conhecimento de si mesmo: um estudo em fenomenologia existencial a partir da prática do Aikido*, no qual assinala que a

[...] Fenomenologia é o próprio método de investigação e acesso aos fenômenos, ou seja, o método fenomenológico é a própria fenomenologia, enquanto ontologia fundamental. Fenomenologia se refere exclusivamente ao modo como demonstramos e tratamos o que é tratado pela própria fenomenologia. A fenomenologia “é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. *A ontologia só é possível como fenomenologia*” (HEIDEGGER, 2004a, p. 66, grifo do autor). E o que deve ser tema da ontologia? O próprio ser. E por que a ontologia só é

<sup>2</sup> Projeto de Pesquisa submetido para apreciação e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) via Plataforma Brasil sob CAAE: 52509815.3.0000.5482. Aprovado conforme Parecer Consubstanciado do CEP da PUC-SP nº 1.409.939 em 15 de fevereiro de 2016.

<sup>3</sup> Idade cronológica que caracteriza a pessoa idosa conforme o Art. 1º da Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2004).

possível como fenomenologia? Porque só é possível o acesso ao ser dos entes por meio de um método de aproximação que não busque uma verdade única e exclusiva. A fenomenologia é a proposta de acesso ao fenômeno que contrapõe a noção de verdade única e exclusiva. É isso que se entende por uma caracterização dos objetos tais como são. E, os objetos tais como são só podem ser revelados enquanto mundo de significações do humano. Ou seja, um fenômeno só pode ser percebido por aquele que o percebe, e aquele que o percebe só o percebe, pois ali se dá o fenômeno a ser percebido.

Procurou-se analisar as narrativas dos participantes considerando-se o significado de análise apresentado por Heidegger em *Seminários de Zollikon* – conforme já mencionado – tendo em referência o velamento e o desvelamento do fenômeno em busca do aparecimento do que está oculto quanto a seu ser colocando em emergência a apresentação dos sentidos que sustentam a sua compreensibilidade, considerando que o sentido trata-se daquilo que pode ser articulado numa abertura compreensiva (HEIDEGGER, 2012b).

Sentido, nas palavras de Heidegger (2012b, p. 429),

[...] é aquilo em que a entendibilidade de algo se mantém. Denominamos sentido o que é articulável no abrir que entende. O *conceito do sentido* compreende o arcabouço formal do que pertence necessariamente ao articulável pela interpretação entendedora. *Sentido é aquilo-em-relação-a-que do projeto, estruturado pelo ter-prévio, pelo ver-prévio e pelo conceito-prévio, a partir de que algo pode ser entendido como algo.*

Heidegger (2012b) enfatiza que só o *Dasein* pode ser provido ou desprovido de sentido, pois é só seu modo de existir e o ente que neste modo se abre que podem ser apropriados por um entendimento ou rejeitados por um não-entendimento. No entender, o ente é aberto em sua possibilidade. O ente segundo o modo-de-ser do *Dasein* é provido de sentido. Já o ente não conforme ao modo-de-ser do *Dasein* é estranho ao sentido – sem-sentido.

Sentido é “um *rumo* que apela, uma solicitação que se faz ouvir, um *apelo* obstinado que se insinua e persegue. Um *fundo* silencioso que abre a possibilidade de realização de nosso ser” (CRITELLI, 2006, p. 146).

Embora não seja sinônimo de significado, conforme referido também por Critelli (2006), o sentido do ser de algo precisa da linguagem para ser anunciado. E como anúncio do sentido, a linguagem refere um *entender*, mantém as relações referidas numa abertura prévia. Heidegger (2012b, p. 259), no § 18 de *Ser e Tempo*, alude a esse respeito que, na familiaridade com a abertura das relações, o entender coloca as relações “*diant*e de si como aquilo em que seu remeter se move. O entender deixa-se remeter nessas relações e por elas mesmas. O caráter relacional dessas relações do remeter nós o apreendemos como *signi-ficar*.”

Uma vez familiarizado com as relações na abertura que lhe é inerente, o *Dasein*, portanto, “significa” a si mesmo, ou seja, o *Dasein* dá a “entender originariamente seu ser e poder-ser relativamente a seu ser-no-mundo” a partir do sentido, da direção que assume para realizar seu ser. Destarte, Heidegger (2012b, p. 259) alude que

[...] o todo-relacional desse significar, nós o denominamos *significatividade*. Ela é o que constitui a estrutura do mundo, aquilo em que o *Dasein* é cada vez como tal. O *Dasein*, em sua familiaridade com a *significatividade*, é a condição ôntica da possibilidade de poder ser descoberto o ente-que-vem-de-encontro em um mundo no modo-de-ser do conjuntar-se (*utilizabilidade*) e que pode, assim, anunciar-se em seu em-si. O *Dasein* é, como tal, cada vez “este” e, com seu ser, fica já essencialmente descoberta uma conexão-de-utilizável – o *Dasein*, na medida em que é, já se remeteu cada vez a um “mundo” que vem-de-encontro; a seu ser pertence essencialmente esse *ser-remetido*.

O significado oferece ao *Dasein* a possibilidade de um entendimento de sua existência e de seu vir-a-ser a partir de sua constituição ontológica fundamental de ser-no-mundo. A partir dessa possibilidade de entendimento, o *Dasein* que entende pode estabelecer significações na possibilidade da palavra e da linguagem. Desse modo, o que é significado é revelado pelo discurso, pela palavra que é o próprio *Dasein* e que refere sua existencialidade no mundo, com os outros e em-si. “A *significatividade* aberta, como constituição existenciária do *Dasein*, do seu ser-no-mundo, é a condição ôntica da possibilidade de poder-ser-descoberta uma totalidade de conjunção.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 261).

O significado para Heidegger, portanto, diz respeito ao entendimento que é explicitado pelo *Dasein* e que nomeia a ele mesmo numa totalidade de conjunção, ou seja, torna um ente unido a outro por meio da relação estabelecida que funda no discurso uma interpretabilidade acerca do mundo, dos outros e de si-mesmo, uma interpretabilidade conferida pelo sentido, pela direção dada por ele à sua colocação ôntico-ontológica. “A interpretação pode extrair a pertinente conceituação do ente por interpretar ele mesmo ou pode forçar esse ente a submeter-se a conceitos a que ele se opõe conforme seu modo de ser.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 427). Desse modo, a interpretação é fundada num ter-prévio, um ver-prévio e um conceito-prévio arraigada pelo entendimento e orientada, direcionada por sentidos para esta ou aquela direção compondo a realização humana num círculo que expressa a estrutura-do-prévio do *Dasein* ele mesmo. A esse respeito,

O “círculo” no entender pertence à estrutura do sentido, fenômeno que tem suas raízes na constituição existenciária do *Dasein*, no entender interpretante. O ente para o qual, como ser-no-mundo, está em jogo o seu ser-ele mesmo tem uma estrutura ontológica de círculo. Entretanto, a se considerar que “círculo” pertence ontologicamente a um modo-de-ser de subsistência (consistir), que se evite em geral a caracterização ontológica, mediante esse fenômeno, de algo assim como *Dasein*. (HEIDEGGER, 2012b, p. 435).

A noção de sentido e significado, conforme a proposição heideggeriana que sustenta a análise empreendida sobre as narrativas dos participantes desse estudo, funda a ideia que o mundo, o outro e o em-si são interpretados a partir do próprio *Dasein* que se antecipa na compreensão de sua existencialidade, compreensão oferecida por ele mesmo em vias de suas relações na cotidianidade.

Cada fenômeno reúne, portanto, a possibilidade de ser interpretado em sua existencialidade pelo sentido e os significados por ele detidos em razão de o *Dasein* poder compreender o mundo e o que nele está. “É no jogo do ser-no-mundo, nessa totalidade, que se forma a possibilidade de todo aparecer. Portanto, ser. O trazer-se à luz dos entes é resultado deste jogo de manifestação”. (CRITELLI, 2006, p. 62).

O ser de um fenômeno revela-se, desse modo, como o *que é e como o que não é*. Critelli (2006) assinala que o fenômeno, ao mostrar-se naquilo que é, se apresenta em seu modo-de-ser próprio e, ao revelar-se como o que não é, aparece sob um ocultamento. Nesse sentido, a autora lembra que Heidegger assinala três possibilidades deste mostrar-se conforme um ocultamento: *o parecer ser, a aparência e a mera aparência*.

[...] O *parecer ser* de algo constitui a face real das coisas. [...] é um modo em que o ente se mostra e oculta e será substituído não por alguma percepção definitiva e cabal, mas por outro parecer ser. [...] A *aparência* é um outro modo do ente mostrar-se através do ocultamento. Diferente do *parecer ser*, que mais se assemelha à nossa noção corriqueira de equívoco, por exemplo, símbolo, o ícone, o sintoma não supõem um nível de equivocidade, ao menos imediata. A *aparência* mostra e protege aquilo que através dela se mostra. [...] A *mera aparência* é o enganoso visto desde sempre já como enganoso, e sua condição de aparecer é exclusivamente essa. (CRITELLI, 2006, p. 63).

O mostrar-se de um fenômeno para um olhar suscita a possibilidade de compreensão de seu ser, visto que o ser e a aparência afinam-se. E este aparecer referido na Fenomenologia é “o que se apresenta no jogo do ser-no-mundo, no jogo do ente trazer-se à luz neste fenomênico mostrar-se para um olhar e, então, ser o que nesta luz se mostra e o que a esta luz se oculta.” (CRITELLI, 2006, p. 66).

Desse modo, na procura dos significados da dança para os idosos que bailam ao redor do coreto, ocupando a posição de pesquisador-turista, imergi numa experiência tonalizada pela reflexão e captura do ser que lhe é próprio assentida numa realidade posta à luz para um dado olhar, o olhar do pesquisador-turista, olhar singular que capturou uma versão peculiar da fenomenia da realidade em questão, pois “coisa alguma pode, de si mesma, mostrar-se na sua totalidade, na sua inteireza, na sua patência definitiva. Isto, também, porque a coisa se mostra, sempre, para *um certo olhar*.” (CRITELLI, 2006, p. 66).

Assim, o viver, o compreender, o dizer e o ser dessa realidade incorporam nessa pesquisa um modo de interpretação próprio que não pretendeu um entendimento conclusivo ou que esgotasse as discussões acerca do fenômeno e a colocação de seus sentidos e significados, mas buscou-se apresentar o destamar entre o velamento e desvelamento do fenômeno em seu constante devir a partir da intencionalidade da experiência em relevo, pois

O que é a verdade não aparece e porque não aparece, espera; mas espera como o que precisa ser procurado, e continua por isso mesmo ignorado e esquecido. O que pode ser verdadeiro é verdade mesmo quando está velado, mesmo quando invisível, ainda escondido no esquecimento; e é também verdadeiro quando revelado. Pode portanto ser verdadeiro desencoberto ou escondido. E assim, porque a verdade não é determinada nem pelo seu velamento nem pelo seu desvelamento, o advento da verdade é devir contínuo. As verdades são provisórias. (BATISTA, 2012, p. 07).

Ao enfoque fenomenológico nesse estudo foram aproximadas algumas perspectivas da Psicologia Ambiental com a finalidade de suscitar intersecções entre esses referenciais na tratativa da realidade investigada. Com tais intersecções pretendeu-se também contribuir com o Projeto de Pesquisa do qual sou integrante intitulado “Estilo de vida sustentável: contribuições da Psicologia Ambiental para o bem-estar, qualidade de vida e saúde” coordenado pela Profª. Dra. Marlise Aparecida Bassani desde o ano de 2012 no Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O Projeto de Pesquisa defende que estudar estilo de vida é investigar como a pessoa organiza seu cotidiano, suas ações, valores e perspectivas de futuro considerando o contexto em suas dimensões espaciais, temporais e culturais e de que modos estes aspectos se aproximam às noções de qualidade de vida.

Embora tenha poucas décadas de existência, a Psicologia Ambiental “caracterizada por sua preocupação em uma intervenção na realidade como instrumento possível, é uma área de relevância no âmbito contemporâneo para aspectos de conservação do meio ambiente e educação ambiental” (CARVALHO; BASSANI, 2011, p. 134).

O surgimento da Psicologia Ambiental está relacionado às discussões acerca das problemáticas ambientais. No seu bojo, concentra como objeto de estudo as inter-relações pessoa-ambiente, tanto o ambiente físico (construído pelo ser humano) quanto o natural. Desta forma, a Psicologia Ambiental considera que a pessoa atua sobre o ambiente e pode transformá-lo, bem como o ambiente também atua sobre a pessoa e pode modificá-la (BASSANI, 2012).

Articulada às várias vertentes da Psicologia, a Psicologia Ambiental é marcada por um caráter interdisciplinar. Todavia, ao voltar-se para a solução de problemas humano-ambientais, distingue-se das variadas vertentes da Psicologia por tornar compreensíveis as diferenças que existem entre a conduta e/ou percepção humana radicadas em modificações contextuais, considerando a espacialidade e a temporalidade, bem como os aspectos culturais que marcam as inter-relações pessoa-ambiente (BASSANI, 2001; BASSANI, 2012).

Considerando a dimensão espacial nas relações mútuas ocorridas entre pessoa-ambiente, a Psicologia Ambiental realiza seus estudos a partir de quatro níveis: I. microambiente; II. interpessoal e da comunidade na proximidade; III. indivíduo/comunidade, habitantes e conjunto de indivíduos e IV. social (ambiente global) (MOSER, 2004).

E, em relação à temporalidade e suas articulações ao ambiente físico e social, considera que as transformações ambientais são demarcadas pelo tempo e que as relações da pessoa com o ambiente integram-se a partir de suas experiências e projetos pessoais, bem como de suas representações e ações inscritas numa dada cronologia (MOSER, 2004).

A Psicologia Ambiental desdobra-se, ainda, sobre os processos afetivos (apego ao lugar) e cognitivos abarcados no ambiente social, histórico, cultural e físico. Tais desdobramentos focam as maneiras que as pessoas sentem, pensam e vivenciam o espaço a que estão implicadas (LIMA; BOMFIM, 2009).

A reflexão e discussão acerca da sustentabilidade e das condutas pró-ambientais, da mesma forma, enredam os fazeres da Psicologia Ambiental, assim como a importância dos estilos de vida sustentável. Uma das finalidades da adoção de estilos de vida sustentável, conforme Corral-Verdugo (2010), neste íterim, é a conquista do bem-estar comum e subjetivo.

A Psicologia Ambiental, portanto, oferece importantes contribuições para a construção de modos que garantam a sustentabilidade a partir dos valores e condutas pessoais (FARIAS; PARANHOS; BASSANI, 2011) levando em conta suas relações com o meio ambiente e com as demais pessoas, na circunscrição de uma historicidade marcada pela espacialidade e temporalidade que faz vistas ao bem-estar alicerçado no presente e no futuro.

Cada história é delimitada por significados transformadores da realidade. O cenário histórico-cultural da cidade de Poços de Caldas abriga, neste sentido, significados potenciais postos numa lenda peregrina entre gerações denominada *Lenda das Três Porteiras*. Por meio dela se apresenta um discurso poético composto por Mourão (1952) conforme mencionado por Alvisi (2007, p. 58).

*Existiam no ano de 1882 três porteiros delimitando espaços na cidade: a da esperança, a da fortuna e a da saudade.*

*A porteira da esperança situava-se próxima à nascente das águas termais onde atualmente encontramos as Thermas Antonio Carlos. Era guardada pelo negro “Benedito”, que tinha como ofício sua abertura e seu fechamento evitando assim que o gado e outros animais viessem beber da “água quente” e dessa forma sujassem suas nascentes. Certo dia, cansado deste trabalho e da raridade em que o gado incidia ao local, o negro abriu de vez a cancela e essa nunca mais se fechou: a entrada da esperança ficou assim escancarada para todos aqueles que chegavam de todos os cantos do país procurando a cura para seus males.*

*A porteira da fortuna, guardada pelo italiano Vicente Petreca, abria-se para o interior do estado de Minas Gerais na altura da atual Rua Santa Catarina. Por ela passavam os tropeiros trazendo alimentos e produtos de que necessitavam os habitantes do local. Também atravessavam por ela enfermos vindo em liteiras e macas improvisadas em busca da recuperação da saúde perdida. Era chamada de porteira da fortuna, pois todos aqueles que por ela passavam ganhavam sempre o bem-estar perdido ou os lucros decorrentes de transações comerciais.*

*A terceira porteira era vigiada pelo João Sabino, o primeiro agente dos Correios de Poços de Caldas. Situava-se próxima à Fonte dos Macacos. Era um velho que só trajava vestimentas brancas, e que apesar de bondoso e querido pelos moradores era bastante temido: ninguém o procurava para que abrisse a porteira da qual era guardião. João Sabino guardava a porteira da saudade, que delimitava o território do cemitério local: quem ali solicitasse a chave de entrada não mais saía.*

*Assim, a Lenda das Três Porteiras persistiu através dos anos e fez com que estas alargassem e demarcassem a história da cidade de Poços de Caldas.*

Inspirando-se nesta lenda, essa tese foi estruturada em três capítulos seguidos à Introdução. O primeiro capítulo *ATRAVESSANDO A PORTEIRA DA ESPERANÇA: concepções incipientes que marcam a composição de um lugar* explicita os componentes constituintes de uma cidade e, especificamente, a história do município de Poços de Caldas-MG.

O segundo capítulo *CHEGANDO À PORTEIRA DA FORTUNA: um coreto e sua dança emblemática* descreve a história do coreto da Praça Pedro Sanches e o baile que ocorre a seu redor.

No terceiro capítulo intitulado *AVISTANDO A PORTEIRA DA SAUDADE: envelheSer* apresenta-se um panorama sobre o envelhecimento e a análise das narrativas dos participantes da pesquisa. A análise procurou expressar o entrecimento dos significados entre o lugar, o bailar e o envelhecer revelando o aparecer da realidade viva e significativa em torno do coreto. O desfecho deste capítulo é dado com um ensaio sobre o envelhecimento como crisálida de vida.

Por fim, apresentam-se as *Considerações Nada Finais, pois a dança continua*.

O caminho é percorrido e chega-se a um lugar. E independente de onde se chega, os mourões das porteiros da esperança, da fortuna e da saudade se mantêm à presença de toda pessoa e podem ser atravessados, ou não. Se há passantes, ou não, os mourões das porteiros continuam firmes e escancarados para o trânsito das vivendas do humano.

O sentido e os significados de cada experiência não se esgotam; se mostram e transmutam. E permanecem a se apresentar. Eles cumprem com sua tarefa em cada tempo e em cada olhar, assim como o contorno e detenção das porteiros, fechadas ou abertas, endereçam.

Cada chegante, interrogante e viajante – de turista a pesquisador-turista – sem se deter, precisa, portanto, desempenhar e concretizar a tarefa do viver e descobrir o ser da realidade que o envolve de modo surpreendente nos registros da aparência, do transformar e do poder significar um fecho, um desfecho e um outro começo, pois a dança, a vida, o caminho continuam.

Esse “outro começo” é a tarefa de uma construção silenciosa, do acolhimento dócil, da escuta delicada que recolhe cada gesto, cada intenção e cada olhar mais intenso, harmonizando num percurso breve margens, abismo e céu, promovendo sentido numa imobilidade que é permanência e passagem. A espera da viravolta para esse “outro começo” pressupõe a escuta e o silêncio. A escuta da melodia sem som do infinito que nos rodeia. E o silêncio não da boca que se fecha, mas o silêncio da alma que se aquieta e se cala ante o mistério do Todo. (LIMA FILHO, 2011, p. 124).

# 1 ATRAVESSANDO A PORTEIRA DA ESPERANÇA

## Concepções incipientes que marcam a composição de um lugar

*O lugar onde moro;  
Tem música nos ventos;  
Tem brisa no relento;  
E muitas estrelas para contar.  
O lugar onde moro;  
Tem morro; tem trilha;  
Tem pedras de onde um dia,  
As águas deviam rolar!*

*Raquel Nascimento. O lugar onde moro.*

*Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/158287>>.*

Território e lugar são conceitos centrais em Geografia e abrangem a relação construída e constituída entre grupos humanos e a superfície terrestre (CORREA; PRADO, 2014). Esses conceitos parecem convergir em seu significado ao serem abordados em distintas perspectivas, todavia, sua gênese e herança epistemológicas demarcam noções que dificultam a aceitação de uma possível sinonímia entre eles sob o ponto de vista da ciência geográfica (PRADO; OSPINA, 2013).

Numerosas concepções de território o definem como um espaço apropriado [...] e insistem que a apropriação não se refere somente à vinculação de propriedade como porção da superfície terrestre apropriada por um grupo social para garantir sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais, senão também aos laços subjetivos de identidade e afeto existentes entre o sujeito e seu território. (CORREA; PRADO, 2014, p. 109, tradução minha).

Na construção de um território, portanto, registra-se a apropriação do espaço ocupado e habitado pelas pessoas. E, no apropriar-se de um espaço conformado como território, as pessoas que o ocupam devem “[...] fazê-lo seu, aprender a conhecê-lo, adquirir as habilidades para reconhecê-lo, identificar e utilizar os recursos que ele oferece, evitar seus perigos, porém também nomeá-lo, estabelecer relações afetivas e emotivas com ele e dar-lhe sentido.” (CORREA; PRADO, 2014, p. 111, tradução minha).

Desse modo, um território é demarcado pela **territorialidade** que lhe é própria, uma espécie de contorno configuracional afetante – apropriação – da realidade geográfica e das pessoas que ali estão e que podem ser transformadas por essa realidade sendo elas, ao mesmo

tempo, agentes sobre tal realidade modificando-a para que seja reconhecida como sua, uma realidade marcada pelo **sentimento de pertencimento**.

Na Psicologia Ambiental, por sua vez, de acordo com o que defendem Alencar e Freire (2007), a constituição de um lugar e a expressão do que ele é sustenta-se em duas possibilidades de compreensão: (a) o questionamento sobre a concepção de identidade em Psicologia e (b) a consideração do processo de apropriação em relação dialética ao processo de identificação comportando os elementos territorialidade e sentimento de pertencimento.

Em se tratando da interrogação a respeito da noção de identidade na Psicologia, uma interpretação a seu respeito é dada por Gonçalves (2007) que defende que um lugar é composto especificamente a partir de um *self*, uma pessoa. Um lugar se constitui a partir das ideias, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades, tendências de um “eu”. Este “eu” é o que é e compõe cada lugar *por* ser o que é – pessoa – e *para* o que é.

Um lugar é composto, dessa maneira, em razão da abertura do ser “**pessoa**”, uma acontecência vital e existencial envoltada de sentidos. E essa composição é compartilhada com os demais em modo de coabitação. O lugar é constituído, portanto, a partir do modo próprio de ser de cada pessoa dilatado à coletividade e que, ao mesmo tempo, “pronuncia” a pessoa, manifesta-a, por estar à ela implicado.

Outra noção sobre o conceito de identidade na Psicologia é apresentada pelas contribuições de Antônio da Costa Ciampa em Psicologia Social. Para ele, a identidade é compreendida como um processo de formação e transformação, uma metamorfose ocorrida pela relação indivíduo-mundo de modo tanto sincrônico como diacrônico por meio da qual o tornar-se pessoa é possibilitado em vias do agir instrumental e estratégico – os meios de subsistir – e o agir comunicativo – o abrolhar de sentido.

Para Ciampa (1987, p. 241), a

[...] identidade é identidade de pensar e ser (...). O conteúdo que surgirá dessa metamorfose deve subordinar-se ao interesse da razão e decorrer da interpretação que façamos do que merece ser vivido. Isso é busca de significado, é invenção de sentido. É autoprodução do homem. É vida.

Marcada por metamorfoses, a identidade abrange as esferas da personalidade e da coletividade em suas especificidades e, sobretudo, seus atrelamentos integrativos. Nesse sentido, o desenvolvimento e transformação da identidade pessoal implica a “[...] reprodução da cultura, da sociedade e da pessoa, três elementos distintos mas indissociáveis como produtos e ao mesmo tempo como produtores de sentido” (CIAMPA, 1998, p. 93), de modo que a

constituição de uma pessoa, sua afirmação como um “eu” se dá “pela articulação das personagens que encarna nos sistemas de papéis, ao ocupar lugares determinados, previamente constituídos pela – e constituintes da – coletividade.” (CIAMPA, 1998, p. 96).

Nessa perspectiva, a identidade, influente na composição de um lugar, é assinalada considerando-se que um “eu”, em sua esfera singular, detém o “outro” em determinadas categorias. Há um agente que, em sua singularidade, compõe o lugar a partir de seu olhar, a partir de sua pessoalidade. Contudo, em reverso, instala-se uma pré-determinação que impossibilita o acolhimento do outro em razão do inesperado, do diferente, do novo, do estranho, do singular, pois conjectura-se dele o exercício de determinados papéis. O outro é reduzido ao mesmo, ao familiar que fora pensado e constituído.

O modo como Ciampa (1987; 1998) concebe a identidade é extremamente relevante para o desenvolvimento da Psicologia, porém, ao fixar-se na defesa da transubjetividade colide com a perspectiva fenomenológica que ampara-se na tônica da relação, pois o que é posto em questão para a Fenomenologia não se refere à subjetividade ou transubjetividade, mas ao vivido em sua singularidade que pode ser apreendido em interpretações intencionais sobre o mundo.

A concepção de identidade em Psicologia e sua relação com a perspectiva de composição de um lugar reúne, portanto, múltiplos olhares e questionamentos. Afinal, a noção de identidade é significada a partir de diversos referenciais.

Mas, em se tratando daquilo que lhe é próprio e depositado no arranjo de um lugar, a identidade pode ser considerada como a forma pela qual as pessoas percebem a si mesmas e aos outros. Trata-se do modo de como as pessoas narram suas experiências, referem e ponderam sua situação nos ambientes pelos quais transitam e/ou permanecem, comunicam pontos de vista e visões de mundo e refletem e interpretam as novas situações em sua cotidianidade, conforme defendem Malagodi, Galeão-Silva e Massola (2015) a partir do que assinala Martel (2006).

Quanto ao que Alencar e Freire (2007) referem acerca do processo de apropriação em relação dialética ao processo de identificação e que comporta os elementos territorialidade e sentimento de pertencimento, a composição de um lugar é dada em razão dos atos cognitivos, afetivos e de vinculação realizados pela pessoa de forma diferenciada dependendo de modelos culturais, sociais e estilos de vida. Em Psicologia Ambiental essa perspectiva é resguardada pelo conceito **apropriação de espaço**.

Pol (2002) sustenta que esse conceito foi introduzido de modo formal em Psicologia Ambiental no ano de 1974 por Perla Korosec e trata-se de um fenômeno complexo que integra

várias dimensões que podem ser desmembradas em dois componentes: a *ação-transformação* e a *identificação simbólica*.

O componente de *ação-transformação*, é de base comportamental. Mediante a ação sobre o ambiente, a pessoa e a coletividade transformam o espaço, deixando sua marca, e o incorporam em seus processos cognitivos e afetivos de uma maneira criativa e atualizada. Quer dizer, o dotam de significado individual e social através dos processos de interação. O componente de *identificação simbólica*. Pela interação simbólica a pessoa e o grupo se reconhecem no ambiente, e por processos de categorização do eu se atribuem suas qualidades como definidoras de sua própria identidade. O espaço apropriado passa a ser um fator de continuidade e estabilidade do *self* e um fator de estabilidade da identidade e coesão de grupo. (POL, 2002, p. 125, tradução minha).

A apropriação de espaço é caracterizada por Pol (2002) a partir de um modelo dual circular que faz referência a um espaço previamente transformado pela ação de uma pessoa e identificado simbolicamente consentindo a continuidade histórica de seu modo próprio de ser. Neste sentido, o espaço é uma categoria social para a identificação do *self*. A apropriação de espaço, portanto, é um fenômeno que conjuga as dimensões individual e pessoal e que registra interdependência e interatuação entre a *ação-transformação* e a *identificação simbólica*.

O mesmo autor destaca que a *ação-transformação* e a *identificação simbólica* neste processo dual circular estão presentes ao longo de todo o ciclo de vida de cada pessoa, mas com influências distintas em cada momento. Na infância e juventude a *ação-transformação* possui maior primazia e na velhice a *identificação simbólica* prevalece. Na vida adulta, por sua vez, parece haver dado equilíbrio dentre ambos os aspectos. Todavia, Pol (2002) defende que o fato de cada componente se fazer presente com influências distintas em cada momento do ciclo vital não quer dizer que domine um momento ou outro deste ciclo de modo particular.

Bassani, Silveira e Ferraz (2005), em pesquisa realizada com famílias de agricultores, apontaram que, por meio do processo dual circular referido à apropriação de espaço, as pessoas desenvolvem sentimentos distintos e características de **apego ao lugar**, conceito este relacionado ao termo apropriação de espaço e que em Psicologia Ambiental refere-se ao laço afetivo estabelecido entre uma pessoa e um lugar acompanhado da vontade de estar achegado dele conforme defende Giuliani (2004) com base numa retomada teórico-conceitual do termo.

Giuliani (2004) destaca que há três processos diferentes que podem resultar num sentimento de apego ao lugar. O primeiro refere que ele deriva de uma avaliação positiva da qualidade do local ante as necessidades da pessoa. O segundo relaciona-se ao significado que o local possui para a pessoa. E o terceiro envolve o tempo de residência e familiaridade que a pessoa estabelece com o local.

Neste sentido, a noção de apego ao lugar é considerada a partir da

[...] relação emocional que as pessoas estabelecem com os lugares, na formação de um vínculo que as impulsiona a permanecerem nesses lugares, no espaço e no tempo, sendo que sua característica mais marcante é a tendência para atingir e manter um grau de proximidade com o objeto de apego (FERNANDES; BASSANI, 2011, p. 129).

Com isso posto e articulado à noção de apropriação de espaço para a Psicologia Ambiental abaliza-se que a pessoa, “[...] ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica” (GONÇALVES, 2007, p. 28).

O espaço apropriado a partir de laços afetivos registra vínculos identitários característicos com um ambiente assentado como lugar na totalidade de um “eu”, uma pessoa. Um lugar é lugar porque integra as dimensões de uma pessoa, como a combinação de sentimentos a respeito de contextos físicos específicos e conexões simbólicas com os ambientes, o que delibera, ao mesmo tempo, quem somos (MALAGODI; GALEÃO-SILVA; MASSOLA, 2015).

Um lugar refere quem é a pessoa e a pessoa revela o lugar. Segundo sustentam Carvalho e Bassani (2011) a partir do que defende Pol, Valera e Vidal (1999), um lugar corrobora a conservação do modo de ser de cada pessoa, sua história e seus referenciais espaciais e simbólicos ligados à sua capacidade de autonomia.

Corral-Verdugo (2005) assinala ainda que um lugar é uma relevante exterioridade da realidade enraizada e irradiada dos seres humanos e se desdobra sobre seus sentimentos, pensamentos e ações tonalizados pela largeza do devir e pelos embargos do *cronos*. Assim, um lugar delimita um ambiente plasmado numa **espacialidade** e numa **temporalidade**.

No tocante às dimensões de espaço e tempo, componentes de um ambiente conformado em lugar, a perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Heidegger oferece uma compreensão significativa a partir da noção do ser do *Dasein* no mundo: “espaço e tempo são modos nos quais o mundo do *Dasein* abre-se.” (GREAVES, 2012, p. 106).

Neste sentido, Heidegger (2012b) defende em *Ser e Tempo* que é fazendo espaço e organizando o tempo que o *Dasein* reflete o seu estar aberto no mundo marcado pelo distanciamento para com as coisas e consigo mesmo e pela direcionalidade pela qual dirige a si mesmo em seu viver.

[...] por meio da dis-tância, pela qual ele estende seu alcance, e da direcionalidade, pela qual ele orienta a si mesmo, o *Dasein* “faz espaço”. Ele

limpa um espaço para que as coisas tomem seu lugar. [...] Fazer espaço de alguma forma é essencial para o utensílio “à-mão” correr suavemente. [...] As coisas funcionam melhor quando assumem seu lugar, isto é, um lugar no qual o *Dasein* as tem “à-mão”. Ao fazer espaço, o *Dasein* dá a elas seu lugar. É por isso que Heidegger afirma em *Ser e Tempo* que: “Esse ‘dar espaço’ que é também ‘fazer espaço’ para elas consiste em libertar o “à-mão” para a sua espacialidade.” “Fazer espaço” é também carregado para nossa organização do tempo quando dizemos que “fazemos espaço” em nosso horário ou “arrumamos um espaço na nossa agenda”. (GREAVES, 2012, p. 108).

Portanto, é na sua abertura, no seu modo de ser-no-mundo, que o *Dasein* circunscreve o espaço e se aproxima do mundo mais próximo de seu cotidiano: o mundo-ambiente, o lugar. O *Dasein*, ser-no-mundo, e o mundo-ambiente em sua mundanidade ambiental se inter-relacionam e registram o lugar.

A mundidade do mundo-ambiente, a mundidade ambiental, nós a buscamos através de uma interpretação ontológica do ente que de pronto vem-de-encontro no interior-*do-mundo-ambiente*. O “âmbito” [*ambire*] que a expressão mundo-ambiente contém remete à “espacialidade”. Mas o âmbito constitutivo para o ambiente não tem, porém, um sentido primariamente espacial. O caráter espacial que pertence indiscutivelmente ao mundo-ambiente só deve ser elucidado, ao contrário, a partir da estrutura da mundanidade. A partir daí a espacialidade do *Dasein* [...] se faz fenomenicamente visível. (HEIDEGGER, 2012b, p. 205).

Pessoa e ambiente, portanto, se afetam mutuamente num tempo e espaço; estão inter-relacionados. A pessoa atua e transforma o ambiente e o ambiente atua e transforma a pessoa no sentido de relações recíprocas (BASSANI, 2009; 2012). Essa proposição marca a explicitação do termo **interdependência**. É pela interdependência que surgem os impactos sobre as questões históricas, as condutas sociais e pessoais, a constituição de uma visão de mundo e a construção de um lugar. E, de tal modo, a interdependência reconvoca e corrobora o compromisso com o lugar, com a vida, com os outros e com o próprio eu.

Correa e Prado (2014) colocam que, embora seja destacada de modo mais expressivo a possibilidade de construção de laços emocionais das pessoas por meio de ações cotidianas com o lugar do qual se apropriam, a composição de um lugar ressalva de modo imediato o significativo valor da relação construída nele a partir do encontro entre as pessoas com e nos ambientes em que habitam.

Assim, a inter-relação pessoa-ambiente reúne a **relação entre as pessoas**. Não estamos sozinhos no mundo. Nele e em seus existentes – as coisas e os outros – inermos e somos refugiados com tudo aquilo que nos funda e a partir dele e das coisas que nele estão emergimos na condição de pessoa e de comunidade. Habitamos o mundo e tudo o que nele há e ele habita-

nos. Somos, portanto, *no* mundo – nos relacionamos uns com os outros – e somos *com o* mundo – nos ocupamos do mundo e daquilo que nele se desvela.

No entender de Heidegger (2012b), tal concepção é expressada distinguindo que o ser humano é *Dasein*, um ser-aí lançado em uma situação que é o mundo e que o conduz a assumir o seu modo existencial fundamental de ser-no-mundo, pois ele está em-o-mundo.

“[...] o mundo já é sempre cada vez o que eu partilho com os outros. O mundo do *Dasein* é o mundo-com. O ser-em é ser-com os outros. [...] O *Dasein* encontra de imediato a “si mesmo” no que faz, naquilo que necessita, no que espera e evita – no utilizável do mundo-ambiente do qual de pronto se ocupa. (HEIDEGGER, 2012b, p. 343).

Assim, o “ser-no-mundo é uma constituição-fundamental do *Dasein* [...]” (HEIDEGGER, 2012b, p. 187). E, ritmado pelas inerências da relação, o ser-no-mundo é **ocupação**.

[...] ser-no-mundo significa o absorver-se atemático do ver-ao-redor nas remissões constitutivas da utilizabilidade do todo-instrumental. O ocupar-se já é cada vez como ele é, sobre o fundamento de uma confiante familiaridade com o mundo. (HEIDEGGER, 2012b, p. 231).

O “ser-no-mundo como ocupação é *tomado* pelo mundo de que se ocupa.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 191). Desse modo, conforme referem Vicente e Martins Filho (2010, p. 99),

O próprio mundo já é o outro do *Dasein*. Isso implica o fato de que tudo o que existe neste mundo, de igual maneira, se torna ente correlacional a ele próprio. Daí a possibilidade de afirmar o ser como ser-com, ultrapassando os horizontes da presença no mundo e tornando-se copresença junto aos demais entes existentes. Na cotidianidade de ser-si mesmo, cada ente colabora no processo de correlação mútua entre os existentes. Se a realidade da existência não pode ser colocada em questão, a correlação, igualmente, não pode ser negada. Tal correlação se expressa na medida em que o ente se encontra ligado aos outros entes em uma experiência de necessidade mútua. O quem da presença cotidiana não está no próprio ente, mas, ao contrário, no outro que se relaciona com ele. Nenhum ente é capaz de se dar no mundo de maneira completamente independente. Todos necessitam de um auxílio exterior à sua realidade. Nesse caso, a doação do eu em prol do outro se torna a clara evidência da correlação existente entre os “eus” e os “outros” do mundo.

É a relação entre as pessoas na ocupação e configuração de um lugar que revela este lugar e, ao mesmo tempo, a intramundanidade do *Dasein* e sua intencionalidade para além do seu em-si. “No dirigir-se para... e no apreender, o *Dasein* não sai de sua esfera interna, na qual estaria encapsulado, mas, por seu modo-de-ser primário, ele já está sempre “fora”, junto a um ente que vem-de-encontro no mundo já cada vez descoberto.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 193).

Desse modo, em-o-mundo, o *Dasein* é ser-aí e, essencialmente, ser-com os outros. A partir do que é defendido por Scheler, Heidegger (2012b) trata, portanto, que a elucidação sobre o ser-no-mundo mostra que, desde seu início, uma pessoa não “é” e não aflora sem o mundo; do mesmo modo, desde o início, um “eu” não é apresentado sem os “outros”.

Assim, nunca o eu pode cuidar da vida, tornando-a um acontecimento exclusivamente seu. Sua vida é um acontecimento que implica os outros. *Os outros também acontecem junto e através do eu.* No nosso cotidiano, a existência é empreendida através de cada homem, mas é através de cada homem que os outros agem; é através do *eu* que os *outros* entram em cena. (CRITELLI, 2006, p. 71).

Portanto, se o *Dasein* em seus modos de ser não transcende as barreiras de sua existência dispondo-se para o outro como existente para a doação, torna-se incapaz de realizar-se a si mesmo plenamente. “[...] incorporar, assimilar e absorver o outro, é uma tentativa de transformá-lo no mesmo.” (ALENCAR; FREIRE, 2007, p. 316). Por essa razão, a

[...] autoafirmação de sua existência se dá em sua relação com o “existente”, na medida em que isso representa a existência do outro. Também, diante do não expresso pelo ente ao outro, frente a uma atitude que necessitasse doação de sua parte, é expressa sua existência como tal. Todavia, se o ente se exclui do outro, fechando-se em sua subjetividade, acaba por eliminar a possibilidade de existência do próprio outro. É como se o outro não existisse para ele. Uma vez que o outro do ente não exista, ele também não possui caráter de existência - tendo em vista que o primeiro outro com o qual ele se relaciona é o próprio mundo, na medida em que se encontra disposto nele. (VICENTE; MARTINS FILHO, 2010, p. 99).

Na atitude de ser-com o outro e ser em-si, o *Dasein* é assinalado pela liberdade num horizonte de possibilidades. Desse modo, o ser humano é livre para escolher por aquilo que está no mundo e para ser ele mesmo ou não. E ser livre implica em ser inacabado, ser incompleto. Por isso, o *Dasein* busca o sentido, “pró-cura” razões para existir e permanece numa constante inconclusão. O tempo todo há algo pendente que, por ele, pode ser compreendido e interpretado.

É a partir de sua abertura no mundo – seu vir-a-ser – que o *Dasein* – ser-no-mundo, ser-com-o-outro e ser-em-si – é interpretado a partir do fenômeno da preocupação para além do “[...] trato de ver-ao-redor com o utilizável do-interior-do-mundo” (HEIDEGGER, 2012b), para além da ocupação. “O ente em relação ao qual o *Dasein* se comporta como ser-com, mas não tem o modo-de-ser do instrumento utilizável, é ele mesmo *Dasein*. Desse ente o *Dasein* não se ocupa, pois com ele se *preocupa*.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 351).

A **preocupação** funda a realidade existencial de uma pessoa “que nas suas diversas possibilidades se prende, de um lado, ao ser do *Dasein* em relação ao mundo da ocupação e, de outro, ao ser próprio relativamente ao *Dasein* ele mesmo” (HEIDEGGER, 2012b, p. 353).

Nesse sentido, a preocupação revela como o *Dasein* se mostra “em si mesmo e por si mesmo”, modo este “como ele é encontrado habitualmente na cotidianidade, ou seja, o modo como ele se apresenta encoberto para si mesmo.” (CARDINALLI, 2012, p. 57).

Encoberto para si, o *Dasein* localiza-se na clareira, mostra sua estada unido ao que lhe vem ao encontro e, nesta estada, desvela-se para aquilo que lhe vem ao encontro manifestando-se existencialmente. Desse modo, o *Dasein* – ser-aí – é essencialmente ser-no-mundo que significa, ao mesmo tempo, (1) ocupar-se com os entes intramundanos; (2) preocupar-se com os outros entes que possuem o modo de ser do *Dasein* e (3) apropriar-se de si mesmo (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Tal compreensão acerca do *Dasein* – o *Dasein* é ser-no-mundo – aproximada à noção do termo apropriação de espaço – processo singular e simbólico que envolve as dimensões de ação-transformação e identificação simbólica, conforme dada por Pol (2002) – corrobora a interpretação a respeito da constituição de um lugar como a realidade que emerge (1) de um modo-de-ser pessoal, o modo-de-ser peculiar de cada pessoa em sua abertura, (2) e de ações transformadoras – ocupação e preocupação – dadas pelas pessoas.

A título de retomada, um lugar é constituído, portanto, *na e pela interdependência* entre a **pessoa** – aberta num horizonte infinito de possibilidades – e **espaço e tempo** dos quais se **apropria** amalgamando um **ambiente** de pertencimento, vida e existência no qual apreende as coisas, o outro e a si mesma na **ocupação e pré-ocupação**. Nesse sentido, um lugar *é* existência e acende, *clarifica* a existência do *Dasein*, pois o

[...] *Dasein* é inerente ser-no-mundo; ontologicamente, mundo é a totalidade das relações referentes e significativas, é o *Da* (aí) em que o *Dasein* faticamente se encontra atirado. O mundo é o horizonte próximo e remoto das possibilidades do homem. É onde as coisas, o sentido e o ser se expõem, onde o que é pode se manifestar. Isto quer dizer que homem e mundo não são dois entes que se opõem entre si, distintos e separados. O homem não está no mundo como uma coisa está dentro da outra coisa. O mundo é horizonte (não fisicamente delimitado) onde se desdobram as possibilidades do homem. (CARDINALLI, 2012, p. 56).

Em decorrência da explicitação de tal perspectiva, levanta-se um ponto fundamental no tocante à compreensão da composição de um lugar. Trata-se da noção de **cuidado**.

Conforme Carvalho e Bassani (2011), é lugar aquele para o qual a pessoa manifesta um sentimento de afeto e pertencimento que permite transformá-lo pelas desenvolturas do cuidar. Desse modo, nos fluxos da interdependência entre pessoa-ambiente, a acontecência de um lugar e a expressão de suas peculiaridades enlaça-se à sedimentação de um efetivo e genuíno cuidado

– *sorgé*, conforme defende Heidegger (2012b) – efetivado pela pessoa em seu âmbito individual e nas mesclas com a coletividade.

Refere-se aqui ao cuidado como composição básica e ontológica do *Dasein* revelada no modo de preocupação e que se confirma entrelaçada com o seu ser para o mundo da ocupação e com o seu ser em si a partir das distintas possibilidades que o circunscrevem. Desse modo, o cuidado é orientado pelo ver-retrospectivo (respeito) e pelo ver-prospectivo (altruísmo) (HEIDEGGER, 2012b) articulando o agora ao devir.

Cuidar é um “dar conta de si mesmo e dos outros no *ethos*, é este deixar-ser o ser dos entes, é ser a abertura para que o ser dos outros e das coisas se manifeste.” (SAMPAIO, 2012, p. 66). Trata-se de “[...] uma atividade de relacionamento, de perceber e responder às necessidades, de tomar conta do mundo buscando a manutenção da teia de conexão, de modo que ninguém seja deixado sozinho ou desprotegido”, conforme referem Zoboli e Pegoraro (2007, p. 217) com base nas ideias de Gilligan (1998).

Boff (2013, p. 12) explicita que o cuidado manifesta-se pela ocupação, preocupação, envolvimento afetivo com o outro e a responsabilização. É exercendo-o que podemos indentificar os princípios, valores e atitudes “que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir” o que requer que bebamos da própria fonte, auscultemos a nossa natureza essencial e consultemos nosso coração verdadeiro.

Nesse sentido, o cuidar se mostra como dívida. O “*Dasein* está sempre em débito consigo, pois sempre está tendo que ser no vir-a-ser que é *Dasein*.” (SAMPAIO, 2012, p. 66). Assim,

cada um tem a sua existência como questão, deve a si mesmo esse cuidado. E esse cuidado inclui si mesmo, o outro, as coisas todas do mundo; abrange o passado, o presente e o futuro. Destinado ao cuidado e, ao mesmo tempo, tendo de contar com a falta de garantias e com a transitoriedade de tudo. (SAPIENZA, 2007, p. 48).

Sendo uma condição constituinte ontológica do existir humano que inclui as diversas formas de relações afetivas compondo a condição fundamental para todas as possibilidades de ação concreta e compositoras de um lugar, o cuidado é uma atitude que

desdobra-se em preocupação, estima e senso de responsabilidade para com todas as coisas. O cuidado é exercício renovado, diário, corajoso e espiritual por excelência, cujo treino concreto consiste em tomar nas mãos, com consciência e atenção às coisas do dia-a-dia, estando em cada momento por completo, com todos os sentidos e atenção. Esta prática concreta gera concentração e leva à relação consigo próprio, com os outros e com as coisas ao redor. Um aspecto importante do cuidado é não classificar em ordem

valorativa o que se faz, o que se toca, o que se vive; percebe-se, simplesmente, sem julgar de imediato, ou previamente (Grün, 2005). Isto permitirá entrar em contato com as coisas e com as pessoas, especialmente as mais diferentes, pois derruba barreiras, constrói pontes e não eleva muros, nem cava fossos. (ZOBOLI; PEGORARO, 2007, p. 218).

Assim, ao mundo e a um lugar como mundo dedicamos o cuidado. Somos definidos a partir do

[...] cuidado ao mundo [...] não podemos nos aproximar da autenticidade tentando ausentar-nos do mundo, mas apenas identificando-nos escrupulosamente com as tramas de cuidados que amarram o mundo. O cuidado revela nossa existência como sempre “a-frente-de-si-mesma-ao-já-estar-em-um-mundo [...]”. (RÉE, 2000, p. 37).

O cuidado perpassa a existência humana e ressona nas mais variadas atitudes. Por meio do cuidado, as dimensões da transcendência e as dimensões da imanência “buscam seu equilíbrio e coexistência. Realiza-se também no reino dos seres vivos, pois toda vida precisa de cuidado, caso contrário adoece e morre.” (BOFF, 2013, p. 124).

Portanto, o exercício efetivo do cuidado convoca o ser humano à entrega da sua responsabilidade para consigo e para com os demais em níveis atitudinais distintos. Toda pessoa está entregue à responsabilidade de seu ser, como Heidegger (2012b) defende em *Ser e Tempo*, e entregue também à responsabilidade de já ter sido sempre encontrado. No seu caráter-de-ser, o *Dasein* está “encoberto em seu de-onde e em seu para-onde, mas em si mesmo tão descoberto, isto é, esse “que ele é [...]” (HEIDEGGER, 2012b, p. 387).

Entregues à sua responsabilidade as pessoas não estão sozinhas. São convocadas à responsabilidade pelo seu ser coabitando um mundo e um lugar. Entremeadas pela responsabilização e cuidado as pessoas se ajuntam e se organizam dando vazão à cidade, fenômeno decorrente das experiências daqueles que moram num “[...] lugar no tempo, [...] espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; [...] [e] momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada.” (PESAVENTO, 2007, p. 15).

A cidade elenca distintas transformações inter-relacionais em razão dos diversos estilos de vida elegidos e praticados por aqueles que nela habitam. Trata-se de uma forma ideal e privilegiada de organização grupal produzida pelas pessoas e emergente de costumes que não são estáticos e, embuídos de transformações fundamentadas a partir das dinâmicas da interdependência, desdobram avanços em suas esferas geográfica, sócio-populacional, econômica e cultural.

Na cidade como lugar apropriado as pessoas estão convocadas na direção da saúde e bem-estar dos demais e de si mesmas, direção referida pelo cuidado como responsabilidade e comunicação dirigida ao sentido que conduz a reflexão, os significados possibilitadores de indagações e o posicionamento pessoal e em grupos (BARRETO; MORATO, 2009).

Porém,

nossas ações cotidianas, muitas vezes, desconsideram os impactos e consequências para a nossa própria saúde e para a das pessoas com quem convivemos quanto mais conceber que nos importemos com os possíveis efeitos para aqueles que desconhecemos! Somos muito imediatistas e considerar efeitos em 10, 20, 50 anos nos remete à reflexão de nossa perspectiva limitada do tempo vivido, provocando o efeito contrário de consciência e tomada de decisões para melhor vivenciar o tempo indefinido de vida que temos, relegando a matéria não conveniente ou angustiante, o que gera maior imediatismo e falta de responsabilidade com nosso bem-estar e da comunidade a que pertencemos. Fecha-se um círculo vicioso de não consciência e isolamento. (BASSANI, 2009, p. 88).

Desse modo, é preciso realizarmos o melhor que pudermos para a efetivação e garantia da saúde e bem-estar das pessoas com quem habitamos um lugar, uma cidade. Conforme Corrêa e Bassani (2015), realizar o melhor que pudermos, nesse sentido, significa colocar-nos despertos para o nosso ser-responsável que presenteia de sentido o cuidado para com os outros, para consigo e para com o lugar no qual coabitamos.

Denota compreendermos que a responsabilidade, referida a um sentido de cuja realização cada pessoa é capaz, remete à tarefa unicamente sua de significar a vida, valorizando-a, mantendo-a e conservando-a como oportunidade para o crescimento, a realização e a perpetuação da pessoa. (CORRÊA; BASSANI, 2015, p. 642).

## 1.1 Um lugar de pessoas e para as pessoas: a cidade

*Você nunca vai saber  
quanto custa uma saudade  
o peso agudo no peito  
de carregar uma cidade  
pelo lado de dentro.*

*Paulo Leminski*

A cidade “é uma realização muito antiga. Da *Ur* dos ziguraths à Tebas das Sete Portas, da Roma dos Césares à Avignon dos Papas, ela marca a sua presença na história, através

daqueles elementos que assinalam o advento do que se considera civilização.” (PESAVENTO, 1995, p. 281).

Seu surgimento remonta à agricultura e à produção de excedentes – embora, como organismo e estrutura a cidade surgiu tardiamente – e sua origem recua aos vestígios presentes há mais de seis mil anos na história das civilizações (GASPAR, 1995).

Desse modo, a relação entre a vida no campo e a constituição das sociedades humanas é um aspecto crucial na constituição da cidade expressando a cisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Em razão disso, conforme defende Monte-Mór (2006), entende-se que o surgimento das sociedades modernas é influenciado pelos objetivos da industrialização e do sistema capitalista.

Tal noção justifica a configuração, no tempo e no espaço, de “diferentes tipos de *idades*: na forma, na função, no conteúdo social e cultural, nas dimensões política e simbólica”. (GASPAR, 1995, p. 165).

Tais incrementos de organização dos agrupamentos de pessoas, ganhando força com o advento da industrialização e do capitalismo, convoca

[...] um *modus vivendi* normalizador do “viver em cidades”. Processos econômicos e sociais muito claros delineiam-se, transformando as condições da existência: concentrações populacionais, migrações rurais, superpovoamento e transformação do espaço assinalam o crescimento e configuração das cidades. (PESAVENTO, 1995, p. 281).

No que diz respeito a essa organização social, a cidade acopla questões de produção e consumo que assinalam a importância de um bem comum sustentado *para e entre* as pessoas que as constituem concretizando o atendimento às diversas necessidades dos chamados *cidadãos*, propondo que sejam felizes, ou seja, experimentem maneiras de viver e conviver no cenário ao qual estão implicados.

A noção de bem comum relaciona-se à perspectiva da cidade como *pólis* conforme expressado por Aristóteles em seu tratado *Política*. Para o filósofo, a cidade – *pólis* – coloca-se genuinamente na natureza do ser humano e por isso, espontaneamente, o ser humano é feito para a cidade. O ser humano é um animal cívico, político, um ser mais social que as abelhas ou outros animais que vivem aglomerados. Destarte,

[...] toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens;

ela se chama cidade e é a comunidade política. (ARISTÓTELES, L. I, Cap. I, 2007, p.12).

Tôrres (2005) assinala que essa caracterização de cidade como comunidade que tem por finalidade um bem está fundamentada em três premissas, a saber: (1) que a cidade é um dado tipo de comunidade; (2) que toda comunidade é constituída em vista de um dado bem; (3) e que, entre todas as comunidades, a cidade deve ser considerada como a mais relevante, pois é um modo culminante de vida comum que inclui todos os outros modos comuns possíveis.

Quem, por sua natureza e não por obra do acaso, existe sem a *pólis*, é alguém detestável colocado muito acima ou muito abaixo do ser humano, pois não está e não visa o bem que lhe é próprio. Trata-se de um ser sem lar, sem família e sem leis, um ser que só respira a guerra e não é detido por nenhum freio. Como uma ave de rapina está todo tempo pronto para lançar-se sobre os outros.

Nesse sentido, na perspectiva aristotélica, a cidade é considerada como a forma última da comunidade humana que deve garantir às pessoas uma vida melhor. Assim, ela é estimada como a comunidade constituída a partir da conjugação de várias aldeias e “tem a faculdade de se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar.” (ARISTÓTELES, L. I, Cap. I, 2007, p. 11).

Em relação à sua organização social, uma cidade pode ser distinguida a partir do ramo de sua atividade socioeconômica principal e pode refletir o contexto de atuação de seus habitantes, por exemplo, sendo considerada como uma cidade industrial, turística, universitária de acordo com o que menciona Moser (2012), baseando-se nas perspectivas de Thorndike (1939). Amparando-se em Wicker (1979) e Wirth (1938), Moser (2012) ainda assinala que uma cidade delinea os comportamentos de seus habitantes por prover o contexto em que são moldadas as suas práticas econômicas, sociais e culturais.

Esquemmatizando os comportamentos humanos para conformar as práticas socioeconômicas e culturais, a organização social de uma cidade tece os contornos físico-espaciais dos ambientes que são edificadas e compartilhadas pelos seres humanos que nela estão. A organização social das pessoas na cidade oportuniza, portanto, a construção de espaços físicos que apropriam esse lugar pela ação-transformação e identificação-simbólica e registram maneiras de pertencimento e vínculo.

Desse modo, além de deter uma organização social, uma cidade também apresenta uma maneira de composição físico-espacial que lhe é inerente sendo reconhecida como *urbe* ou *urbs*,

termos esses que aludem à uma simplificação semântica de *urbanum*<sup>4</sup> no latim e designam Roma, a cidade-império, centro do mundo, uma estrutura colocada numa espacialidade notória, conforme defende Monte-Mór (2006).

Essa estrutura demarcada por espaços públicos e privados expressa a cidade como uma materialidade erigida pelos seres humanos vista como “[...] um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato.” (PESAVENTO, 2007, p. 13).

E em seu modo espacial, a cidade manifesta suas formas urbanas nas quais

encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural. (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Assim, a cidade é um encontro. Trata-se de um entrecruzamento que articula as pessoas, suas inter-relações – que incrementam diversas maneiras de organização social em vias da convivência, da economia e da cultura de um lugar – e os espaços físicos que abroglham na propriedade dessas conjunções.

A esse respeito, Dalank (2001) assinala que as pessoas compõem uma cidade e atuam sobre ela para, por consequência, habitá-la. Assim, o surgimento e expressão de uma cidade alista alguns aspectos que merecem destaque e são defendidos nesta tese, a saber: (1) a cidade é um lugar-pessoa; (2) a cidade é um lugar-de-inter-relações e (3) a cidade é um lugar-simbólico-existencial. Articulados entre si, tais componentes manifestam este *locus* chamado cidade no qual o ser humano é hospedeiro, convivente e agente.

Acerca do primeiro aspecto, Alain De Botton (2007, p. 106), em sua obra *A Arquitetura da Felicidade*, destaca que nosso eu verdadeiro,

o aspecto autêntico, criativo, espontâneo e indefinível da nossa personalidade, não nos pertence para que possamos evocá-lo à vontade. O nosso acesso à ele é, a um grau modesto, determinado pelos lugares onde estamos, pela cor dos tijolos, a altura dos tetos e o traçado das ruas.

A pessoa que somos é revelada no ambiente em que habita e, ao mesmo tempo, o ambiente no qual fazemos estada arremessa-nos em retorno e de encontro a nós mesmos. “[...] certas construções exibem a aspectos concorrentes de nossos próprios caracteres.” (DE BOTTON, 2007, p. 199).

<sup>4</sup> *Urbanum* assinala a noção de povoação, uma maneira de ocupação física do espaço de vida delimitado pelo sulco do arado dos bois sagrados que delimitavam a área de produção e de vida dos romanos.

Neste sentido, a cidade – um lugar construído pelas pessoas e para as pessoas – é uma produção sócio-histórica da qual deriva uma condensação populacional. É um aglomerado de seres e sua estrutura e complexidade são modos para manter de maneira estável este ajuntamento de entes, um agrupamento de pessoas (DALANK, 2001).

A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. É por isso que, ao lado das imagens icônicas da materialidade urbana, há toda uma outra linha de representação que exhibe a cidade através da sua população, com suas ruas movimentadas, o povo a habitá-la, a mostrar sua presença e também a sua diversidade, em imagens ora temas, ora terríveis de contemplar... [...] (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Conforme exposto, a gênese de uma cidade não está dada apenas pelo agrupamento das pessoas nela configurado. A cidade é também um lugar-de-inter-relação. Ela é construída pelos relacionamentos e vivências efetivadas entre seus habitantes e integra a materialidade erigida pelo ser humano e a sociabilidade que lhe são próprias (PESAVENTO, 2007).

A cidade é algo criado como uma obra ou artefato a partir da atuação de pessoas em suas relações sociais, grupais, de classes, nas práticas de interação e de oposição, nos ritos e festas, tradições e hábitos, marcas estas que registram as dinâmicas inter-relacionais e interdependentes de apropriação e transformação de um espaço no tempo.

Os modos de vida na cidade evocam a primazia do desenvolvimento, tônica esta que brota de uma tendência humana de buscar realização e felicidade em cada faceta do existir, e põem em destaque que a origem e constituição de uma cidade como lugar acontece a partir das inerências pessoais e seus incrementos nas interconexões *com* e *na* comunidade. Assim, as cidades são inventadas e reinventadas a todo tempo e se comunicam, enviam mensagens a partir de todos os seus cantos, convidando seus habitantes e visitantes a exercê-las (FORTUNA, 2014).

Os desdobramentos colocados ao final do século XX e no início do século XXI sobre as abordagens acerca da composição das cidades assinalam a relevância das representações erigidas *na* e *sobre* a cidade, ou seja, a dimensão do simbólico criada *a partir e sobre* as cidades. Neste sentido, considera-se que, além dos seus componentes lugar-pessoa e lugar-de-inter-relações, as cidades são também caracterizadas como um lugar-simbólico-existencial.

As cidades falam, se comunicam, possuem uma representação simbólica. Os acontecimentos e experiências dadas nas cidades são escritas e se comunicam de modo

dialógico em diferentes instâncias. Em seus discursos as cidades falam de si mesmas e retornam a si mesmas mantendo-se, movimentando-se e transformando-se, pois narrar gera vida.

Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso, a cidade. (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Expressando-se de modo narrativo, as cidades “falam” a partir das oportunidades e facilidades que oferecem aos seus habitantes nos âmbitos escolar e educacional, no tocante aos cuidados e recursos em saúde, nas atividades de lazer e nos seus aspectos culturais (MOSER, 2012). E este falar sedimenta sua revelação simbólico existencial.

Assim, as cidades guardam e refletem as marcas, as pegadas, a alma (PESAVENTO, 2007). Seus habitantes, conforme detalha Alvisi (2007), vão concebendo, integrando e construindo seu contorno e interior a partir de suas vivências e compõem-na em uma realidade histórica e um espaço e lugar existencial que registra um ambiente próprio e continuamente transformado por experiências econômicas, sociais e culturais.

Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um ethos, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano. A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Uma cidade, portanto, tem sua origem e se apresenta a partir do encontro, das tramas vivenciais e convivenciais dos seus habitantes e sua atuação nela de diversas maneiras que constituem vínculos e pertencimentos, apropriação e significações para este lugar composto e conformado num espaço, num tempo e na existência.

Nos entrecruzamentos pessoa-inter-relação-existência, o espaço e o tempo também estão entretidos e “[...] a cidade aparece como uma emaranhada floresta de símbolos” (PESAVENTO, 1995, p. 288) que podem ser lidos por aqueles que a habitam e por aqueles que

se debruçam sobre ela para compreendê-la. Desse modo, conforme defende Pesavento (1995, p. 288) amparando-se no proposto por Moles (1984), a cidade expressa-se como

um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os microestímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.

## 1.2 Um lugar contornado: a cidade de Poços de Caldas

*Neste recanto, a amar tudo convida*

*Que amar é vida*

*Amae, amae*

*Mas, a quem pôs aqui tanta beleza*

*À alma da natureza*

*Uma oração mandae*

*Amae, amae*

*Alberto de Oliveira*

*Poema do Amor*

A cidade de Poços de Caldas está localizada em uma região vulcânica extinta do Estado de Minas Gerais aos pés da Serra de São Domingos. Ao redor de Poços de Caldas, localizam-se os municípios mineiros de Botelhos, Campestre, Caldas e Andradas e os municípios paulistas São João da Boa Vista, Águas da Prata, Vargem Grande do Sul, São Sebastião da Gramma e Caconde.

Poços de Caldas, conforme assinalam Almeida e Goto (2011), é considerada uma estância hidromineral e cidade turística ocupando uma disposição geográfica estratégica dada sua cercania a metrópoles como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

A cidade de Poços de Caldas (MG) também é caracterizada pelo IBGE como Capital Regional, em função da centralidade que a cidade desempenha com relação aos municípios da região, distribuindo serviços e bens. O município dispõe de serviços como Conselho da Criança e do Adolescente, Conselho Tutelar, Conselho Municipal de Assistência Social, Delegacia da Mulher e Vara da Infância e Juventude, e ainda com entidades que abrigam crianças e adolescentes quando estas são retiradas do convívio familiar devido à constatação de prática de violência impingida pelos cuidadores. (ALMEIDA; GOTO, 2011, p. 91).

**Figura 01** – Mapa territorial da cidade de Poços de Caldas, MG



Fonte: IBGE. **Cidades**, 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/3UL>>. Acesso em 25 mai. 2016.

De acordo com Megale (2002), a origem e constituição da cidade de Poços de Caldas pode ser apresentada em seis períodos históricos:

- 1º) até 1800 – o aparecimento das águas sulfóreas;
- 2º) de 1800 a 1872 – os primeiros povoadores;
- 3º) de 1872 a 1886 – a fundação da cidade;
- 4º) de 1886 a 1905 – a estrada de ferro e o café;
- 5º) de 1905 a 1946 – a criação da Prefeitura;
- 6º) de 1946 a 2002 – a mineração e as indústrias.

O primeiro período que remonta o aparecimento das águas sulfóreas demarca a presença de um grande número de pessoas que procuravam as fontes termais e que ultrapassava as suas possibilidades de vazão, conforme destaca Ottoni (1960).

Mourão (1998) coloca que antes do ano de 1815 já se conhecia a eficácia das águas termais de Poços de Caldas e em 1826, o Campo das Caldas, nome dado a cidade de Poços de Caldas na época, já compunha-se com uma povoação e cogitava-se a construção de um hospital e a abertura de ruas. Na época, já havia um cemitério no local e a primeira rua foi construída desembocando em frente à atual Termas Antônio Carlos.

O ciclo pastoril, após a corrida pelo ouro em Minas Gerais, demarca o segundo período da história de Poços de Caldas. Neste período, vários posseiros provenientes de Baependi e Aiuruoca chegaram no local. Megale (2002) destaca que os primeiros foram José Dutra que

apossou-se de terras em ambos os lados da divisa; o Alferes Tomás José de Andrade, que localizou-se nos Campos das Caldas; o Padre Manuel Gonçalves Correia que estabeleceu-se nos Montes Alegres; Manuel Inácio Franco no Tripuí; Antônio Rabelo de Carvalho no Chapadão, além de Inácio Manuel Pontes, genro do Padre Correia.

Este segundo período abrigou em Poços de Caldas a presença do naturalista francês Augusto de Saint-Hilaire, que por primeiro noticiou de modo minucioso o sítio das fontes sulfóreas (MEGALE, 2002).

No início do século XIX, Poços de Caldas era uma espécie de paraíso terrestre. Contrastando com as montanhas que circundavam o vale, os diversos ribeirões, emoldurados por belos pinheiros, cortavam os campos cobertos de vegetação rasteira. O silêncio da mata era apenas quebrado pelo borbulhar das águas nos poços, aliados às “vozes” dos animais que se aproximavam dos bebedouros e do canto estridente de araras e papagaios. A nota humana era dada pelos ranchos armados por alguns banhistas, junto às fontes sulfóreas. (MEGALE, 2002, p. 19).

A fundação da cidade, atrelada ao terceiro período histórico da constituição de Poços de Caldas, relaciona-se à procura pelas fontes sulfóreas que aumentava de ano a ano. A cidade foi denominada por primeiro como Distrito de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas em 1874 e, dez anos após a instalação administrativa do distrito, o povoado passou a existir (MEGALE, 2002).

Em 1886 foi inaugurado o primeiro balneário da cidade denominado Balneário Pedro Botelho com banheiros de primeira e segunda classe e duchas de águas sulfóreas. Segundo Megale (2002), foi neste balneário que o Imperador D. Pedro II e sua consorte, a Imperatriz D. Tereza Cristina se banharam em razão de sua estadia no distrito para a inauguração do Ramal de Caldas da Estrada de Ferro Mogiana.

Naquela ocasião o arraial possuía cerca de mil e quinhentos habitantes, mais de duzentas casas alinhadas, três escolas primárias, uma igreja (a atual Santo Antônio) e um comércio razoável. Além dos hotéis mais antigos, em 1884 passou a funcionar o Hotel da Empresa Balneária, de alto luxo para a época, provido de salas de leitura, de música e de jantar, sessenta quartos e um passadiço envidraçado que cobria o rio, ligando o hotel ao edifício das termas. Por ocasião da chegada de SS. Majestades Imperiais, foi construído para hospedá-las, um pavilhão anexo dispo de todo conforto necessário aos augustos visitantes. (MEGALE, 2002, p. 27).

Em 1886 ocorreu um acontecimento marcante para a história da cidade de Poços de Caldas e que registra o quarto período de sua constituição: a inauguração da Estrada de Ferro

Mogiana, o que possibilitou que a cidade passasse a pertencer a um setor de grande rotatividade da economia brasileira – o setor cafeeiro (ALVISI, 2007).

A estrada de ferro foi sem dúvida a mola da evolução econômica e social da jovem estância hidromineral. Transportava os produtos da terra e trazia as mais recentes conquistas culturais, artísticas e técnicas da Corte Imperial. Vários fazendeiros paulistas frequentavam os banhos termo-sulfurosos e muitos deles construíram belas residências, que ainda hoje causam admiração aos visitantes da cidade. (MEGALE, 2006, p. 30).

Em 1888 o arraial passou a ser denominado de Vila de Poços de Caldas (VIANA, 2006). E os últimos anos do quarto período de sua história possibilitaram crescimento e avanços no futuro da estância. Na política, ocorreu a vitória da oposição em 1902; no cenário cultural emergiu a Revista de Poços de Caldas e ainda o livro do médico Dr. Pedro Sanches de Lemos intitulado “Águas Thermaes de Poços de Caldas” que documentou a história da cidade atrelada a uma análise científica das fontes termais. Na mesma época foi iniciada, ainda, a vida esportiva da cidade, com a fundação do Foot-Ball Club pela elite da mocidade local (MEGALE, 2002).

O quinto período da história do município abrange a criação da Prefeitura de Poços de Caldas em 1904 sendo nomeado para a Prefeitura do município o Dr. Policarpo Rodrigues Viotti que recusou o cargo. Dr. Juscelino Barbosa foi o então primeiro prefeito empossado de Poços de Caldas e governou de 1905 à 1907 (MEGALE, 2002).

Foi no governo do Dr. Francisco Escobar, terceiro prefeito empossado de Poços de Caldas, que a Vila de Poços de Caldas foi elevada à categoria de cidade no ano de 1915 (VIANA, 2006). O governo realizado por este homem empreendedor possibilitou que Poços de Caldas fosse rapidamente conhecida em todo país e inaugurou a vida turística da cidade.

Em seus nove anos de gestão (1909-1918), mandou edificar o prédio da Prefeitura, ampliou e reformou o Mercado, fundou o Horto Florestal, retificou córregos, construiu pontes, macadamizou as ruas da cidade, às quais deu os nomes homenageando os Estados Brasileiros, melhorou as estradas municipais e passou para a Prefeitura os serviços de água e esgotos, iniciados no governo Juscelino Barbosa. [...] Em 1911 foi aberto, pela Companhia Melhoramentos o Cassino Politeama, seguido pouco depois pela inauguração do Grande Hotel, de excepcional luxo e conforto para a época, construídos pelo arquiteto austríaco José João Piffer, atraindo para Poços a nata da sociedade brasileira. (MEGALE, 2002, p. 34).

Neste período, a procura pelos benefícios oferecidos por meio de suas águas termais consideradas curativas é (con)fundida à busca por lazer e diversão acelerando a atividade econômica do município. A esta ideia coincide a descrição apresentada por Ferreira (1996, p. 26) ao destacar que em Poços de Caldas

Os banhos termais eram pretexto para que as elites aqui armassem nos hotéis e nos cassinos um cenário para as suas elegâncias, seus prestígios, seus dinheiros em alguns períodos de tempo, como no verão. Era quando a prosperidade tocava a todos, todos ganhavam e mais regalados viam-se os donos de cassino, os verdadeiros ministros da economia local. Os passeios, os esportes, os bailes, o cinema e os teatros, os mil e um jogos de azar constituíam complemento normal e indispensável numa cidade de águas que cuidasse de sua perfeita organização, de sua boa frequência ou mesmo da eficácia de suas fontes.

O mesmo autor assinala que no decorrer do ano de 1930 em Poços de Caldas, com uma população de aproximadamente vinte mil habitantes na época, havia onze cassinos que estimulavam e financiavam a diversão e os espetáculos.

Em razão dos benefícios advindos das águas sulfóreas e dos atrativos propostos pelos cassinos, Poços de Caldas ocupou nas primeiras décadas do século XX o lugar da cidade mineira de Caxambu sendo considerada a mais elegante estância hidromineral do país (VIANA, 2006). Neste período

Durante várias décadas, inúmeros turistas lotaram os hotéis preparados especialmente para seduzir os visitantes com alegres noitadas nos salões animados pelas músicas de “jazz” e por artistas contratados, não somente no Rio e em São Paulo, como nos mais famosos centros internacionais. A fase áurea do período ocorreu durante o “Estado Novo”, quando a cidade hospedou várias vezes o Presidente Getúlio Vargas, sua esposa dona Darcy, ministros, governadores, diplomatas, políticos e a mais alta sociedade brasileira. (MEGALE, 2002, p. 36).

O sexto e último período demarcado por Megale (2002) na constituição da história de Poços de Caldas culmina na segunda metade da década de quarenta quando o município voltou-se para o ramo industrial em razão da proibição dos jogos em todo o país e do descrédito direcionado aos benefícios das águas sulfóreas (VIANA, 2006).

Neste cenário, Poços de Caldas passou a ser um *locus* de exploração mineral e de instalação de várias indústrias dos ramos de aproveitamento mineral, refratários e alimentício.

Muitas outras fábricas menores, entre as quais destacamos as Cristalarias Artísticas, integram o Parque Industrial da cidade, contribuindo financeiramente para o seu vertiginoso progresso. O comércio também evoluiu bastante, contando com a contribuição de novas e modernas lojas, de vários supermercados, um amplo “Shopping Center” [...] e doze agências bancárias. (MEGALE, 2002, p. 41).

Considerando os aspectos assinalados de antemão, cabe salientar que a constituição histórica da cidade de Poços de Caldas imbrica nuances que transitam entre a busca de saúde a partir da busca dos benefícios das águas termais, a superioridade de capital e de classe relacionada aos liames políticos e sociais colocados no âmbito das relações de poder e das ações

que propositaram crescimento econômico e, atrelados a estes dois fatores, os alcances dos modos de divertimento e lazer culminados pelos jogos nos cassinos.

Poços de Caldas no ano de 2016 registrava o total de 163.677 habitantes – indicador apresentado com base no ano de 2015 – e sua unidade territorial totaliza uma área de 547,059 km<sup>2</sup>. O município comporta 82 equipamentos de saúde SUS e apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, 2010) de 0,779 (IBGE, 2016).

## 2 CHEGANDO À PORTEIRA DA FORTUNA

### O coreto e sua dança emblemática

*A praça é do povo como o céu é do condor.*

*Castro Alves*

Conforme já explicitado, a pessoa e suas inter-relações com os demais e com o ambiente compõem a cidade como lugar e a privilegiam com a construção de ambientes e significados que expressam vínculos e pertencimento.

A cidade é um microcosmo que reúne o mundo vivido de cada um dos seus habitantes que, inter-relacionados, desvelam-no em espaços fundados nos significados de suas experiências e modos-de-ser.

Nesse sentido, “a forma de um edifício, a função a que se destina, o uso que efetivamente dele se fará, a sua inserção na vida de uma cidade e o significado que lhe serão atribuídos são elementos que se apresentam à decifração do simbólico desse espaço construído.” (PESAVENTO, 2007, p. 23).

As ruas, calçadas, parques e demais áreas que possibilitam convívio e expressam-se como espaços livres e públicos nas cidades apreendem e despontam esse componente de significados de seus habitantes.

As praças, nesse sentido, são um dentre esses vários espaços livres e públicos que corroboram convivência, lazer e diversão para os habitantes de uma cidade (ALVISI, 2007) considerados apropriados para o desenvolvimento da vida social dos habitantes de um município (FERNÁNDEZ-RAMÍREZ, 2010) ritmando o capital humano e, em muitos dos casos, o capital econômico, intelectual e cultural. As praças

[...] se caracterizam pelos valores ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos, correspondendo a arranjos complexos de limitações e exigências relativas ao ambiente físico/geográfico, legislativo/normativo, projetual e comportamental, direta ou indiretamente relacionados aos usos que ali ocorrem, e que marcam a dinâmica do conjunto urbano em que se inserem. (VIEGAS; SILVA; ELALI, 2014, p. 307).

O ato de projetar os espaços livres e públicos se solidificou no Brasil a partir do século XIX.

Mesmo com influências europeias, incorporou características tropicais do país, em especial a vegetação distinta dos trópicos. Durante esse período ocorreu o

ajardinamento de antigos e novos espaços públicos, sempre situados em áreas centrais e livres de comércio. (ALVISI, 2007, p. 53).

No início do século XX, frente o desenvolvimento urbano e a condensação das cidades, a presença de vários espaços livres e públicos diminuiu e, conseqüentemente, aqueles que se mantiveram para além dos entraves dados pelos avanços tecnológicos, econômicos e sociais passaram a ser pouco apreciados (ALVISI, 2007).

A degradação natural ou provocada pelos indivíduos nos espaços livres e públicos também compromete a frequente presença e circulação de pessoas. A esse respeito, quando revitalizados, estes espaços podem sugerir novos e distintos modos de ocupação, uso e vínculo para com o ambiente e entre as pessoas (GEHL, 2015).

Espaços livres e públicos mais cuidados nos ambientes urbanos são mais frequentados e registram maiores evidências de amenidades para as experiências humanas: locais para sentar, fontes de água, espaços para alimentação, jardins e atividades para serem observadas (FERNÁNDEZ-RAMÍREZ, 2010).

Tratam-se de locais que aproximam as pessoas e que entrelaçam relações esperadas ou inusitadas, densas e variadas detendo convites e oportunidades para existir. E, assim, mostra-se a Praça Pedro Sanches no município de Poços de Caldas.

A praça central de Poços de Caldas é intitulada Praça Pedro Sanches no governo de Francisco Escobar (1909-1918) que efetiva distintos benefícios em locais públicos do município em razão do interesse advindo do governo do Estado de Minas Gerais para investir nas estâncias do “Circuito das Águas”, o que propicia à Poços de Caldas o *status* de estância hidromineral. E em 1984 é tombada pela Prefeitura junto das Termas Antonio Carlos, Palace Hotel e Palace Cassino que passam a constituir o conjunto arquitetônico central do município (ALVISI, 2007).

Local de circulação, lazer e convivência, a Praça Pedro Sanches detém vários acontecimentos da cidade tonalizando as inter-relações dos moradores e turistas. E, como espaço livre público, faz referência ao modelo de “praça jardim”, sendo representada “por meio de elementos significativos, como canteiros ajardinados, fontes e coreto.” (ALVISI, 2007, p. 53).

As acontecências na Praça Pedro Sanches são, portanto, as mais variadas. E é sobre o desvelar-se do coreto cercado por ela e pela dança que ao redor dele se efetiva que agora nos debruçaremos.

## 2.1 O coreto circundado pela praça

*A dança é a linguagem escondida da alma.*

*Martha Graham*

Numa perspectiva etimológica, o termo coreto designa uma espécie de coro construído ao ar livre para concertos musicais (CORONA; LEMOS, 1972). Tal conceituação articula-se à ideia do coro como um local da igreja onde os sacerdotes se reuniam para rezar ou cantar durante os ofícios divinos.

Carvalho (2010) expõe que mesmo havendo colocações do termo coreto provenientes do italiano “*coretto*”, no fundo com ligação a “tribuna” e “coro da igreja”, há outras noções que estão na mesma linha, mas que defendem que coreto designa de “coro” com o sufixo diminutivo “eto”; logo, pequeno coro.

Nos finais do século XVIII, em Portugal, os coretos eram móveis e conhecidos por “Kioscos”, escrito mais tarde nos textos do século XIX como “Quiosques” e, em seguida, passados a “Coretos”.

A definição do termo coreto relaciona-se ainda a uma luta entre as influências francesas, o liberalismo e as mais ligadas à romanização. Na França, o termo coreto é conhecido por “*Tribune de Musiciens*”; “mais tarde, e de acordo com as nossas investigações nos textos dos séculos XIX e ainda nos princípios do século XX, surge “Kiosque à Musique”, embora este meio já fosse também usado.” (CARVALHO, 2010, p. 04).

Na Inglaterra, onde os coretos surgiram inicialmente em meados do século XVIII, antes da Revolução Francesa, eles são chamados de “*bandstand*”, ou seja, “*band*” no sentido de Banda ou Orquestra de Música e “*stand*” tribuna, estrado.

Em Espanha, denomina-se de “Tablado para tocar bandas de Música”, ou um “Pequeno Coro” ou até “Templete” e, aqui, quer dizer não só diminutivo de Templo, como, “Pavilhão” e “Quiosque”. Indo ao idioma alemão, eis: “Musikpavillon”, ou seja “Pavilhão da Música.” E, assim por diante, noutros idiomas, onde há profundas diferenças até nos caracteres, [...] coretos, [...] nos diversos continentes, [...] têm muito em comum, [...] os palcos dessa linguagem universal: a música. (CARVALHO, 2010, p. 06).

Em Poços de Caldas, o primeiro coreto foi construído em 1921 e inaugurado em 1922 onde atualmente se encontra o Monumento Minas ao Brasil, na Praça Pedro Sanches, referenciada também por abrigar o imponente Palace Hotel (PREFEITURA DE POÇOS DE CALDAS, 2015).

Em 1928, ele foi transferido para a Praça Coronel Agostinho Junqueira, onde fica a Capela de São Benedito. No ano de 1930, por sua vez, foi inaugurado o atual coreto na Praça Pedro Sanches onde se consagrou a Banda Maestro Azevedo em homenagem ao antigo regente da Banda Municipal. A música marcou presença fundindo praça e coreto e propiciando o encontro entre as pessoas.

Anos depois de sua inauguração, o atual coreto da Praça Pedro Sanches recebeu uma revitalização, ação atrelada ao programa de melhorias dos pontos turísticos de Poços de Caldas proposto pela Secretaria Municipal de Turismo e Cultura em parceria com a Secretaria de Obras e o Sindicato de Hotéis que doou materiais utilizados para as melhorias. A revitalização atendeu às especificações do CONDEPHACT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico) constituindo a pintura da cúpula, limpeza do telhado, desentupimento das calhas para evitar infiltração nas paredes internas, conserto do portão, limpeza dos vidros e pintura dos balaústres no entorno.

No ato de entrega da revitalização do coreto, dia 06 de março de 2015, foi realizada uma solenidade seguida de uma apresentação do Grupo de Seresta de Poços de Caldas. Mais uma vez a musicalidade permeou tal acontecimento.

**Figura 02** – Coreto da Praça Pedro Sanches, Poços de Caldas, MG.



Fonte: <<http://www.pocosdecaldas.mg.gov.br/site/?p=20130>>.

Em Poços de Caldas, a Praça Pedro Sanches e o coreto nela alocado fundam uma paisagem em constante movimento que prestigiam o encontro – uma cidade – em suas mais variadas formas. As pessoas e acontecimentos que despontam ao redor do coreto da Praça Pedro

Sanches enredam num compasso melódico – em específico nos bailes – uma composição de significados para o lugar e o existir.

As pessoas, a Praça Pedro Sanches e o coreto em Poços de Caldas fundam um concerto fenomenal experienciado e presentificado que, uma vez apreendido, registra e referencia os modos-de-ser e as representações vividas numa cidade conforme defendido por Gehl (2015, p. 20) exaltando

[...] a versatilidade e a complexidade das atividades, com muito mais sobreposições e mudanças frequentes entre caminhada intencional, parada, descanso, permanência e bate-papo. Aleatoriamente e sem planejamento, ações espontâneas constituem parte daquilo que torna a movimentação e a permanência no espaço da cidade tão fascinantes. Enquanto caminhamos para o nosso destino, observamos pessoas e acontecimentos, somos inspirados a parar e olhar mais detidamente ou mesmo a parar e participar.

Frente o coreto e o fenômeno da dança ao seu derredor fui convidado como pessoa e turista a parar e olhar mais detidamente para essa acontecência. E o que ela desvela?

Na posição de pesquisador-turista essa compreensão, a partir deste momento, ganhará um tanto mais de designação na composição dessa tese relacionada ao caminho percorrido até aqui que encarregou um olhar propositado pela articulação entre vários autores e meu entendimento com base em suas perspectivas acerca das tessituras de um lugar.

Passamos pela Porteira da Esperança encontrando a cidade de Poços de Caldas. Nesta cidade nos deparamos com a Porteira da Fortuna que, atravessada, coloca em abertura o fenômeno dado ao redor do coreto na Praça Pedro Sanches: o baile.

A descrição da fenomenia atrelada ao estudo vem sendo realizada até esse momento num compasso que mostra as peculiaridades ônticas do acontecimento colocado sob o foco das indagações para o saber dos significados ontológicos que o tonalizam.

A partir da atitude de turista-pesquisador dá-se, nesse momento, a detença sobre o endereçamento e desdobramentos do fenômeno fazendo eu parte dele no sentido de estar mergulhado em sua acontecência, questionando-o e aos significados que são próprios do seu existir, pois defendo que os significados de um fenômeno não podem ser apreendidos se não há imergência em sua acontecência. Para compreender o que é próprio do ser de uma fenomenia é preciso experienciá-la em sua daação intercedida na cotidianidade. Desse modo,

A compreensão do ser ocorre a partir dele próprio, com as possibilidades mediadas pelos feitos que componham a cotidianidade desse ser. O humano é o único ente cujo modo de ser abrange a possibilidade de interrogar-se porque está em seu horizonte a condição ontológica de indeterminação e a dimensão ôntica da própria questão do ser. Nessa perspectiva, temos em nosso horizonte

de possibilidades a busca por continuar a compreender a nós mesmos, lidando com o sentido das vivências presentes em nosso contexto existencial. Nada faz sentido isolado. (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 66).

Não há sentido isolado pois somos-no-mundo-com-os-outros. Portanto, é sendo-no-mundo-com-os-outros que se arranja o bailar do existir.

## 2.2 O coreto circulado pelo baile e seus dançantes

*Neste momento de música eles sentiram-se donos da cidade.*

*E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos  
porque eram todos eles sem carinho e sem conforto  
e agora tinham o carinho e conforto da música.*

*Jorge Amado*

Em vias da ótica defendida até então, cada lugar visitado e assinalado nesta discussão – a pessoa, a cidade, a praça, o coreto – levanta-se firmado e movimentado pela dança e, ao se entrelaçarem, constituem um lugar particular: o domínio da existência. Afinal, nos embalos da dança esses lugares se agitam e há produção de significados.

Em Poços de Caldas, o coreto não se separa da dança e a dança não se separa do coreto, embora possuam cada qual sua onticidade, sua particularidade antecedente e propiciadora para a existência. E essa relação integra e articula as pessoas e a cidade registrando na historicidade de cada uma vastas significações acerca daquilo que são e podem tanto mais ser.

Afinal, os modos como os corpos – as pessoas – compõem os significados e os expõem é de importância fundamental para a perspectiva que entende a pessoa que dança e a dança inseparáveis do contexto onde suas propostas são mostradas (SETENTA, 2008).

À um contexto está conexo “[...] um conjunto de condicionantes ecológicos, isto é, sociais, econômicos, políticos, culturais, geográficos, históricos, na geração dos significados que as pessoas elaboram acerca de suas realidades.” (WIESENFELD, 2005, p. 66).

Portanto, todo significado está integrado ao contexto a partir do qual é surgido e o contexto caracteriza o lugar da inter-relação pessoa-ambiente sendo deste lugar o significante próprio. Então, de que modo se dá o fenômeno ao redor do coreto e quais significados emergem pela experiência neste contexto?

Os bailes do coreto acontecem nas noites de quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo. Seu início é dado aproximadamente às dezenove horas e o encerramento antes da meia noite.

Em sua colocação histórica, um registro oficial do começo dos bailes na praça é datado em novembro de 1980 e está gravado em uma placa ao lado do coreto: *“A seresta em Poços de Caldas foi instituída na administração do Prefeito Ronaldo Junqueira e secretário municipal de turismo e comunicações Doutor Rafael Acconcia em novembro de 1980 (ALVISI, 2007).* Todavia, com base na tradição oral dos municípios, a acontecência dos bailes ao redor do coreto remonta mais de cinquenta anos e sugere uma representação vivencial e simbólica, distingue um lugar emblemático de comunicação e socialização de autobiografias ritmadas por significados.

Ao som de instrumentos musicais variados – acordeom, violão, baixo, bateria, pandeiro e triângulo – que produzem diversas harmonias, as pessoas que ali estão juntam-se em pares e giram em torno do coreto movimentando seus corpos com sorrisos cunhados na face.

A experiência do dançar em cada baile começa ao soar dos instrumentos e refere breve parada quando uma música é encerrada para que outra seja executada. A breve parada entre cada canção sustenta uma continuidade que anuncia não só a próxima melodia a caminho, mas também o erigir de outros e novos movimentos.

Na expressão dos corpos percebe-se a proposição de modos de viver e ser, pois a dança “[...] em um corpo resulta de uma série orquestrada de eventos em simultaneidade, de ligação fenomênica deste corpo com o que o envolve, via percepção até a aprendizagem, a memória muscular, e aquilo que resulta em arte.” (KATZ, 2005, p. 197).

A dança, nesse sentido, é considerada como uma expressão de movimentos guiados pela música. “Dançar desperta emoções positivas, prazer e socialização. São esses fatores que motivam o indivíduo a dançar e os mantêm empenhados na atividade” conforme mencionam Witter et al. (2013, p. 193) fundamentando-se em Tavares (2001).

As pessoas que frequentam os bailes – os dançantes – demonstram, de fato, satisfação e alegria na experiência que vivenciam ao redor do coreto e no tocante à socialização são nítidas as trocas dadas entre os olhares e os diálogos firmados no contexto. Pessoas que se encontram em momentos distintos no ciclo da vida, atravessando gerações e as diferenças que as permeiam, se correspondem no vivido ao redor do coreto.

Em sua maioria, os participantes dos bailes são idosos, embora alguns jovens e crianças também marcam presença no local ora como dançantes – em menor recorrência – ora como testemunhas – de modo mais explícito.

Dançando, os idosos flutuam entre o colorido e o alinhamento de suas vestimentas e nos intervalos de cada música aguardam, ao redor do coreto, que alguém os convide para dançar, pois ocorre alternância de parceiros. Há também casais que conservam a parceria na variabilidade do repertório musical, em cada canção que provoca voltas e movimentos do existir em torno do coreto.

A evidenciação do público dançante que dota de autenticidade os bailes ao redor do coreto pode nos aproximar de noções dadas em produções científicas acerca das relações possíveis entre a dança e o envelhecimento precedentes ao fenômeno que se manifesta em Poços de Caldas. Podemos nos deparar com algumas delas.

Leal e Haas (2006), por exemplo, assinalam que as interconexões entre a dança e o envelhecimento correspondem às possibilidades de promoção de qualidade de vida nesse momento do ciclo vital; apontam a importância dessa prática como atividade física para os idosos e referem-na como via de transformação da vida corroborando uma experiência mais abrangente da existencialidade.

Citando Robato (1994), Leal e Haas (2006, p. 66) destacam que

[...] a dança pode ter seis funções: auto-expressão, comunicação, diversão e prazer, espiritualidade, identificação cultural, ruptura e revitalização da sociedade. A dança tem forte caráter sociabilizador e motivador; seja em par ou sozinho, seja velho ou criança, seja homem ou mulher, dançando todos nos sentimos bem. É uma prática para toda a vida, que nos desperta sentimentos e desenvolve capacidades anteriormente inimagináveis.

Paiva et al. (2008), por sua vez, enfocando as atividades do Programa de Atividade Física para a Terceira Idade (PROFIT) realizado na UNESP – Universidade Estadual Paulista – desde 1997, aludem que a dança para os idosos é um recurso aliado à promoção da qualidade de vida e potencialização da aprendizagem em razão dos distintos ritmos e movimentos que detém. Mostram que do ano de 2001 a 2008 foram publicados 14 trabalhos que assinalam esses benefícios em razão da consideração da dança como uma atividade física.

No tocante a aspectos metodológicos em produções científicas acerca da dança e o envelhecimento, Witter et al. (2013), ao realizarem uma análise nas bases de dados LILACS, MEDLINE e SciELO acessadas pela Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), servindo-se dos descritores dança e idoso(s) e dança e envelhecimento, e detendo o olhar sobre o tipo de

publicação, título, autoria e gênero, estrutura discursiva dos resumos, tipo de pesquisa, estratégias e tipo de análise, recolheram

[...] 82 artigos; mas 14 artigos foram excluídos devido a ausência de resumo, totalizando 68 artigos para a análise. Os resultados metacientíficos revelaram que: 92,64% eram artigos; melhor adequação do título quanto ao número de vocábulos; 89,9% publicações de autoria múltipla produzida por ambos os gêneros; estrutura dos resumos adequada; as pesquisas de campo (82,35%), descritivas (57,36%) e a análise quantitativa (45,6%) são as mais utilizadas. (WITTER et al., 2013, p. 191).

Os mesmos autores concluíram que os resumos adequam-se aos parâmetros metacientíficos, afora pelo título, e tornam-se necessárias novas pesquisas com delineamentos experimentais fundamentados em evidências e análises inferenciais dos resultados para que haja avanços do saber a respeito da dança e envelhecimento.

Ramos et al. (2014), ao realizarem uma revisão bibliográfica seguida de análise de 28 artigos publicados nos anos de 1999 a 2012, avaliaram o impacto da dança como prática terapêutica em programas de reabilitação e lazer. Demonstraram que a dança está presente na vida das pessoas de muitos modos e maneiras dependendo do contexto e momento histórico em que se dá. Nas vivências de idosos, a dança promove alegria e bem-estar e pode gerar benefícios no tratamento de doenças como a depressão, artrose, osteoporose e distúrbios cardiovasculares em se tratando da estimulação da circulação sanguínea, fortalecimento dos músculos e ossos e estimulação da positividade. Os mesmos autores também mencionaram que a dança aprimora características físicas, mentais, sociais e de saúde e contribui para o aumento da expectativa de vida.

E Silva et al. (2016), em estudo realizado com nove idosos residentes de uma Instituição para Longa Permanência de Idosos em Belo Horizonte, assinalam que a dança e a música são as atividades preferidas dos idosos institucionalizados, sendo a dança reconhecida como uma atividade física propiciadora de qualidade de vida. Os autores defendem que, como uma atividade terapêutica, o dançar para idosos resulta

[...] em benefícios de função motora e coordenação, além do cognitivo, bem-estar e autoimagem, que incrementam o processo criativo. Isso capacita os indivíduos para a reconciliação de conflitos emocionais e facilita o desenvolvimento pessoal por meio da autopercepção. [...] [e pode] [...] reverter ou minimizar a relação entre autonomia e independência e seu declínio devido à institucionalização, como os aspectos físicos e sociais [...]. (SILVA et al., 2016, p. 80).

Estes são alguns dos estudos que apresentam interconexões entre dança e envelhecimento e concentram, no geral, impressões da dança para esse público como uma

atividade física propiciadora de qualidade de vida e bem-estar incidente sobre as dimensões biopsicossociais de tais sujeitos.

Essas perspectivas põem em relevo a indubitável importância da garantia do bem-estar para a pessoa idosa assumida de modo direto pela alcunha “qualidade de vida” estendida e visada nas variáveis de sua promoção, manutenção e aportes e justificam que as investigações sobre o envelhecimento são pertinentes não só em razão do aumento do número de anos vividos por uma pessoa, mas também porque concentram desafios para os contextos demográficos e aspectos fenomenológicos de natureza biopsicossocial relacionados à percepção, acolhimento e atenção às pessoas idosas no âmbito das inter-relações e das políticas conforme apontam Carvalho e Andrade (2000).

No cenário mundial notam-se frequentes e tendentes movimentações que expressam interesse em abordar as inerências da qualidade de vida que culminam com os intensos esforços da comunidade científica para analisar os distintos aspectos atrelados às suas compreensões a partir de vários estudos que servem-se de instrumentos de enfoque quantitativo e/ou qualitativo para assinalar seus incrementos, o que incide sobre o aumento do número de publicações a respeito (DANTAS; SAWADA; MALERBO, 2003; SEIDL; ZANNON, 2004).

Este panorama remete ao imperativo de uma abordagem apropriada do constructo qualidade de vida. Todavia, como uma das expressões de modos distintos de estilo de vida sustentável, a qualidade de vida é tratada de múltiplas maneiras em pesquisas de diversas áreas.

Um dos modos recorrentes desta abordagem articula-se à noção de bem-estar subjetivo conforme apresentada por Giacomoni (2004). E tal noção decorre de um processo histórico.

Giacomoni (2004) menciona que a ideia de “boa vida” era utilizada após a Segunda Guerra Mundial e fazia referência aos bens materiais que os indivíduos possuíam. Ter qualidade de vida na época representava a posse da casa própria, de veículo, de aparelhos com recursos tecnológicos, ou seja, acenava à colocação de condições materiais de vida que proporcionassem conforto.

Dado o registro do progresso sobre as culturas, a concepção da qualidade de vida foi sendo ampliada e estendida às questões da saúde, educação e trabalho. A partir da década de sessenta, os parâmetros estabelecidos passaram a ser insuficientes para compreender a qualidade de vida das pessoas que se distanciavam das concepções vigentes. Assim, a percepção da pessoa sobre sua própria vida passou a ser apreciada enfatizando a dimensão de sua singularidade, ou seja, o modo de a pessoa conceber esse fenômeno.

Contudo, o termo qualidade de vida no âmbito da saúde é marcado por generalidade, ora nomeando eventos científicos, ora associado a modalidades de trabalhos nesses eventos. Embora seja tão presente nesses cenários, ainda são necessários muito esforços para que o termo conquiste o lugar de conceito e apresente-se operativo. Na área médica, por exemplo, a qualidade de vida já está incorporada à prática profissional – qualidade de vida em saúde – assinalando melhorias necessárias às condições de vida das pessoas. Mas, em muitas das atuações em saúde, desconsidera-se o contexto cultural, social e o histórico e percurso de vida das pessoas no tocante à compreensão, avaliação e promoção de sua qualidade de vida (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000).

Frente diversas compreensões sobre qualidade de vida, uma conceituação frequentemente utilizada é a da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para a OMS, qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.” (The WHOQOL Group, 1995).

Esta definição, conforme Fleck (2000), abrange a complexidade das compreensões relacionadas à qualidade de vida e inter-relaciona o meio ambiente com os aspectos físicos, psicológicos, os níveis de independência, as relações sociais e as crenças pessoais.

Logo, as definições do termo qualidade de vida envolvem questões semânticas e polissêmicas e articulam parâmetros que relevam a singularidade de uma pessoa como “condições e estilos de vida” (felicidade, realização pessoal, bem-estar, grau de satisfação atribuído ao modo de existir) e a objetividade como “equidade ao acesso aos bens materiais e culturais” (que permite a satisfação das necessidades primordiais do ser humano). Consequentemente, o termo abarca questões mais densas como democracia e direitos humanos, até mesmo o campo dos valores como amor, afeto, liberdade, solidariedade (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p.10).

Em presença das complexidades para a definição do termo qualidade de vida, Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 08) apresentam uma descrição significativa do constructo assinalando que qualidade de vida é

uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele

se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural.

As compreensões do termo, neste sentido, abarcam o ser humano – a pessoa – que “tem uma história de vida, um conjunto de crenças e valores, que possui um sistema de conhecimentos sobre o ambiente e que pode se defrontar com o desconhecido diariamente” (BASSANI, 2001, p. 50).

Desse modo, defendo que, para uma colocação apropriada do termo qualidade de vida, o caráter da *singularidade* a ele atrelado é um elemento delimitador, terminante e fundamental em se tratando do experienciar o mundo no campo de sentido e olhar próprios de uma pessoa assinalando diversos modos de seu bem-estar.

Assim, a qualidade de vida, no caráter da singularidade, abarca o bem-estar nas dimensões física, psicológica e social de uma pessoa. Sob essa ótica, tais termos vinculam-se mas, ao mesmo tempo, possuem diferenças (CORRÊA, 2006; CORRÊA; BASSANI, 2011).

Os atrelamentos entre qualidade de vida e bem-estar são destacados por Moreno e Pol (1999) considerando-se três argumentos: ambos são componentes centrais em intervenções e gestão ambiental visto que esses termos estão descritos nas legislações europeias e estatais; a intervenção e gestão ambiental chega a um ponto de desenvolvimento que carece de um modelo de qualidade de vida e bem-estar como referência e toda intervenção prevê efeitos sobre as pessoas nos distintos contextos em que se encontram o que afeta, por sua vez, as suas condições de vida e bem-estar.

No tocante às diferenças entre os termos, Moreno e Pol (1999) colocam que a qualidade de vida envolve atitudes, aspirações, expectativas, nível de vida, necessidades expressadas, satisfação – de modo geral – e diversos outros aspectos psicossociais enfocados por uma pessoa. Já o bem-estar pode ser compreendido como *well-being* – o *estar bem*, um aspecto do bem-estar que abarca uma dimensão mais individual e psicológica e como *welfare* – um estado de bem-estar que envolve a garantia de estruturas sociais (política, economia).

Partindo do reconhecimento destes elementos, mobilizar a garantia e a promoção da qualidade de vida em qualquer etapa do desenvolvimento humano cobra desafios, pois cada pessoa pode dar a direção que escolher às suas possibilidades de bem-estar. Contudo, fazendo referência ao que o The WHOQOL Group (1995) defende em relação à compreensão dos estilos de vida adotado pelas pessoas a partir de quatro dimensões da qualidade de vida, é aceitável articular ao seu componente de singularidade o caráter de *multidimensionalidade*.

Nesse sentido, a partir da singularidade de uma pessoa, a qualidade de vida abre-se em extensões que contribuem para a feitura de análises de suas facetas (a) física, que se relaciona à percepção da pessoa sobre sua condição física; (b) psicológica, que se refere à percepção da pessoa sobre sua condição afetiva e cognitiva; (c) relacionamento social, atrelada à percepção da pessoa sobre os relacionamentos e papéis sociais que adota na vida; e (d) ambiental, associada à percepção da pessoa sobre os aspectos diversos relacionados ao ambiente onde vive.

Penso que, no que tange as diversas abordagens da pessoa idosa nos vários contextos em que vive e experiêcia seu existir, tais dimensões podem ser consideradas para levantamento das noções e modos sobre a qualidade de vida e o momento do ciclo vital em que se encontram tanto quanto seja possível, não descaracterizando o que é típico da singularidade de cada idoso, mas propiciando modos pertinentes de entendimento sobre o que a promoção e garantia da qualidade de vida significa para cada um.

Essa concepção dirige-se à noção de que, ao redor do coreto da praça de Poços de Caldas, os dançantes comunicam seu mundo vivido envolvido por significados particulares e singulares que assinalam uma fenomenia própria que pode, sem dúvidas, refletir sobre as dimensões de sua pessoa e existência e corroborar modos distintos de ser e bem-estar no mundo com os outros.

De dado modo, há convergências desse panorama aos achados científicos que foram antepostos neste tópico em relação aos ajuntamentos entre a dança e o envelhecimento. Todavia, o fenômeno que se revela ao redor do coreto da praça em Poços de Caldas é algo único; os significados tecidos por aqueles que estão implicados nesta experiência imediata também se apresentam em uma esfera particular.

Ao redor do coreto, a dança experienciada pelos idosos é portadora de uma mensagem transformadora que junta o passado, o presente e o devir num acontecimento que está afinado com o poder-ser próprio de cada pessoa. Dançando ao redor do coreto, os idosos revitalizam a praça, revitalizam os outros, revitalizam a si próprios e fazem viger seu existir.

### 3 AVISTANDO A PORTEIRA DA SAUDADE

#### EnvelheSer

*Toda saudade é uma espécie de velhice.  
É por isso que os olhos dos velhos vão se enchendo de ausências.*

*Rubem Alves*

Os estudos sobre o envelhecimento têm sido apresentados a partir de referenciais específicos do saber e de modo interdisciplinar. A aproximação científico-investigativa deste fenômeno esboça uma paisagem: distintas teorias defendem uma posição quanto seu enfoque que contrasta com as múltiplas características de seus desdobramentos nas dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Assim, as instâncias científicas que abordam o fenômeno em questão ora concentram atenção em uma tônica específica da temática, ora procuram articular em seu bojo aspectos variados para a compreensão do assunto.

Isso faz distante uma circunscrição definitiva da temática que, embora perseguida, de fato é inalcançável pela peculiaridade de cada olhar que pode captar de modo distinto uma realidade fenomênica. Afinal, o fazer científico é marcado pela multiplicidade de proposições que se fixam em posições *sui generis* e que, ao mesmo tempo, assinalam um horizonte de *variatas generis* que referem o não absolutismo da verdade.

No cotidiano da vida esse assunto também nos atravessa. Afinal, trata-se de uma realidade humana. Um dia desses, por exemplo, após o trabalho, ao retornar para minha casa, passei por uma padaria que costumo frequentar para comprar alguns pães para o café da manhã seguinte. Ao aproximar-me do balcão do caixa para pagar pela compra, deparei-me com uma revista de livre circulação exposta numa prateleira, *Vida Simples*, edição 177 de novembro do ano de 2016. Na capa apresentava-se o seguinte título: “*Como envelhecer: é possível aceitar a passagem do tempo com mais delicadeza e manter o encantamento pela vida em qualquer fase da jornada*”. Não hesitei. Adquiri um exemplar.

Na matéria, Holanda (2016, p. 22) refere que o tempo não apanha nossa essência, o que fomos, aqueles com os quais nos relacionamos, tudo que edificamos ou colocamos no chão, os adeuses que tivemos que conferir, as lágrimas que choramos com alegria ou tristeza, os relacionamentos amorosos e filhos que tivemos – ou não –, as ilusões e sonhos. “Tudo isso faz parte de cada um de nós, da nossa história, do nosso ciclo de vida. Permanecemos em nós

mesmos, só que mais velhos.” E, ao final do texto, a autora abria um convite ao leitor: é mais autêntico e plenificador abraçar, aceitar e celebrar as marcas do tempo ao invés de atracar-se com elas ou escondê-las a qualquer preço.

Este pode ser considerado um dos modos de despontar deste fenômeno circunscrito em nosso cotidiano. Desde as revistas postas em prateleiras de padarias até bancas de jornais, livrarias, recursos midiáticos e diversos outros cenários marcados por nossos movimentos o fenômeno envelhecimento nos visita, alcança e solicita reflexões e compreensões.

O envelhecimento é um dos desafios mais prementes em razão dos diversos aspectos que a ele estão interligados convocando discussões e um compromisso que pode abrir as possibilidades para novos modos sustentáveis de consumo e para a apresentação de políticas que abranjam suas vertentes. Afinal, o envelhecimento, bem como a intensa busca do rejuvenescimento, está cada vez mais registrando presença nos espaços concedidos pelos meios de comunicação (ARAÚJO; LOPES, 2015) e em diversos âmbitos outros da vida.

Muitas pessoas buscam viver mais de um modo pleno com sentido e realização. O envelhecer é visto, portanto, como um momento de vida que um número cada vez maior de pessoas pode alcançar em todo o mundo. Araujo e Lopes (2010) referem a esse respeito que o Brasil não foge desse quadro de intenso aumento das estimativas do tempo de vida das pessoas e isto exige transformações na sociedade hodierna.

No Brasil, o Censo realizado em 2010 pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) projetou que o número de idosos no país quadruplicará até 2060 transitando de 14,9 milhões (7,4% do total de habitantes) em 2013 para 58,4 milhões (26,7% do total de habitantes) em 2060.

O IBGE (2002) também já havia referendado no ano de 2002 sobre o crescimento significativo da população idosa no Brasil nos últimos quarenta anos acenando que até o ano de 2030 o grupo de idosos de 60 anos ou mais no Brasil mostrar-se-ia maior que o grupo de crianças com até 14 anos.

Em 2013 a projeção do número de idosos no Brasil foi atualizada pelo IBGE (2013) considerando-se os dados obtidos no Censo 2010 e as informações contemporâneas quanto aos registros de nascimentos e mortes no Brasil, e esta projeção ofereceu novas perspectivas sobre o fenômeno.

Considerando-se a atualização da projeção da população de idosos no território nacional realizada pelo IBGE no ano de 2013, do ano de 2000 ao ano de 2060 a população de

idosos na faixa de 60 a 69 anos passará de mais de quatro milhões para um pouco mais de quinze milhões de habitantes. Tal projeção articula-se e reforça a faceta do aumento da expectativa média de vida do brasileiro que, no Censo 2010 (IBGE, 2010), fora assinalado num crescente dos 75 para 81 anos de idade, sendo que as mulheres viverão mais que os homens (aponta-se que em 2060 a expectativa de vida das mulheres será de 84,4 anos contra 78,03 dos homens).

O aumento da população idosa no Brasil também promoverá – o que já é percebido – diversas transformações socioeconômicas no país. Em notícia apresentada em 29 de agosto de 2013, por exemplo, a BBC Brasil (BBC, 2013) referiu que uma das mais enfáticas dessas transformações diz respeito ao que especialistas chamam de “bônus demográfico” ou “janela de oportunidades”. Trata-se do surgimento de oportunidades para o país quando o número de pessoas consideradas economicamente produtivas é maior do que a parcela da população dependente.

Todavia, em decorrência dos acontecimentos políticos e econômicos desdobrados desde o ano de 2010 em nosso país, o “bônus demográfico” ou “janela de oportunidades” tem sido ineficaz. Isso se deve ao fraco desempenho econômico e à redução de oportunidades de empregos formais<sup>5</sup> no Brasil conforme assinala Alves (2015). A problemática “[...] não está na dinâmica da razão de dependência demográfica, mas na falta de dinamismo do crescimento econômico e na oferta de vagas. Geralmente, os jovens e os idosos são os mais prejudicados.” (ALVES, 2015, p. 12).

Devido à crise econômica, a janela de oportunidade já começou a se fechar, com o percentual da PEA diminuindo em relação à população total. Nesta situação, cresce a preocupação com o envelhecimento, com a diminuição absoluta e relativa do número de trabalhadores em idade ativa, com o agravamento do desequilíbrio do sistema previdenciário, com o déficit fiscal do Estado e o endividamento das famílias, com o alto custo das doenças crônicas para o sistema de saúde e a assistência social, etc. [...] o envelhecimento, ao invés de ser visto de maneira negativa, como um desafio insolúvel, poderia ser visto como uma oportunidade. Porém, a crise econômica por que passa a sociedade brasileira pode colocar o futuro em perigo, trazendo o fantasma da perda de qualidade de vida e degradação do bem-estar. (ALVES, 2015, p. 15).

A esse fenômeno relaciona-se outra transformação socioeconômica no Brasil: a queda da fecundidade. Com o aumento da expectativa de vida, o número de filhos por mulher

<sup>5</sup> Conforme Alves (2015, p. 12), “o CAGED aponta a geração de apenas 152 mil empregos em 2013, sendo que, em 2015, houve perda de 81.774 empregos em janeiro e perda de 2.415 empregos em fevereiro.”

diminuirá. Conforme a BBC Brasil (2013), as brasileiras tinham o primeiro filho, em média, aos 26,9 anos. Em 2030 o primeiro filho nascerá quase três anos depois, aos 29,3 anos.

Atrelada ao fechamento da chamada “janela de oportunidades”, a queda da fecundidade no Brasil mostra que, se a fecundidade continuar diminuindo, muito em breve teremos uma população envelhecida para a qual faltará cuidadores familiares conforme assinala Bilac (2014).

Na escassez de cuidadores familiares, quem assistirá os idosos no ano de 2030 em nosso país? Esse desafio acena que “[...] a mercantilização dos cuidados seguramente os tornará de difícil acesso a boa parte de nossa população.” (BILAC, 2014, p. 143). Numa paisagem como essa será necessário rever a importância de políticas e demais ações que possam viabilizar o cuidado aos idosos e crianças nesse futuro próximo.

O crescimento da população também sofrerá inferências a partir dos dados projetados, sendo colocado em processo de decaída. O Censo realizado pelo IBGE em 2010 (IBGE, 2010) estimou que o número de brasileiros crescerá até 2042 e a partir deste ano o número de óbitos superará o de nascimentos. Assim, em 2060 aferi-se que o país terá o mesmo número de habitantes que em 2025 (em torno de 218,2 milhões).

Com o possível declínio no número de habitantes em nosso país a partir do ano de 2042 haverá expectativas de vida em cena? Como as pessoas lidarão com os óbitos recorrentes e crescentes? Os serviços de saúde serão suficientes em quantidade e qualidade? O que isso insinuará no tocante ao desenvolvimento integral de nosso país (se é possível expectar tal conjectura)?

Frente esse panorama, Araujo e Lopes (2010) referem as obras de Manonni (1995) que enfatizam a proposta de uma nova cultura da velhice dada a partir do século XX corroborando que esse momento da vida seja compreendido a partir de um novo olhar: trata-se da sustentação da ideia de que os lutos pelas potencialidades diminuídas pelo envelhecer sejam efetivados. No entanto, esses lutos devem ser considerados em sua combinação com outros aguilhoamentos que constroem um novo corpo, um novo ser e que implica intensamente a presença do outro.

Tal olhar articula-se à noção de envelhecimento ativo, termo este cunhado pela Organização Mundial de Saúde no final de 1990 que procura transmitir uma mensagem mais abrangente do que a ideia de envelhecimento saudável, frisando que devem ser considerados outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem para além dos cuidados com a saúde (KEINERT; ROSA, 2009).

Keinert e Rosa (2009) ainda destacam que a abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos da pessoa idosa e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. O planejamento estratégico para efetivas intervenções neste cenário migra de um enfoque das necessidades biológicas ou de submissão a um ponto de vista sustentado nos direitos que põe em relevo o reconhecimento dos direitos da pessoa idosa à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os âmbitos da vida amparando e convocando, inclusive, a responsabilidade dos mais velhos a participarem de processos políticos e demais conjecturas da vida em comunidade.

Conforme defendem Oliveira et al. (2014), superando os desafios dados nas dimensões biopsicossociais, a noção de envelhecimento ativo concentra em seu bojo um projeto para o futuro intencionado à realização dos direitos humanos, sociais, à saúde e educação em vias do cumprimento das políticas voltadas à pessoa idosa, efetivando a promoção de saúde não apenas no cenário sanitarista, mas também socioeconômico durante o curso de vida.

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. (OMS, 2005, p. 13).

O envelhecimento ativo agrupa alguns fatores determinantes, conforme destaca Jacob Filho (2009). São eles: a Avaliação Global do Idoso (AGI); o estímulo à atividade física regular; as mudanças de hábitos deletérios; a adequação nutricional; a postergação do início das doenças; o uso criterioso de fármacos; a compensação das limitações; a manutenção dos papéis sociais e a ampliação da rede de suporte social. Tais fatores põem em destaque as inerências da promoção e garantia da qualidade de vida para a pessoa idosa a partir da consideração de suas aptidões para manter autonomia e independência.

A partir de outra perspectiva, a noção de envelhecimento “[...] aproxima-se de um princípio organizacional para alcance de metas, que ultrapassa a objetividade da saúde física, expandindo-se em um *continuum* multidimensional.” (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 91). É o denominado envelhecimento bem sucedido.

Teixeira e Neri (2008) colocam que a noção de envelhecimento bem sucedido não se ampara em estudos que priorizam apenas a longevidade como um critério do envelhecer, mas envolve diversos fatores individuais, sociais e ambientais que produzem e modificam a saúde.

O conceito gera debates porque depende de uma apreciação individual que é justificada no bem-estar subjetivo. São infinitas as formas de sentir e avaliar a própria vida, de maneira que a interpretação literal da expressão “bem-sucedido” sugere uma noção simplista de sucesso ou fracasso. [...] [pois] [...] Envelhecer bem é uma questão pragmática de valores particulares que permeiam o curso da vida, incluindo as condições próximas da morte. (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 91).

Acerca do envelhecimento bem sucedido, Neri e Yassuda (2012) destacam que os parâmetros mais aceitos e basiladores de uma noção de envelhecimento bem sucedido ou ótimo são a ausência de incapacidades funcionais, a ausência de doenças físicas e mentais crônicas, a ausência de fatores de risco no âmbito da saúde, a manutenção do funcionamento físico e mental e o engajamento ativo na vida.

Nesse sentido,

Uma velhice bem-sucedida revela-se em idosos que mantêm autonomia, independência e envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos, com o lazer, com a vida social. Revela-se em produtividade e em conservação de papéis sociais adultos. Traduz-se em autodescrições de satisfação e de ajustamento. Reflete-se em reconhecimento social às pessoas porque lhes permite oferecer contribuições à sociedade ou ao grupo familiar, proporcionando que sejam vistas como modelos de velhice boa e saudável. (NERI; YASSUDA, 2012, p. 08).

Embora esse termo traduza uma leitura potencializadora do envelhecimento, as mesmas autoras retratam que o número de pessoas que alcança integralmente esse padrão no envelhecer é incipiente, “[...] porque, além da genética, o estilo de vida e as condições socioeconômicas e culturais podem impor restrições [...]” (NERI; YASSUDA, 2012, p. 08).

Portanto, são variados os olhares que se lançam sobre o fenômeno envelhecimento e assinalam diversos dos seus aspectos que o tonalizam e fragmentam abordando-se insuficientemente, no geral, os diferentes e distintos modos de existir próprios da pessoa idosa em sua integralidade e seu cerne biográfico.

A esse respeito, Simões (1998) faz referência ao desafio que é caracterizar a pessoa idosa, pois sua complexidade reside na utopia de delinear um perfil da pessoa em face de suas particularidades. Além disso, as disposições e tendências da pessoa também envelhecem em proporções diferentes, o que denota que a idade de uma pessoa atrela-se às inerências de suas dimensões biológica, psicológica e sociológica.

O processo de envelhecimento, sem dúvida, desencadeia o aumento de limitações de ordem biológica, em decorrência de fatores de natureza genética e ambiental. No entanto, ressaltados casos de ocorrência de patologias graves que comprometam funcionalidade física e mental, na velhice, é possível haver conservação de competências e habilidades intelectuais, bem como do funcionamento do ego. A acumulação de experiências permite a alguns idosos

até mesmo alcançar elevado grau de especialização e domínio nos mais diversos campos das atividades humanas (SIMSON; GIGLIO, 2012, p. 131).

Sob a perspectiva biológica, o envelhecimento tem seu início no nascimento da pessoa e se encerra em sua finitude, na ocasião de sua morte. Mas é importante considerar as diferenças individuais em cada pessoa que se encontra neste momento da vida. Araujo e Lopes (2010), a esse respeito, colocam que a noção de declínio não é suficiente para caracterizar o envelhecimento porque para cada pessoa ele ocorre de modo distinto e não compromete o processo de desenvolvimento de um indivíduo da mesma maneira.

No tocante aos aspectos psicológicos, Simões (1998) assinala o dinamismo e complexidade dos processos nesta dimensão pois, ao mesmo tempo em que a pessoa idosa demonstra perda de iniciativa, desmotivação e insegurança, por exemplo, não há uma relação direta entre o envelhecer e o declínio das potencialidades psicológicas.

Griffa e Moreno (2012) mencionam ainda que as alterações dadas nas funções psicológicas da pessoa idosa possuem relação com as transformações ocorridas em sua dimensão biológica, mas não são necessariamente determinadas por elas, considerando-se também os liames das relações no contexto social.

Há modificações da personalidade do idoso – o que é efetivado ao longo de todo o processo do desenvolvimento – todavia, tais modificações são possibilidades para que a pessoa idosa, nas suas inter-relações com o mundo, com o outro e consigo mesma possa ter ampliadas suas potencialidades e interpretações distintas acerca de suas experiências vendo-as de forma mais positiva e tendo mais condições de se adaptar em novos contextos de vida.

Quanto à dimensão sociológica, a pessoa idosa pode ser considerada como uma carga econômica ou uma ameaça às mudanças. De modo geral, o idoso é discriminado culturalmente e visto como alguém descartável e improdutivo. A aposentadoria, por exemplo, é uma das ocorrências que reforça essa noção considerando-se que o direito a ela se universalizou.

O discurso sobre o ‘peso social que hoje os velhos constituem’ tem nessa instância pública um lugar entronizado. É reforçado pela ideia de que a situação do aumento dessa população é insustentável com a manutenção do direito universal da aposentadoria. Portanto, o aparato do Estado tende a ver de forma catastrófica as próprias instituições político-sociais que criou para atender os idosos. (MINAYO; COIMBRA JÚNIOR, 2002, p. 18).

Sob a égide deste aspecto, desconsidera-se que a pessoa idosa é uma “fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]”

conforme mencionado por Chauí na Apresentação de *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1999, p. 18).

Desse modo, o efeito acumulativo dos fatores fisiológicos, psicológicos e sociais pode ser visto de maneira positiva no desenrolar da vida dando vazão a novas oportunidades para o crescimento e realização, o que não exonera os desafios do envelhecer, e coopera para uma compreensão do envelhecimento como um processo contínuo que ajunta as experiências anteriores, os estilos de vida e os padrões e traços de personalidade de uma pessoa (ROBISCHON; AKAN, 1979).

Esse processo contínuo enfatiza as inerências do desenvolvimento humano que, conforme Witter (2006), com base nos trabalhos de Havighurst, pode ser compreendido a partir de um modelo biopsicossocial que integra variados olhares teóricos sobre o processo desenvolvimental do adulto idoso denominado ciclo da vida (*life span*). Conforme a mesma autora, Havighurst sugeriu uma série de etapas de desenvolvimento que se distinguem por tarefas biopsicossociais que a pessoa deve desempenhar para que, por meio de cada uma delas, possa alcançar êxito em cada região do mundo, o que não ignora as características peculiares de cada indivíduo em decorrência de sua realidade sócio-histórica e pessoal.

Entende-se por tarefas de desenvolvimento aquelas que a pessoa deve cumprir para garantir seu desenvolvimento e seu ajustamento psicológico e social. São tarefas com as quais a pessoa satisfaz “suas necessidades pessoais de evolução e para garantir o próprio desenvolvimento e manutenção de padrões sociais e culturais específicos” (Melo, 1981, p.21). Mais ainda, além de garantir a formação e a atuação do cidadão, devem dar base de sustentação para o progresso (pessoal e social) e bem-estar humano. (WITTER, 2006, p. 14).

As tarefas não se apresentam estagnadas em cada momento do ciclo vital, embora cada uma delas seja característica à etapa em que se realiza e exista relações entre elas, sendo que se algum prejuízo é registrado no cumprimento de uma ou mais das tarefas, tal prejuízo pode se estender para as demais que advém posteriormente.

Elas iniciam na infância perpassando a juventude e alcançando a idade adulta e velhice. Em referência à sua expressão no envelhecimento, as tarefas são retomadas numa etapa anterior do processo de ser da pessoa, ou seja, as tarefas do adulto maduro que são

ter responsabilidades cívicas e sociais, estabelecer e manter um padrão econômico de vida, ajudar os adolescentes a serem futuros adultos responsáveis e felizes, desenvolver atividades adultas de lazer, relacionamento com esposo(a) como pessoa, aceitar e ajustar-se às mudanças físicas da meia-idade e ajustar-se aos pais idosos. (WITTER, 2006, p. 15).

E, no momento em que o envelhecimento se efetiva no ciclo da vida de uma pessoa, as tarefas que lhe são inerentes referem-se a

ajustar-se ao decréscimo de força física e saúde; ajustar-se à aposentadoria e à redução de renda; ajustar-se à morte do(a) esposo(a); estabelecer filiação a um grupo de pessoas idosas; manter obrigações sociais e cívicas e estabelecer arranjos físicos satisfatórios para viver bem a velhice. (WITTER, 2006, p. 15).

Witter (2006) menciona que o cumprimento das tarefas pela pessoa idosa é de fundamental importância para que haja uma velhice bem-sucedida e o idoso possa desfrutar de sua realização em ser e viver, bem como é importante também que a pessoa idosa obtenha apoio da família, da sociedade e dos profissionais de diversas áreas.

Sendo um momento próprio do ciclo vital que convida à realização de tarefas para que se efetive de modo ativo e bem-sucedido, o envelhecimento é, portanto, “um fenômeno ao qual não se pode ficar alheio” (ABREU, 2017, p. 24).

Do ponto de vista pessoal, há uma grande probabilidade de que sua vida se prolongue velhice adentro. Do ponto de vista de sua interação com os outros, a população de velhos está aumentando tanto, no Brasil e no mundo, que será impossível não interagir com ela. Quem vai morar nas casas que você projeta, mobiliada pelos utensílios que você inventa, usar as roupas e os acessórios que você cria, fazer os passeios que você indica, movimentar os restaurantes que você administra, preencher os hospitais onde você trabalha, consumir arte, cultura, lazer, serviços, cosméticos, medicamentos etc. é em grande parte o velho. Tanto porque ele numericamente cresce de forma exponencial como porque pode ter certa liberdade financeira que lhe permita consumir. (ABREU, 2017, p. 24).

Na abordagem do envelhecimento deve-se admitir esses aspectos e a naturalidade das interações da pessoa com o meio (físico, social, cultural) (LOPES; BUTTURA; OLIVEIRA, 2015), defendendo-se que a promoção e garantia da qualidade de vida para o idoso – considerada e integrada ao âmbito das políticas e demais vertentes implicadas ao fenômeno – deve estar apoiada na compreensão do significado do envelhecer para cada pessoa que vivencia as experiências singulares deste momento da vida nos seus mais distintos desdobramentos dimensionais.

Envelhecer não significa seguir um percurso já traçado. A esse respeito, Novaes (2000) coloca que a pessoa idosa é confrontada com novos desafios devendo abdicar-se de uma certa forma de continuidade, desenvolvendo atitudes que favoreçam a superação de dificuldades e conflitos, integrando as fronteiras do viver ao horizonte de suas possibilidades.

Essa perspectiva acerca do envelhecimento, conforme assinalam Lopes, Buttura e Oliveira (2015), põe em destaque a necessidade de reconhecer que este momento do ciclo da vida abrange dimensões vitais que não podem ser reduzidas a nenhuma das condicionalidades

ou delicadezas de uma pessoa. Assim, envelhecer não é sinônimo de enfermidade; ao contrário, esse momento da vida é caracterizado por um potencial de criação de diferentes modos de existir.

O conhecimento científico e empírico acumulado até o momento nos permite afirmar que envelhecer não é sinônimo de doença, inatividade e contração geral no desenvolvimento apesar de as crenças e atitudes negativas sobre a velhice ainda serem hegemônicas em alguns contextos culturais, sobretudo entre as sociedades ocidentais, e, possivelmente, entre algumas sociedades orientais contemporâneas. (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008, p. 797).

Envelhecer, portanto, é ser. EnvelheSer! Ser num tempo e num lugar. É ser numa história que registra ação e memória. Conforme ressalta Abreu (2017), envelheSer é descobrir os valores gestados pela vida buscando realizar-se em cada momento junto àquilo que está disponível, sabendo ser leve e conviver.

O envelheSer pode ser reconhecido no viver das pessoas idosas que

Não desperdiçam tempo nem energia enfocando suas deficiências: preferem dedicar-se a suas habilidades. Entendem a importância de cultivar relacionamentos humanos para ter uma vida plena, desempenhando as tarefas psicossociais próprias da sua faixa etária. Encontram a resposta para a pergunta proposta por Viktor Frankl: não *o que eu quero da vida*, questão cuja resposta é relativamente fácil, mas *o que é que a vida quer de mim*, qual é o meu significado para o mundo. (ABREU, 2017, p. 189).

Desse modo, abrigada no invólucro da história, a pessoa idosa – não o velho, pois “não existe um ser velho, mas um ser que envelhece em constante processo de singularização” (ALVISI, 2007, p. 15) – tem demarcada por distintos significados e sentidos as suas experiências que põem em diálogo as memórias, o contexto e as realidades de uma época que expressam seu existir.

“Todos percorremos um caminho, diverso para cada um, no contínuo processo existencial: estamos em caminho na vida.” (OLIVEIRA, 2015, p. 37). Nesse caminho, as possibilidades para descobrir os significados do existir são atualizadas e vêm ao encontro do ser humano, um ser único e múltiplo em sua própria existência.

Assim, cada pessoa pode atualizar de modo concreto sua vida recolhendo dos silos de suas experiências as possibilidades de ser numa fluidez constante que interrompe-se apenas quando declinado o sol no horizonte da vida.

### 3.1 A dança ao redor do coreto e o envelheSer

*A dança –  
não vento nos ramos:  
sem fugir à forma do ser, seiva, força, perene estar,  
um estar entre céu e chão,  
novo domínio conquistado,  
onde busque nossa paixão  
libertar-se por todo lado...*

*Carlos Drummond de Andrade  
A dança e a alma*

Os significados da experiência nos bailes ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches em Poços de Caldas, para os idosos entrevistados nessa pesquisa, se desvelam no encontro que é a própria cidade e que, em seus contornos físico-espaciais e inter-relacionais, ela mesma propicia num tempo que sedimenta o abrolho e o *lócus* do seu sentido.

Essa noção abarca o predicado que distingue o velamento e desvelamento próprios de um fenômeno e o alcinhar de seus significados nas possibilidades que sua fenomenia arremete numa temporalidade representadas numa linguagem, na palavra.

Conforme Heidegger (2003), a linguagem pronuncia, fala. E referir-se a ela nesse sentido não significa precipitar-se num vazio, mas despenhar-se para o alto. Essa altura abre uma profundidade. E ambas – altura e profundidade – dimensionam o lugar – o significado – no qual podemos nos sentir em casa e descobrir a morada do nosso ser.

A linguagem encaminhada – em dis-curso – revela, deixa aparecer, ilumina, encobre, possibilita, aproxima. A esse respeito, Heidegger (2003) alude que a essência da linguagem é o dizer, o falar. E tal falar refluí de essência da linguagem para essência da proximidade ambos embrenhando-se numa articulação, ou seja,

[...] a proximidade e o dizer, entendidos como o vigor da linguagem, são o mesmo. A linguagem não é, portanto, uma simples habilidade do homem. Sua essência, isto é, seu vigor, pertence ao en-caminhamento mais próprio do encontro face a face dos quatro campos de mundo. [...] Enquanto a saga de dizer a quadratura de mundo, a linguagem não é mais aquilo com o que nós, seres humanos capazes de falar, travamos uma relação, entendida como um relacionamento entre homem e linguagem. Enquanto saga do dizer que encaminha mundo, a linguagem é a relação de todas as relações. Ela relaciona, sustenta, alcança e enriquece o en-contro face a face dos campos do mundo, mantendo e abrigando esses campos à medida que - a saga do dizer - se mantém em si mesma. (HEIDEGGER, 2003, p. 170).

Como relação de todas as relações, a linguagem que ampara, consente e engradece o encontro com o fenômeno desvelado ao redor do coreto em Poços de Caldas é abertura no falado que impacta quem olha e mergulha no acontecimento, como ocorreu comigo quando de minha chegada em Poços de Caldas como turista.

A cidade, a praça, o coreto, o baile e seus dançantes comunicam direta e expressivamente uma congruidade permeada de cores, sons e sentidos que acoplam o poder-ser de cada uma das pessoas que ali confrontam e coabitam, provocando a designação daquilo que, uma vez dado, endereça-se aos emblemas do existir.

No debruçamento sobre o fenômeno me posicionei primeiramente como observador procurando notar a cidade e a acontecência do baile na praça Pedro Sanches em vias de escutar e sentir as palavras e as coisas que dela emergem e nela existem conforme sugere Freitas (2011, p. 07):

Leia a cidade, regozije-se, revolte-se e mude o seu cotidiano urbano se assim achar melhor. Escolha uma de suas inúmeras facetas e brinque com ela. A cidade grita, chora, resmungo, sussurra, ouve, sente. Ela, sobretudo, responde. Entre evidências e surpresas, a cidade produz permanentemente sentidos e significados para cada um de seus habitantes.

Na transição da atitude de turista à de pesquisador-turista, impostado como observador, percebi que o baile, esse fenômeno que se manifesta num espaço público e a céu aberto, transcende a espacialidade e o tempo que a cidade e seus conviventes detêm.

Como turista-pesquisador estive quatro vezes em Poços de Caldas: no mês de abril do ano de 2015 para me aproximar um pouco mais do fenômeno e nos meses de março, maio e julho do ano de 2016 para realizar as entrevistas com os participantes.

Em abril de 2015 coloquei-me em presença no baile, ou seja, em abertura na própria aparecência do fenômeno e me lancei em sua ocorrência. E dancei. Sim, dancei! Na ocasião, me aproximei de uma senhora sorridente que trajava um vestido bem colorido. Ela revezava o dançar a cada nova música tocada pela orquestra com quem a convidava para circular com movimentos ao redor do coreto. Me aproximei dela e me apresentei. Com uma solicitude ímpar, disse-me seu nome e, após, convidei-a para dançar. Ela aceitou.

Nos primeiros instantes em que nossos corpos se embalavam, embora os sons da canção podiam ser notados, o que eu escutava era um silêncio respeitoso e anunciador. Eu estava intimidado e sem jeito na situação. Mas, a medida que o movimento convocava o sentir da

experiência, fomos conversando. Nem me lembro quem iniciou o discurso. Mas, me lembro de ela dizer-me sua idade – 70 anos – e mencionar que era natural e residente de Poços de Caldas.

Num diálogo leve e sem o fim de atender o pretendido nesse estudo, pois dava-se incipientemente, aquela senhora disse-me que já fazia um ano que participava do baile ao redor do coreto e que nesse período havia emagrecido cinquenta quilos, o que contribuiu diretamente na recuperação de sua autoestima, conforme defendeu.

Um pouco antes de a música acabar, ela apontou para um senhor que estava dançando próximo a nós e referiu que ele era o responsável de ela estar ali, pois fora ele que havia ensinado a ela o dançar. Sorriu e não disse mais nada. De fato não era preciso dizer mais nada, pois a força do sentido de ela estar ali já influía em seu modo empático de se relacionar, dançar, dizer, viver e ser.

Em minha opinião, essa experiência inicial em abril do ano de 2015 no baile, o envolver-se ao fenômeno ao redor do coreto e o receber as fagulhas de sentido que foram significadas por aquela senhora com quem dancei, distinguiram uma espécie de estudo piloto, o que não anulou o essencial e próprio do vivido na ocasião.

Em mesma época, dirigi-me à biblioteca Municipal de Poços de Caldas e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Campus Poços de Caldas, para realizar um levantamento bibliográfico acerca de materiais que remetessem informações sobre o baile ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches e sobre a história da cidade, da instalação da praça e do coreto. Alguns dos materiais levantados nas duas bibliotecas, utilizados na revisão bibliográfica desse estudo, reuniam apenas informações históricas em relação à cidade sem citar o baile ao redor do coreto.

Passada essa experiência, nos meses de março, maio e julho do ano de 2016 voltei a Poços de Caldas para proceder as entrevistas com os participantes na acontecência do baile em noites de sábado. Esse momento da pesquisa foi desafiador. Os dançantes não queriam interromper o seu bailar ao redor do coreto. Quando os abordava, pediam que eu aguardasse um pouco. Eu me via estancado em meio a tanto movimento e receava não conseguir efetivar as entrevistas.

Depois de abordar pessoalmente algumas pessoas que estavam dançando e não obter sucesso para a realização das entrevistas, ora porque pediam que eu aguardasse, ora porque a pessoa abordada não preenchia algum dos critérios de participação no estudo, conversei com um dos senhores músico da orquestra e perguntei se haveria possibilidade de conversar com o

público com o apoio de microfone sobre a pesquisa na qual estava trabalhando e convidar os que desejassem e preenchessem os critérios a se dirigem ao lado do coreto, num banco, onde os entrevistaria para participarem livremente da pesquisa. A autorização me foi dada para executar o convite em alto e bom som (!) e, desse modo, o fiz nas três ocasiões em que, estando em Poços de Caldas, entrevistei os quatro idosos dançantes.

Embora mais de quatro pessoas foram ao meu encontro nas ocasiões em que estive ao lado do coreto enquanto o baile acontecia apresentando-se para participar das entrevistas, ainda assim efetivou-se a exclusão de alguns dos pretendentes, pois não atendiam aos critérios de inclusão<sup>6</sup> estabelecidos.

A caracterização dos participantes do estudo<sup>7</sup> quanto a gênero, idade, estado civil, nível de escolaridade e profissão é descrita na figura 03<sup>8</sup> a partir daquilo que os próprios participantes informaram. A respeito da característica naturalidade, todos os participantes são nativos de Poços de Caldas e exceto P4, que residiu em São Paulo em sua juventude e na adultez retornou para Poços de Caldas, residem no município desde o nascimento.

**Figura 03** – Quadro de caracterização dos participantes da Pesquisa

	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Nível de Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>
<b>P1</b>	Feminino	70	Viúva	4ª série do E. F.	Do lar
<b>P2</b>	Feminino	66	Viúva	2ª série do E. F.	Aposentada
<b>P3</b>	Masculino	67	Viúvo	4ª série do E. F.	Aposentado
<b>P4</b>	Masculino	69	Casado	4ª série do E. F.	Sapateiro

Sob o ponto de vista de gênero registra-se equitatividade – foram entrevistadas 02 mulheres e 02 homens – não tendo sido evidenciado nas informações nenhum tipo de atravessamento ou comprometimento na relação entre gênero e as experiências vividas pelos

<sup>6</sup> Ter sessenta anos ou mais; ser natural e residente de Poços de Caldas e participar do baile ao redor do coreto há um ano ou mais.

<sup>7</sup> Será utilizada a abreviatura P1, P2, P3, P4 para designar, respectivamente, os participantes e a ordem em que foram entrevistados e apresentar os excertos de suas narrativas.

<sup>8</sup> Embora a análise das narrativas dos participantes da pesquisa esteja sustentada na perspectiva fenomenológica, optei em apresentar a caracterização dos entrevistados no quadro em questão com intento didático. Portanto, a finalidade não é efetivar uma análise quantitativa das informações dadas por eles no tocante a elementos pessoais, mas corroborar no que se refere à contextualização de algumas de suas características.

idosos nos bailes. Contudo, na atitude de observador, percebi que algumas mulheres constituíam pares para a dança quando homens não o faziam. Em minha impressão, esse tópico não visita diretamente as questões de gênero mas sim de normatividade deliberada e atrelada às tradições e culturas, o que não será focado nessa discussão.

Percebeu-se também que não há uma distância cronológica significativa relacionada ao fator idade entre os participantes – o intervalo mais expressivo apresentou-se entre P1 e P2 (quatro anos de diferença), o que não confere delicadezas para o escopo da análise.

No tocante ao nível de escolaridade e à profissão dos participantes percebeu-se dada equiparidade sendo que apenas P2 distingue-se dos demais e, no que se refere à profissão, P1 e P4 difere dos demais – do lar e sapateiro, respectivamente.

Ao componente estado civil pode ser articulada uma questão: dentre os participantes, a viuvez prepondera; apenas P4 é casado. Considerando a dimensão afetiva humana, a viuvez pode encarregar o sentir-se só que destina a pessoa às atividades ou situações nas quais, interagindo com os demais, possa perceber-se acompanhada na vida.

A esse respeito, ao destacar que a vida afetiva e sexual de uma pessoa passa por uma série de transformações que culminam com o envelhecer, Socci (2011) defende que na velhice, mesmo havendo medo e raiva, a amizade e o amor são experienciados e corroboram a saúde do idoso, seu bem-estar e a plenitude de sua vida.

A viuvez é marcada por distintos modos de experiência e é confrontada dependendo da história de vida e da personalidade de cada um. Nesse sentido, Galicioli, Lopes e Rabelo (2012) mencionam que a viuvez, sendo mais frequente na velhice sobretudo para mulheres, solicita uma série de estratégias de enfrentamento para que quem a vivencia possa superá-la dentro do possível em seus desdobramentos.

Como algumas das estratégias, a pessoa que experiencia a viuvez costuma apresentar maior desejo em morar só enfatizando o exercício de uma maior autonomia e tranquilidade concentradas em autocuidado e recomeço. A espiritualidade é outro recurso utilizado por pessoas enviuvadas, bem como a participação em grupos dos mais distintos que refere a busca de suporte social (GALICIOLI; LOPES; RABELO, 2012).

Quanto à espiritualidade como recurso suportivo para a pessoa idosa, Socci (2006) defende que ela se articula à noção de busca de significado para a vida contribuindo para a ampliação do senso de bem-estar subjetivo e felicidade do idoso. E, sustentando-se no que Neri (2001) alista, a mesma autora ainda cita que

[...] a religiosidade/espiritualidade suaviza o impacto negativo de certos eventos e facilita a aceitação de perdas ligadas ao processo de envelhecimento, além de oferecer instrumentalização para o enfrentamento de situações estressantes tão frequentes nessa fase da vida, como a perda de pessoas queridas, perda de papéis sociais e perdas financeiras pela aposentadoria, entre outras. (SOCCI, 2006, p. 98).

Discutindo acerca de tais estratégias de enfrentamento, defendo que a experiência do dançar ao redor do coreto para os idosos entrevistados em Poços de Caldas também constituiu-se um recurso que contribui para a superação dos desafios que tonalizam essa etapa do ciclo da vida e que, considerando-se especificamente o idoso enviuvado, oferece sustentação para o exercício de transcender a sensação do estar só que contesta o viver e existir. Esse elemento aparece no discurso de P2 e P3.

[...] *Eu recebo sempre o salário do meu marido, né? Que eu sou viúva.*  
 [...] *Ah... desde que eu era solteira eu já dançava aqui. Eu aprendi a dançar aqui. Aí eu fui noiva de um namorado – esse que faleceu – aí eu continuei e não parei. Porque tinha que continuar né? [P2]*

P2, que se declara viúva, menciona o modo que sua experiência afetivo amorosa se funde com a experiência do dançar e, mesmo depois do falecimento do seu marido, continua participando dos bailes “*porque tinha que continuar.*” De um modo livre, P2 continua dançando para agora não mais se debruçar sobre os significados dessa experiência em razão de um aprender, porque saber dançar ela já sabe. Em continuar dançando, P2 parece agora não parar de querer apreender o movimento da vida. Remetida à lembrança de seu casamento e convivência com seu marido, ela não estaciona seu existir em sua perda, mas continua bailando. Não só porque tem que continuar a dançar, mas dançando, apreendendo o movimento da vida, ela percebe que tem que continuar a própria vida, tem que viver.

Quando P2 menciona que recebe *sempre* o salário do marido, outro aspecto parece desvelar-se: embora ele já não esteja mais fisicamente com ela, por ter falecido, continua com ela de um modo este que preza a subsistência e desemboca na sua existencialidade. Esse seu contexto é antagônico, mas registra uma presença que de algum modo diz do mundo e da vida para P2 e extrapola o valor que a pensão do cônjuge detém. Ele é tão presente que, no seu discurso, não é ex-marido e sim marido – *eu recebo sempre o salário do meu marido, né?*

Então, por que parar de dançar – por que parar de viver – se de algum modo ainda a presença dele a alcança? Quem ficou, ao estender o olhar sobre aquilo que é deixado à vida por quem partiu, pode reconhecer o significado genuíno e intenso desse outro com quem viveu descobrindo sentido para continuar se movimentando no baile da vida como assinala Corrêa (2012, p. 185) ao colocar que “uma pessoa pode superar um luto a partir do reconhecimento

daquilo que essencialmente foi oferecido por quem partiu e que pode ser conservado existencialmente.”

Enfocando ainda o dançar dos idosos ao redor do coreto como uma estratégia de enfrentamento às questões relacionadas com o momento de vida pelo qual transitam – com ênfase à viuvez – o discurso de P3 também oferece relevância acerca das significações a esse respeito.

*[...] Pra mim está tudo igual porque eu, graças a Deus, sou viúvo. Eu não trabalho. Eu tenho a minha casa, não pago aluguel, não tenho filho, moro sozinho. Mas, pra mim, é tranquilo. Há amizade aqui de todo mundo. Todo mundo gosta da gente... a gente gosta. É acostumado junto direto. Então, pra mim tudo é normal. Tudo é beleza. [P3]*

Com esse discurso, P3 faz alusão à possibilidade de ser autônomo, livre, sobreposta à viuvez: não trabalha, logo não se vê encarregado pelas tarefas de um ofício; não precisa investir com aluguel ou com despesas com filhos (nem tem filhos); reside sozinho.

A liberdade para P3 é significada no excerto de seu discurso “*mas, pra mim, é tranquilo*” sugerindo na composição do termo *tranquilo* a noção de *serenidade* que envolve o aguardar de uma natureza única, uma espera implicada num modo de abertura àquilo que possa acontecer no campo da vida sustentado no ser-livre, sem configuração de direcionamento para quaisquer utensílios que estão no mundo.

*[...] está tudo igual [...] Então, pra mim tudo é normal. Tudo é beleza. [P3]*

A serenidade, nesse sentido, é

apresentada por Heidegger como a mais elevada forma do agir humano. Isto se explica pelo fato de que a serenidade, aqui, escapa por completo ao domínio da vontade, servindo, assim, de solo para uma outra forma de pensamento, que não nos remete mais à ordem dos objetos e instrumentos em geral, mas àquilo que sempre e já permite o aparecer dos mesmos enquanto tais. Este pensamento, como não poderia deixar de ser, não resulta de um ato de vontade de algum “sujeito”, mas, como diz Heidegger, depende antes de um aguardar. (SARAMAGO, 2008, p. 163).

A serenidade é um caminho que favorece o aparecer das coisas como elas são, caminho implicado numa liberdade, num caráter de decisão do *Dasein* sobre sua vida e história para além da ocupação com as coisas e a técnica no mundo, dirigindo-se ele para além daquilo que os muros do estar-no-mundo parece repressar. A serenidade é um estar permitido, possibilitado *para* algo.

Significando a espera e o poder dirigir-se para além do que se dá na vida e na viuvez, como expressado no discurso de P3, a serenidade anuncia a liberdade conforme Heidegger (1999) a entende em *Sobre a essência da verdade*. A liberdade é um deixar-se. “A liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é. A liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente.” (HEIDEGGER, 1999, p. 161).

Assim, trata-se de um entregar-se do *Dasein* ele mesmo à sua abertura, um conferir-se a si mesmo. Trata-se de um desvelar-se. E, nesse desvelar-se, o “deixar-se, isto é, a liberdade, é, em si mesmo, exposição ao ente, isto é, ek-sistente.” (HEIDEGGER, 1999, p. 161).

Nesse desvelar-se, o *Dasein* é o que é assinalando que a liberdade “[...] é em si mesma uma relação re-solvida, uma relação que não está fechada em si mesma.” (HEIDEGGER, 1999, p. 165). Por isso, o *Dasein*, sendo o que é, mostra-se em seu ser-no-mundo e em-o-mundo-é-ser-com-os-outros.

O entregar-se do *Dasein* a si mesmo implica o existir no mundo e existir com tudo aquilo que nele está para que nessa relação possa admitir-se em seu poder-ser “[...] em vista do qual o *Dasein* é, tem ele mesmo o modo-de-ser do ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 543).

Na fala de P3 expressa-se diretamente a afinidade entre o entregar-se a si mesmo e o ser-no-mundo próprio de cada um de nós quando locuciona que “há amizade aqui de todo mundo. Todo mundo gosta da gente... a gente gosta. É acostumado junto direto”. Esse segmento revela o sentido do conviver e existir com os outros que coloca em cena a importância do apoio social, independente do momento da vida no qual esteja a pessoa – mas, de modo mais expressivo no envelhecer –, registrando a importância da amistosidade, do conviver.

A afirmação de P3 “há amizade aqui de todo mundo” pode ser compreendida como uma proposição que não diferencia o outro do *Dasein*, ao contrário, registra a presença de cada um em-o-mundo num caráter de partilha, pois “o mundo do *Dasein* é mundo-com. O ser-em é ser-com com os outros.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 343).

Nesse sentido, para Heidegger (2012b, p. 343)

“Os outros” não significa algo assim como o todo dos que restam fora de mim, todo do qual o eu se destaca, sendo os outros, ao contrário, aqueles dos quais a gente mesma não se diferencia no mais das vezes e no meio dos quais a gente também está.

Desse modo, o entregar-se a si mesmo e o ser-no-mundo próprio de cada um de nós registra a composição de modos-de-ser distintos em nossa história singular e intransferível a partir da convivência com os outros.

Eu sou o que sou e posso ser para além do que já desvelo em razão da pluralidade que é a condição fundamental da vida pessoal, conforme elucida Critelli (2013). Para a mesma autora,

Os outros com os quais vivemos não são apenas nossos expectadores e, portanto, testemunhas de que somos e de quem somos. Eles constituem e sustentam, junto conosco, o que chamamos de realidade. Sem os outros, a realidade – e nossa própria realidade – é apenas uma quimera. [...] O que chamamos de realidade, ou de existência, portanto, brota do fato de os homens existirem em conjunto e só se sustenta enquanto eles se mantiverem associados. Os outros são os sócios graças aos quais e em nome dos quais nossas crenças, hábitos, interpretações, medos, anseios, modos de ser, a realidade, enfim, se mantêm. Os outros são nossas referências. Observando como os outros lidam com a vida e conversando com eles sobre isso nós apreendemos como é viver como homens e como é viver como indivíduos exclusivos que somos. (CRITELLI, 2013, p. 96).

No baile, o apreender com os outros o que é a vida sedimenta-se em referenciais de sentido em relação a afetos explicitados em tonalidades – “*todo mundo gosta da gente... a gente gosta*” – os quais acoplam o existir-com em contraponto ao estar ou ser sozinho nos delineamentos de um mundo marcado pela viuvez – como, por exemplo, se dá no caso de P3.

É nesse contexto, como *Dasein* que é, que cada dançante se revela como um encontrar-se. Num um estado-de-ânimo que mostra sua entrega à responsabilidade de seu “aí”, de seu mundo, sua realidade, o *Dasein*, é marcado pela afecção. No “aí”, pelo qual deve responsabilizar-se, o *Dasein* afeta e é afetado, o que registra sua abertura para a sua realidade.

Em seu “[...] *encontrar-se reside existencialmente um abridor ser-referido ao mundo, a partir do qual o afetante pode vir-de-encontro.*” (HEIDEGGER, 2012b, p. 393). Desse modo, o *Dasein* é o seu aí, é a sua realidade, é o seu mundo sendo-com-o-outro evidenciando o encontrar-se que lhe é próprio como um modo existencial fundamental.

Os dançantes, ao experienciarem o baile ao redor do coreto, expressam-se de modo singular por existirem nos domínios de seu ser a partir do compartilhar de um mesmo lugar, de mesmas canções e de diversas afeições com outras pessoas. E, nessa experiência, convivem acenando para um hoje integrado a um ontem e um amanhã. Também discursam, dialogam, falam do viver e ser que é exercitado e exercitante em cada rodopio. Apreendem a si mesmos a partir do outro e no outro e mantêm-se na expectativa dos próximos encontros. Afinal, cada novo encontro conserva o embrião do constante construir-se em-si-com-os-outros-no-mundo.

A fenomenia dos bailes ao redor do coreto também convoca a atenção para outro componente. Trata-se do modo como os participantes dos bailes dançam. Em duplas, eles circulam o coreto em sentido anti-horário. Esse arranjo do movimento que executam e que compõe a propriedade do fenômeno parece remeter à procura da amenização do avanço do

tempo, do querer adiar as horas, aludindo às possibilidades de extensão e crescimento do viver e existir envoltados por memórias.

No diálogo com a senhora com quem dancei quando estive em Poços de Caldas em abril do ano de 2015, por exemplo, esse aspecto se expressou quando ela fez referência ao tempo em que dançava nos bailes – um ano – articulando o passado ao presente. Visitando os liames do seu existir, movimentou na memória tornada presente, enquanto rodopiávamos, que havia emagrecido cinquenta quilos.

Certamente ao dizê-lo recordou-se de como era antes de haver emagrecido. E, conjugando o passado ao presente, nas voltas em sentido anti-horário em torno do coreto, encaminhou a suavização do tempo em que se via obesa para o tempo em que se vê autoestimada reconhecendo-se leve e experienciando também a leveza do próprio ser e do tempo.

Tendo apontado para o senhor que estava próximo de nós na dança, mencionando que foi ele quem havia ensinado-a a dançar, mais uma vez parece ter atenuado os encargos do tempo que alocava no passado o seu não saber dançar e, no presente, absorvia seu poder-ser dançante.

Penso que esse aspecto – a circulação dos participantes no baile de modo anti-horário em torno do coreto – além de concentrar especificamente as questões inerentes às exigências da temporalidade amalgamadas num passado, presente e futuro que nos encarregam do modo mais genuíno que possamos nos mostrar em nosso existir decorrido na história, faz aceno e afluência também a uma tonalidade que contrasta as potencialidades de realização de uma pessoa que, ao envelhecer, pode associar esse momento da vida à noção de que o tempo está “acabando”.

No discurso dos entrevistados, as tessituras desse elemento também se apresentaram fazendo referência ao desfecho da vida, à impossibilidade iminente de poder continuá-la.

*Eu acho que faz parte da minha vida agora. Faz parte da minha vida agora. Nunca mais vou deixar. Só quando não puder mais, né? Mas, acredito que nunca mais. A gente vem quase todo fim de semana; a gente vem. Quando a gente não vem aqui a gente vai na outra casa de forró que tem lá embaixo. A gente vai na quinta e aos domingos também. [P4]*

Ao relacionar sua experiência em participar dos bailes ao momento de vida no qual se encontra, P4 refere o antagonismo entre o poder continuar dançando e o fato de, a qualquer momento, ser retirado da dança. Faz alusão ao registro paradoxal da única certeza que podemos

ter na vida – a vida um dia demudará em consumação – registro esse apontado no dizer de um *nunca mais* que abre e fecha o existir num mesmo tempo.

Tal consumação também recebe tônica numa das falas de P2 – “[...] *eu quero ir embora alegre. Eu não quero ir embora com tristeza. Eu quero ir embora alegre. Entendeu?*” – e indica a morte, fenômeno que constitui a existência humana e está radicado no ser-no-mundo e vir-a-ser próprio do *Dasein*, fenômeno com o qual a pessoa idosa se depara em brevidade, silêncio, espantamento e certeza num modo de des-velamento e velamento em intensa acontecência.

Conforme Guimarães e Carneiro (2012, p. 07), o envelhecimento é associado

[...] de modo geral, às modificações no corpo, uma vez que, com o avanço da idade, todos os organismos e materiais sofrem um desgaste natural, independentemente do tempo necessário para que esse processo ocorra. Os sinais externos e, portanto, mais aparentes são diversos nos humanos, como, por exemplo, cabelos sem cor, rugas, reduções nas capacidades auditiva, visual, muscular e, em alguns casos, cognitivas. Essas concepções estão ancoradas na visão de que a velhice é sinônima de declínio e morte, e, que, muitas vezes, são incorporadas pelo próprio idoso.

Essa representação da morte no envelheSer é aguda e emboca um reducionismo ferrenho que iguala esse momento da vida com o término de todas as possibilidades de ser. Com essa noção, a morte deixa de ser vislumbrada e compreendida como um referencial de singularização, um componente totalizador da existência de uma pessoa que, caminhante na vida, pode concretizar seu existir no tempo.

“Ninguém duvida de que a-gente morre. Só que esse “não duvidar” já não precisa conter em si o estar-certo que corresponde ao modo como a morte está dentro do *Dasein* [...]” (HEIDEGGER, 2012b, p. 705). Nesse sentido, Heidegger coloca em evidência que a morte é essencialmente angústia tratando-se de um

[...] *encontrar-se que é capaz de manter a ameaça aberta a partir dela mesma e, pura e simples, que provém do ser mais-próprio e singularizado do Dasein* [...] Nela o *Dasein* se encontra *ante* o nada da possível impossibilidade de sua existência. (HEIDEGGER, 2012b, p. 729).

Na angústia e sendo angústia, o *Dasein* – a pessoa idosa –, vendo-se diante desse nada recolhido pela morte, pode projetar um modo-de-ser totalizante e apropriador de sua existência num tempo que procura ser estendido no *adiantar-se de si mesmo* que

*desvenda para o Dasein sua perda em a-gente mesma e leva-o ante a possibilidade de ser si mesmo, sem o apoio primário da ocupada preocupação-com-o-outro e de o ser numa liberdade apaixonada, livre das ilusões de a-gente, liberdade factual, certa de si mesma e que se angustia: liberdade para a morte.* (HEIDEGGER, 2012b, p. 731).

Tal colocação é permeada pela noção de que a morte é uma oportunidade que assinala um caminhar único e irrepitível da pessoa ritmada pela liberdade e responsabilidade que afixam a forma mais segura de ser: um projeto.

E, no projeto – um projetar-se, conforme defende Heidegger –, a noção de que

[...] *Somos, fomos, seremos*, ou *é, foi, será*, são as três convocações que coabitam em todos os nossos pensamentos, palavras e obras cotidianos. Portanto, estamos sendo chamados e correspondendo a apelos, isto é, num constante aprontamento de nós mesmos, e da nossa condição humana. (CRITELLI, 2008, p. 479).

Assim, morte e envelheSer não são sinônimos, mas expressões e realidades do existir que se entrecruzam no desvelar da vida e assinalam que não somos num tempo, mas somos o tempo.

Compreendida desse modo, a morte é oportunidade que retira a pessoa da posição da apatia reforçando a importância de seu viver apresentado como “[...] elemento doador de sentido das outras possibilidades. Morte e sentido existencial formam um vínculo, patenteado no ser pessoal do Dasein.” (ANDRADE; SCHMIDTZ; NASCIMENTO, 2015, p. 211).

A sustentação dessa perspectiva requer a quebra do tabu apresentado pela temática da morte relacionada a qualquer momento do ciclo da vida e favorece que a concepção do morrer

“[...] tome posse de seu lugar de direito: a de única certeza da vida, determinando o fim do ciclo de qualquer ser deste planeta; sendo, ainda, o segundo grande momento da existência, após o nascimento, no qual todos os seres vivos são iguais. (GUIMARÃES; CARNEIRO, 2012, p. 16).

As tessituras entre morte e sentido existencial culminando no vir-a-ser do *Dasein* são tão presentes na experiência do dançar ao redor do coreto para os idosos que P1 as exprime quando diz que o acontecer do baile “[...] *é um momento mais feliz da vida da gente. A gente esquece tudo que tem em casa, os problemas do passado, as coisas... aqui morre tudo. É muito bom!*”.

*Aqui morre tudo*. O dançar no envelheSer pode aparar qualquer componente que não seja potencializador do existir – desdobramentos em casa, problemas do passado, os utensílios – e encaminhar a felicidade – *é um momento mais feliz da vida da gente* – como uma expressão do ser que não está fechado em si mesmo.

A felicidade trata-se de uma espécie de

[...] selo de qualidade que carimba ou autentica nossos gestos, conquistas e decisões, confirmando que estamos no caminho certo, que fizemos o bem, que nossa realização pessoal está na escolha que fizemos, na resposta que demos a alguma circunstância, na atitude que tomamos, no reconhecimento de que

nossos esforços valerem pena... Felicidade não é, portanto, nada que possa ser classificado, padronizado, nem assumir tons de generalidade. Somos nós mesmos, enquanto indivíduos únicos, que sabemos o que nos realiza efetivamente. (CRITELLI, 2008, p. 481).

Como manifestação significativa do vivido ao redor do coreto e transmitido no decurso da vida, a felicidade aponta, na locução de P1, o motivo de se lançar na experiência dos bailes afirmando que dança

*Pra distrair. Pra não ficar com uma depressão dentro de casa. Pra não ficar olhando só os netos, né? Entendeu? [P1]*

E, a esse respeito, reafirma, mesmo reconhecendo tais desafios interpostos pela velhice, que no momento em que se encontra na vida – envelhecer – sua participação nos bailes propicia sentido para que se perceba em seu mundo vivido

*Muito feliz! Muito feliz! [P1]*

Corral-Verdugo (2010) assinala que a felicidade envolve desde a supressão das necessidades básicas até a realização pessoal e comum, perpassando a saúde, o bom humor, o afeto, a família, enfim, diversas das experiências e expressões do ser humano.

A felicidade incrementa a realização pessoal de um indivíduo a partir dos traços de sua singularidade possibilitando a adoção de variados modos de viver que desempenham o bem-estar. Nesse sentido, a dança ao redor do coreto e o que ela provoca em cada um dos dançantes pode ser considerado um movimento que tece diversos estilos de vida.

Todavia, a realização pessoal de um indivíduo a partir de experiências como o dançar, não desobriga sua dimensão existencial de ser-com, sua estada no mundo demarcada pela coexistência que lhe é inerente. Desse modo, a felicidade emerge da esfera singular e segue contornando os ambientes onde as ações, autenticadas pela apropriação do vivido, estendem benefícios dos mais variados para a qualidade de vida daqueles que estão implicados na experiência que abrange o singular e o compartilhado.

O dançar como acontecimento e caminho da felicidade mescla-se com aquilo que as pessoas ponderam como princípios orientadores da vida e que influenciam seu modo de pensar, suas atitudes e condutas. São os designados valores. Nesse sentido, para Steg e Groot (2012), os valores circunscrevem o que as pessoas realizam, qual conhecimento pode ser apreendido, como são avaliados os diversos aspectos de uma situação e quais alternativas podem ser acatadas em suas ações.

A esse respeito, os valores influentes sobre o projeto existencial de cada um dos participantes do baile ao redor do coreto são alcunhados nos seus discursos em constructos como:

- *distração*: o dançar revela dis-tração, o não-deslocar-se de si mesmo no vivido com os demais, o saber-de-si e manter-se em suas preferências, gostos, vontades como assinalamentos do modo singular de ser.

*Ah... eu acho... eu acho que eu vivo, assim, melhor assim. Não sinto nada. Eu tenho distração. Eu gosto de passear, gosto de divertir. Eu gosto de vestir minhas roupas, minhas joias que eu tenho. Eu tenho muitas joias, muita roupa, entendeu? Eu gosto. [P2]*

- *boa convivência*: no dançar registra-se uma harmonia convivencial que favorece aderência e vínculo nessa experiência demarcada num horizonte de sentidos para aquilo que é “certo”, aquilo que é destinado como bom *pelo* e *para* o experienciante.

*Fiquei assim fã de ficar dançando direto aqui no baile aqui. É uma coisa que não tem briga, você não vê uma briga; você não vê confusão; você não vê nada. Aqui é tudo numa boa, tudo tranquilo. É... não tem nada de errado. [P3]*

- *disposição*: em dis-posição, o participante dos bailes afasta-se de seu arranjo corrente no cotidiano da vida e coloca-se em outra posição, a posição de dançante, que não o separa das diversas outras maneiras de ser em sua vida, mas o prepara em frescor para seu lançar-se frequente no jogo da vida enviesado, por exemplo, pelo âmbito do trabalho.

*Por isso a gente frequenta e se sente bem. Aí tem disposição pra trabalhar o resto da semana sossegado. É... [P4]*

- *solicitude*: o zelar, empenhar-se por alguém numa disposição e compreensão demarcada por solidariedade, partilha, mutualidade, diligência para prestar ajuda ou fazer chegar ao outro a esperança. É cuidado no sentido heideggeriano do termo, apontando a libertação compreendida como auxílio para que o outro possa crescer, amadurecer e encontrar-se consigo mesmo, o que contrasta com outro modo de cuidado significado pela dominação, modo este que “coloca o outro no colo”, subvertendo, oprimindo e impedindo que o outro admita seu entregar-se a si mesmo (HEIDEGGER, 1981; CRITELLI, 2006).

*Eu acho muito bom. Gostaria que todas as pessoas na minha idade pudessem vir porque infelizmente tem muita gente em casa, doente, que não sai mais de casa; amigas minhas que ficam sofrendo que não saem. Então, para nós é muito bom. É uma experiência boa. Entendeu? [silêncio] [P1]*

- *superação*: a experiência de dançar ao redor do coreto registra um colocar-se para além dos encargos do momento da vida em que a pessoa idosa se encontra acenando às inerências do existir que extrapolam os limites ou liames da idade e que amparam o fazer, o realizar algo com sentido num debruçamento distinto por enlevo sobre a vida e as possibilidades que ela abriga.

*Ah... pela minha idade eu me sinto bem. Graças a Deus eu me sinto bem. Muita gente não acredita no que eu faço. Eu tô com sessenta e nove anos, mas eu faço coisa que tem pessoa de cinquenta e cinco, sessenta anos não faz. [P4]*

Tais valores atravessam e se prolongam pela reflexão e na ação de cada pessoa no tocante à qualidade de vida e interligam-se às dimensões temporais, culturais e espaciais envolvendo diferentes níveis no estudo das inter-relações pessoa-ambiente conforme assinala Moser (2004):

- *nível I* – o microambiente, tratando-se de espaços privados como nossa casa ou espaço particular no ambiente de trabalho, por exemplo;

- *nível II* – interpessoal e da comunidade na proximidade, relacionado aos ambientes compartilhados como praças, parques, vizinhanças;

- *nível III* – indivíduo/comunidade, habitantes e conjunto de indivíduos, demarcador de espaços públicos coletivos como as cidades;

- *nível IV* – social, referido ao ambiente global natural e construído.

Na fenomenia do baile ao redor do coreto em Poços de Caldas esses níveis se incrementam numa orquestração de sentidos que esboçam a relevância das inter-relações pessoa-ambiente nessa acontecência numa sincrônica aderência entre os níveis II e III – interpessoal e indivíduo/comunidade –, expressados de modo mais incisivo, integrando-se aos níveis I e IV – microambiente e social.

Em tal simultaneidade, as tessituras da experiência do bailar em torno do coreto no envelheSer desvelam o coreto, a praça, a cidade e a pessoa interligados na construção de qualidade de vida, bem-estar e realização ante o viver que é efêmero e a perpetuação do ser arquitetando história, cultura e política num acontecer que implica todos que nele estão lançados e enuncia a apropriação de um lugar e de um existir. Isso se coloca expresso no discurso de P3.

*[...] Todo mundo se vê numa boa. Acho que não tem coisa errada pra todo mundo. Todo mundo que vem aqui gosta de vir aqui. Vai, volta e repete pra vir aqui. Quantos turistas que vem aqui, gosta, e vem aqui. Pelo menos pelos passeios que a gente tem, as águas sulfurosas, por tudo que a gente tem na cidade. É uma coisa que ajuda todos nós. [P3]*

No discurso de P3, os excertos “*todo mundo se vê numa boa*” e “*todo mundo que vem aqui gosta de vir aqui. Vai, volta e repete pra vir aqui*” desvelam uma manifestação das tramas entre a experiência do dançar, a praça, o coreto, a cidade e o próprio existir do *Dasein* a partir dos entranhes de um construir, um edificar que, em si mesmo, já é habitar. Assim sendo,

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço. [...] Os espaços abrem-se pelo fato de serem admitidos no habitar do homem. Os mortais *são*, isso significa: em habitando têm sobre si espaços em razão de sua de-mora junto às coisas e aos lugares. E somente porque os mortais têm sobre si o seu ser de acordo com os espaços é que podem atravessar espaços. Atravessando, não abrimos mão desse ter sobre si. Ao contrário. Sempre atravessamos espaços de maneira que já os temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos de-moramos junto a lugares próximos e distantes, junto às coisas. [...] A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial. (HEIDEGGER, 2012a, p. 136).

Desse modo, o dançar ao redor do coreto coloca em relação o dançante e o espaço que conjuga um habitar, uma apropriação para o existir num tempo. A esse respeito, é preciso compreender três aspectos que amalgamam esse aparecer: a) o espaço concede lugar; b) o tempo deixa surgir; c) a apropriação funda o humano.

O espaço, como concedente de lugar,

entreabre, libera e concede localidades e lugares, assumindo o simultâneo como espaço-tempo. No todo de sua essência, o espaço não se move. O espaço repousa quieto. Tanto o arrancar e trazer do tempo como o entreabrir, permitir e conceder do espaço pertencem ao mesmo, pertencem ao jogo da quietude, o que agora não poderemos pensar com maior atenção. A mesmidade, que mantém reunidos espaço e tempo em sua essência vigorosa, pode ser chamada de jogo de tempo-espaço. Temporalizando e entreabrindo, a mesmidade do jogo de tempo-espaço en-caminha o en-contro face a face dos quatro campos de mundo: terra e céu, deus e homens - jogo de mundo. (HEIDEGGER, 2003, p. 169).

O espaço como doador de lugar articula o *Dasein* em-o-mundo, no interior do mundo, à demarcação de sua conexão ontológica com o mundo. Assim, o *Dasein* e o mundo são postos no entre do espaço que registra uma coconstituição: conforme seu ser-no-mundo, ao *Dasein* é dado de antemão cada vez um espaço descoberto, “se bem que de modo atemático. O espaço em si mesmo permanece ao contrário encoberto de imediato quanto às possibilidades puras da mera espacialidade de algo que ele contém.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 327). Desse modo, o espaço “só pode ser concebido em referência ao fenômeno do mundo” (HEIDEGGER, 2012b, p. 329) que toma o *Dasein* e que por ele é capturado em distintos modos-de-ser.

O tempo, por sua vez, representa a abertura do *Dasein* que constitui o ser ele mesmo seu aí – em-o-mundo – a partir das estruturas do entender, encontrar-se, decair e discurso. Assim, a “temporalidade do ser-no-mundo que dessa forma se mostra, mostra-se ao mesmo tempo como fundamento da específica espacialidade do *Dasein*.” (HEIDEGGER, 2012b, p. 911).

Nesse sentido, o tempo temporaliza.

Temporalizar significa: amadurecer, deixar surgir. Temporalizado é o que surge de um surgimento. O que o tempo temporaliza? Resposta: o simultâneo, ou seja, o que surge com o tempo nesse seu modo. E o que é isso? O que de há muito conhecemos, sem no entanto pensá-lo desde a temporalização. O simultâneo do tempo são o vigor de já ser, o fazer-se vigor e o a-guardar, esse que nos resguarda e que costumamos chamar de porvir. Temporalizando, o tempo nos arranca para essa tríplice simultaneidade, nos contrai em nos trazendo para o abrir-se do simultâneo, a unicidade do já ser, do vigorar e do aguardar. Nesse arrancar e trazer, o tempo en-caminha o que a simultaneidade entreabre: o tempo-espaço. No todo de sua essência, o tempo não se move. O tempo repousa quieto. (HEIDEGGER, 2003, p. 169).

No tempo-espaço, o entregar-se a si-mesmo do *Dasein* na forma de um projeto desvela, portanto, a fundação da essência do humano. Trata-se do acontecimento-apropriação denominado por Heidegger de *Ereignis*.

O acontecimento-apropriação diz o oscilar de ser e tempo e ser e *Dasein*, que são apropriados na relação que os faz emergir e, nessa apropriação, experimentam sua própria essência. [...] Ele indica o instante em que se dá ser, se dá tempo, se dá, então, ente no mundo, na perspectiva do humano. *Ereignis* é doação de ser e de tempo, isto é, acontecimento do próprio aí do ser, fundação da essência do humano. Essa fundação acontece como um relampejo, é um clarão súbito que irrompe. Portanto, não há fixidez, medida, cálculo, bitola, para essa experiência descrita por Heidegger. São experiências extremas, fenomenologicamente narradas, são disposições ontológicas. (ALVES, 2015, p. 115).

O baile ao redor do coreto expressa *Ereignis*, a doação de cada pessoa que ali dança a si mesma, ao tempo, a um lugar, ao existir e apanha o desvelo inerente do aí-ser. No seu aparecimento, o baile dado em torno do coreto exhibe, portanto, o próprio revelar-se do ser em sua singularidade e essencialidade no movimento de cada dançante encaminhado em relações que deliberam a continuidade da vida, conforme assinala P2.

*Ah! Eu danço porque eu me sinto bem. Toda a vida! Toda a vida! [...] E, assim, a minha vida continua. É. [P2]*

A vida, referida no experienciar do baile em torno do coreto, é sustentada, portanto, pelo dar-se da pessoa a si mesma, ao tempo, ao lugar e ao existir. Trata-se de um dar-se do *Dasein* no qual se apropria do tempo e do lugar e se é apropriado de si. Tal noção articula-se ao conceito apropriação de espaço conforme defendido por Pol (2002).

Pol (2002) assinala com o conceito apropriação de espaço que, de acordo com o transcurso do ciclo da vida de uma pessoa, as diversas dimensões que lhe são típicas interceptam-se em dois componentes:

- *ação-transformação*, preponderante na infância a partir do qual a pessoa e a coletividade transformam o espaço deixando nele sua marca, presenteando-o com significado individual e social e

- *identificação simbólica*, que recebe destaque na velhice, despontando que o indivíduo e o grupo detém o reconhecimento de seu modo-de-ser singular no ambiente no qual vivem.

Os dançantes em torno do coreto se apropriam desse espaço e registram-no como lugar próprio, o mundo no qual desvelam seu ser. Contudo, em sua apresentação, o fenômeno em questão coloca em inversão os delineamentos dados por Pol (2002) ao conceito apropriação de espaço.

No fenômeno dado em torno do coreto da praça em Poços de Caldas, os idosos que participam do baile enfatizam imediata e caracteristicamente o componente *ação-transformação* contrapondo o que defende Pol (2002) em relação ao modelo dual de apropriação de espaço atrelado às perspectivas do ciclo vital.

Não se ignora o fato de os idosos identificarem o ambiente no qual dançam de modo simbólico apropriando-se desse lugar e de si mesmos. Afinal, o baile que acontece na praça está radicado no tempo e conserva-se na história plasmada num caminho percorrido que vibra no presente. Contudo, ao dançarem, os idosos estão inserindo nesse espaço apropriado um sinal genuíno, o registro de uma existência que atravessa as esferas da personalidade e da coletividade para que essa história possa viger. Desse modo, agem sobre o lugar e o transformam dançando, convivendo e sendo.

*A maior parte, todo fim de semana no baile, está cheio de gente aqui. Todo fim de semana. Todo sábado tem gente. É difícil algum que não tem gente. Mas, a maior parte tem. Está cheio de gente. [P3]*

A atuação de tantas pessoas ajuntadas na experiência do baile, como mencionado por P3, dá cumprimento à migração da ideia da praça como ambiente de ajardinamento urbano a lugar de encontro, de vicissitudes, de vida. A paisagem da praça transmuta do verde para a diversidade das cores. O coreto, de instalação, vigora como eixo. E é em torno desse ponto principal que os dançantes assentam diversos aspectos de suas histórias e fazem política,

organizam e conduzem a *polis* e a *urbe* num engendro artístico que convoca os olhares de quem passa, chega, observa, admira e, em muitos casos, dança.

*Ía dançar com o povo aí. É... a gente acostumamos a dançar, aprender a dançar. E os que dão para isso gostavam de dançar com a gente. [P3]*

Desse modo, os idosos aditam a *privacidade* – capacidade da pessoa ou grupo regular/dirigir de modo seletivo a quantidade e intensidade de contatos ou interações sociais em um contexto socioambiental específico e o fluxo das informações produzidas nessas interações em função dos imperativos na relação da pessoa ou grupo com o mundo e com a dimensão social, conforme defendido por Valera e Vidal (2010) – e a *territorialidade* – uma mostra de atitudes e ações sustentadas por um pessoa ou grupo baseadas na percepção e intencionalidade de um espaço físico definido que implica a sua ocupação comum, sua defesa, personalização e sinalização, conforme assinala Gifford (2014).

Na conjunção entre a privacidade e a territorialidade, os dançantes assinalam um modo-de-ser próprio que revela o lugar de sua experiência – o baile ao redor do coreto na praça – interposto por significados combinados em informações, sentimentos e atitudes sobre si mesmos constituídos em sua interação com os demais que demarcam, por sua vez, o que é singular a cada um nos entrelaces do coexistir.

*Olha... eu acho que aqui é um lugar que todo mundo se dá bem. Você não vê quase nenhum assalto. Você não vê morte. Você não vê roubo. Tem, assim, nos bairros, nas periferias. Mas, na cidade você não vê assim. A tranquilidade é boa demais. [P3]*

A privacidade e a territorialidade interligadas aos movimentos dados pela dança dos idosos ao redor do coreto indica o despontar de “um laço afetivo que uma pessoa ou animal forma entre ele mesmo e um determinado lugar, um laço que o impulsiona a permanecer junto a esse lugar no espaço e no tempo”, descrição essa dada por Hidalgo (2002, p. 164) ao conceito apego ao lugar.

Sobre o apego ao lugar, Fernandes (2010, p. 16), sustentando-se no que defende Corraliza (2002), refere ainda que

um dos processos mais relevantes da interação pessoa-ambiente se constitui quando o espaço físico se converte em um espaço significativo para uma pessoa. O significado do ambiente é o conjunto de conteúdos que possibilitam a compreensão das pessoas a respeito do que é para estas pessoas aquele determinado lugar. Dessa maneira, o processo de se atribuir um significado a um lugar é a base que constitui a experiência emocional desse lugar.

Penso que o apego ao lugar – a cidade, a praça, o coreto – constituído pelos idosos na realidade em questão coloca-se em interface à identificação simbólica na apropriação desse espaço conforme cita Pol (2002) em referência ao ciclo da vida. É no apego desempenhado sobre esse lugar que os dançantes identificam-no simbolicamente como um acontecimento de fundação e arraigamento do envelheSer com primazia e atividade, acontecimento que é dado de modo contínuo, que não se fecha mas abre, que possibilita.

O apego desempenhado sobre esse lugar revela-se ainda mais explícito e simbolicamente na presença do coreto. O coreto é considerado a casa do viver, do existir, do envelheSer e prosseguir. Associado com a música, a praça e a cidade, o coreto é *ethos*, é habitação, é um *locus* de referência para cada um dos dançantes e para cada um dos que testemunham o baile em seu entorno.

O processo de apropriação do coreto, nesse sentido, se apresenta de modo equivalente à compreensão referida por Bassani, Silveira e Ferraz (2005) à maneira que as famílias de agricultores compreendiam sua casa. A casa, para as famílias dos agricultores entrevistados no estudo *Psicologia Ambiental e Agroecologia: apropriação do espaço por famílias de agricultores*, apresentava-se como uma referência objetiva (lugar de abrigo e proteção) e subjetiva (lugar de laços afetivos e conexão com o passado).

Analogamente, o coreto na Praça Pedro Sanches em Poços de Caldas é lugar de acolhimento e aconchego, de vínculos afetivos e de memórias vivas e eternizadas. Apropriado desse modo, esse lugar, ao mesmo tempo público e abarcador do coletivo, mostra-se como espaço da singularidade de uma pessoa referida em seus modos-de-ser, um espaço particular, conforme refere Moser (2004) no nível I de estudo das inter-relações pessoa-ambiente.

Assim, desempenhando apego a esse lugar – o coreto e tudo o que o circunda – os idosos o visitam e lançam-se no acontecimento que o demarca como uma referência de vida e do existir identificada simbolicamente, um lugar que demarca “*tudo de bom que tem na vida!* [risos]” como mencionado por P1. Frequentando-o e dançando ao seu redor fazem dele lugar próprio, lugar de gênese de vida, lugar de correspondência do ser-em-si e do ser-com.

*Toda vida a gente vem aqui. [...] Estou sempre por aqui. [P1]*

*Pra falar a verdade, [venho aqui] desde que eu nasci [pausa]. Faz mais de vinte anos. Desde que eu era solteiro já vinha direto aqui. Eu sempre morei aqui [...]. [P3]*

A essa prerrogativa articulam-se as noções de envelhecimento ativo (OMS, 2005; KEINERT; ROSA, 2009; OLIVEIRA et al., 2014) e envelhecimento bem sucedido, (TEIXEIRA; NERI, 2008; NERI; YASSUDA, 2012) pondo em destaque que, ao identificarem simbolicamente o lugar onde se dá a fenomenia da dança incrementada ao envelheSer, os dançantes não se condicionam ou se entorpecem no momento de vida em que se encontram, ao contrário, se movimentam, circulam, atuam, vivem.

Viver, no desvelar próprio dessa fenomenia, distingue a promoção de qualidade de vida conforme nomeado no discurso dos entrevistados. Assim, o dançar ao redor do coreto propicia qualidade de vida compreendida nos modos de

*[...] a pessoa ter saúde em primeiro lugar; é... ter boas amizades; é... ter bons lugares pra você sair se divertir... é... lugar que não é baguncento... lugar que é tranquilo, que todo mundo se conhece, todo mundo se diverte, todo mundo tem amizade e é bom pra todo mundo. Entendeu? Tanto pra nós que é da cidade, como para os turistas que vem também em Poços, né? [P3]*

Cabida à higidez, conforme destacado por P3, a qualidade de vida é vista como um benefício.

*Ah... ela ajuda no corpo, na nossa mente, né? Eu acredito assim. [...] Acho que é... sei lá... [pausa]... Um pouco é a cabeça da gente que ajuda. [P4]*

Na experiência do dançar dada ao redor do coreto, a qualidade de vida é significada nas abrangências da pessoa e em suas inter-relações com o ambiente, considerando-se pessoa quem “[...] tem uma história de vida, um conjunto de crenças e valores, que possui um sistema de conhecimentos sobre o ambiente e que pode se defrontar com o desconhecido diariamente” (BASSANI, 2001, p. 50).

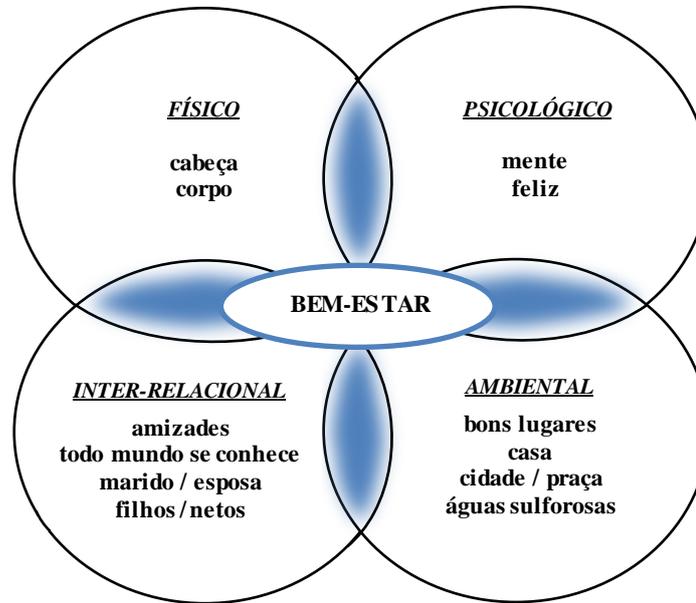
*Ah! Eu danço por que eu me sinto bem. Toda a vida! Toda a vida! Eu não tenho problema de dor de cabeça; não tenho problema de dor de perna... nada, nada. Sabe? E, assim, a minha vida continua. É. [P2]*

Conforme o entendimento do WHOQOL Group (1995), abrangendo a singularidade de uma pessoa estendida em seus aspectos multidimensionais, a qualidade de vida inclui os segmentos físico, psicológico, inter-relacional e ambiental. Afinal, o ser humano é um ser biopsicossocioambiental.

Destarte, esse modelo, aproximado a alguns dos termos nas aloções dos entrevistados (conforme a figura 3), sedimenta a qualidade de vida no significado de bem-estar, uma

ancoragem territorial e de processos de identidade – de acordo com Moser (2002) – derivada da interdependência de vários componentes dimensionais.

**Figura 04** – Termos sobre qualidade de vida como bem-estar na perspectiva dos participantes da pesquisa



Embora defendido que nas especificidades e mutualidade desses elementos o bem-estar não é estado, mas sim composição, combinação, fica nítido em alguns dos excertos nas narrativas dos entrevistados o que pode ser considerado próprio de cada uma das esferas biológica, psicológica, social e ambiental.

Nos componentes físico e psicológico, o bem-estar é referido a partir de elementos demarcados de modo preciso e localizados na corporeidade e emocionalidade de cada entrevistado, pondo em ênfase a higidez do corpo e dos fenômenos e processos psicológicos.

Entretanto, expressa-se de modo representativo e mais contundente o que os entrevistados relacionam ao bem-estar nas dimensões inter-relacional e ambiental. Os bons lugares, a casa, a cidade, a praça e as águas sulfóreas são articuláveis ao convívio entre todos e às inter-relações familiares e de amizade.

A saliência dos elementos inter-relacional e ambiental, nesse caso, assinala que a referência espacial típica da praça e do coreto em Poços de Caldas extrapola seu caráter físico e adota uma dimensão do ser-em-si-com-os-outros enredada por valores, símbolos e afetos que constituem esse lugar para as pessoas que ali estão e dançam (KLEIN; KUHNEN, 2015).

Desse modo, num processo combinante, as dimensões inter-relacional e ambiental do bem-estar, desdobradas e conectadas inteiramente às dimensões física e psicológica, propiciam modos de ser profícuos em caráter integral para os idosos que experienciam o dançar ao redor do coreto.

Em se tratando ainda da compreensão de bem-estar como significado da qualidade de vida para os entrevistados que bailam ao redor do coreto, cabe mencionar que é notório em suas locuções, no que diz respeito ao que é salutar nessa experiência, a compreensão de bem-estar como *well-being*, conforme assinala Moreno e Pol (1999). A esse respeito, o dançar ao redor do coreto revela o *estar bem* dos idosos, o sentir-se bem deferido pelas inerências da singularidade que desemboca na dança compartilhada e na coabitação do espaço apropriado.

Como *welfare*, o bem-estar é promovido aos participantes dos bailes pela garantia das estruturas que consentem sua continuidade. Esse aspecto relaciona-se ao suporte e manutenção oferecidos pela administração pública do município que subsidia a orquestra, a manutenção da praça e a conservação do coreto, ações essas que se dilatam política, econômica e culturalmente a respeito da acontecência do fenômeno incrementando as esferas pública e privada, o coletivo e o singular, o ser-com e o ser-em-si.

Assim, as tessituras desse lugar, do bailar e do envelheSer favorecem a instauração de um modo-de-ser próprio de cada pessoa que está nessa acontecência. Esse modo-de-ser próprio é conjugado *na e pela* singularidade e *no e pelo* ser-com de cada *Dasein*, ou seja, articula o privado e o público, conjuga as instâncias pessoais e sociais.

Esse modo-de-ser próprio erigido no fenômeno dado ao redor do coreto é afirmação de um existir genuíno e único de cada vivente que ali também é um lugar, um lugar marcado pelo ser realmente o que se é, ser coexistindo e ser cidadão, um lugar composto nesses existenciais ontológicos, um lugar que insurge a partir dos significados abrolhados numa experiência instituidora de um vir-a-ser constante, um acontecer revolvido, enredado e envolvente.

Portanto, para os idosos em Poços de Caldas-MG, o dançar ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches é constância, é um permane-Ser, um continuar existindo, fluxo e movimento de vida que emblematisa o envelheSer como crisálida da vida.

*Pra mim é tudo! É uma beleza. É divertimento. E até pra saúde da gente, que a gente tem problema, é bom. É bom demais. Muito bom. [P3]*

*Ah... eu frequento porque a gente não pratica esporte, não pratica nada. E a dança é uma terapia pra cabeça da gente né? Ah... dançar é*

*assim: é como se eu estivesse praticando um esporte. Né? Eu sinto assim, né? A prática de algum esporte. [P4]*

*Fica tudo na minha vida, porque eu não penso em nada nesse momento. Tô divertindo. É muito bom! É tudo de bom! [P1]*

*Eu danço [...] E, assim, a minha vida continua. [P2]*

E, assim, a vida continua. Acontecendo, a vida mostra o lugar, o bailar e o envelheSer entretecidos na cadência de canções repercutidas no coreto distinguindo que

Cada um é o outro e nenhum é ele mesmo. A-gente, com a qual se responde à pergunta pelo *quem* do *Dasein* cotidiano, é o *Ninguém* ao qual todo *Dasein* já se entregou cada vez em seu ser-um-entre-outros. Nos caracteres-de-ser já expostos do cotidiano ser-um-entre-outros: distanciamento, mediania, nivelamento, publicidade, alívio-de-ser e vir-ao-encontro, reside a imediata “constância” do *Dasein*. Essa constância não concerne à contínua subsistência de algo, mas ao modo-de-ser do *Dasein* como ser-com. (HEIDEGGER, 2012b, p. 367).

### 3.2 Da crise à crisálida da vida

*Você é um Envelhescente?*

*Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue.*

*Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá.*

*E, se já passou, confira.*

*Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes:*

*infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto.*

*Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65),*

*existe a ENVELHESCÊNCIA.*

*A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice,*

*assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade.*

*Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não.*

*Antes, a envelhescência.*

*E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência?*

*Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso:*

*Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda?*

*Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de vinte anos.*

*Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também.*

*Mudamos o nosso ritmo de falar, o nosso timbre.*

*Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.*

*Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado.*

*Bons tempos...*

*Os adolescentes não têm ideia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos.*

*Os envelhescentes até evitam pensar nisso.*

*Ninguém entende os adolescentes... Ninguém entende os envelhescentes...*

*Ambos são irritadiços, se enervam com pouco.*

*Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.*

*Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce.*

*Às vezes, um envelhescente tem um filho: é uma coisa pós-coce.*

*Os adolescentes não entendemos adultos e acham que ninguém os entende.*

*Nós, envelhescentes, também não entendemos eles.*

*"Ninguém me entende" é uma frase típica de envelhescente.*

*Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista.*

*Os envelhescentes, também a contragosto, idem.*

*O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos.*

*O envelhescente também. Sem falar nos brincos.*

*Ambos adoram deitar e acordar tarde.*

*O adolescente ama assistir a um show de um artista envelhescente (Caetano, Chico, Mick Jagger).*

*O envelhescente ama assistir a um show de um artista adolescente (Rita Lee).*

*O adolescente faz de tudo para aprender a fumar.*

*O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.*

*Ambos bebem escondido.*

*Os adolescentes fumam maconha escondido dos pais.*

*Os envelhescentes fumam maconha escondido dos filhos.*

*O adolescente esnoba que dá três por dia.*

*O envelhescente quando dá uma a cada três dias, está mentindo.*

*A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 60.*

*Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.*

*Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice,*

*vão dizer: é um eterno envelhescente! Que bom.*

*Mário Prata (1997)*

Nas tessituras de uma vida, a epopeia do “ser humano” é atirada no conservo da existência. E este arquivamento é acedido por dilemas, conflitos situados entre contrários. Neste sentido, Griffa e Moreno (2012) expõem que o ser humano é um ente paradoxal: é corpo-psique; é subsistente-aberto e é existir-tornar-se.

Descoberto no paradoxo corpo-psique, o ser humano está sujeitado às instabilidades físicas e reservado num tempo e espaço. Porém, desta fundação ôntico-ontológica pode dirigir-se para além do mundo revelando que, embora nele esteja, também pode ser *na* e *para* sua realidade transcendental.

Desenvolver-se como pessoa, nesse contexto, sugere um cenário marcado por crises, “transformações decisivas em qualquer aspecto da vida [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 259), elemento este enfocado em diversas proposições dadas em Psicologia do Desenvolvimento que compreende o amadurecimento e crescimento de uma pessoa a partir de distintas mudanças demonstradas em estágios peculiares.

No tocante ao desencadeamento de tais crises, Antunes (2008) discorre que a vida pode ser cadenciada de modo análogo às quatro estações do ano: do nascimento à juventude a primavera; a vida adulta o verão; entre os 40 e 60 anos o outono; na velhice o inverno. Como uma árvore, repleta de galhos, folhas e frutos, no verão e na primavera é acumulada

bastante energia para garantir os períodos escassos. Assim, no outono e no inverno a seiva bruta das plantas (energia vital) desce para as raízes tirando a energia das folhas e galhos para então leva-la à sua base de sustentação que, neste período, está sem energia, sendo um bom momento para a poda destes galhos que estão mais fragilizados (ANTUNES, 2008, p. 02).

Tal noção – aparentemente advinda das influências de Mary Esther Harding, aluna de Jung, e do próprio Jung – retomam a ideia do ser pessoa ritmado pelo acontecimento das crises, tensões e paradoxos que desafiam uma trajetória histórico-existencial, mas não a intrinca.

A esse respeito, Frankl (2003) refere que uma das características próprias do ser humano versa sobre seu encontrar-se num campo de tensão entre dois pólos: o ser e o dever-ser, a vida e a existência. Essa tensão faz parte do ser pessoa e compõe uma condição inalienável de saúde, uma oportunidade que desafia e provoca no ser humano a possibilidade de atender às exigências e apelos para descobrir sentido em seu viver.

O ser próprio de cada um de nós pode ser revelado, portanto, pelas inerências das crises que nos concebem e nos dão à luz. Nas palavras de Pintos (1992, p. 18), nosso desenvolvimento

é marcado por crises, por tensões e mudanças que oportunizam um “deixar de ser o que se *É* para passar a ser outra coisa.”

Sob tais circunstâncias, o ser humano pode experimentar constantes transformações – por meio de crises – que regem seus modos de ser-no-mundo depositados na existência, porém, pelo fato de estas transformações marcarem seu desenvolvimento não devem ser consideradas “a” pessoa nem “o” momento de vida no qual a pessoa se encontra.

Assim, a trama dos acontecimentos e circunstâncias do percurso de uma vida está conjugada às questões e contextos concretos assinalando que somos fruto de influências hereditárias, sociais e culturais que marcam nossas escolhas e modos de viver (NOVAES, 2000).

Por isso, na vertente de sua compreensão como ente subsistente-aberto, o ser humano expressa-se existente em si e para si, não podendo ser outra coisa senão si-mesmo, no entanto está aberto, voltado para o outro e para o mundo que o interpelam.

Uma vida é dada numa trajetória em que sua consecução é oferecida pelas experiências e vivências norteadas por valores e sentidos que estão no mundo e modos singulares de interpretá-los, o que transcende a perspectiva da vida ou um de seus momentos como sinônimo de crise que possa determinar o ser da pessoa.

Desse modo, o envelhecimento pode ser compreendido como um período da vida que atribui “maior diversidade entre as pessoas em função da variedade e intensidade das interferências, tanto internas como externas [...]” (BASSIT; WITTER, 2006, p. 23), tratando-se de uma experiência diversificada e sujeita às influências dos diversos contextos nos quais a pessoa vive.

Tais ingerências neste momento da vida devem ser consideradas para além da ótica da crise, pois a pessoa que envelhece não *é* a crise, mas *está* experienciando diversas oportunidades que podem ser evocadas como crises. Tratam-se de ocasiões que elencam uma série de possibilidades conforme defende Novaes (2000, p. 21), a saber:

1. Resgate dos valores e modos de viver que não puderam ser até então assumidos;
2. Rupturas com situações e rotinas de vida que tiveram que ser suportadas, por forças das circunstâncias e falta de alternativas;
3. Retomada de planos, programas de vida e atividades que precisam ser completados e desdobrados;
4. Ressurgimento de dimensões pessoais como a mística, artística, laborativa que ficaram abafadas por um cotidiano difícil e exigente;
5. Restauração de desejos e necessidades que não puderam ser satisfeitos, devido a frustrações e obstáculos, tanto externos quanto internos, lembrando aqui que “o homem tem a idade de seus desejos”;
6. Retorno de emoções e sentimentos, intensificando sensibilidade e afetividade, estabelecendo vínculos

e relações interpessoais; 7. Recaída constante em estados de depressão e de vazio, ligados à sensação de inutilidade, insegurança e fracasso; 8. Recordação permanente de lembranças passadas, como a única maneira de manter-se vivo, sem tentar a ponte do significado entre o passado, presente e futuro; 9. Reconstrução da identidade pessoal e social com base em novos interesses e motivações, descobrindo criativamente outras facetas do viver e modalidades do prazer.

Essas possibilidades tidas como ensejos podem contrastar com a ideia de declínio geralmente atrelado à dimensão fisiológica ou corpórea na acontecência do envelhecimento que enfatiza o conteúdo das crises não como uma *ocasião para algo* mas como uma *condição de algo* inferindo sobre a exibição de diversas alterações psicológicas e sociais consideradas sob as aparências de *senescência* – um fenômeno fisiológico identificado pela idade cronológica – e *senilidade* – relacionado ao campo físico de uma pessoa adjunto à uma possível desorganização mental (SIMÕES, 1998).

Experienciando uma *ocasião para algo* no envelhecer, a pessoa idosa não está removida do mundo. Assim, é um ser-no-mundo e existe sempre em relação a algo ou alguém. A pessoa idosa não está sozinha e é convocada pela voz do ser e no cotidiano a compreender e interpretar suas experiências a partir dos sentidos que a interpelam e propiciam a emergência dos significados essenciais de seu momento de vida, das coisas e da sua existência.

A esse respeito, Griffa e Moreno (2012) destacam que o ser humano vive sua autonomia, inclusive em seu envelhecer, porque é capaz de reger-se pela própria decisão, é capaz de fazer-se e compor-se a partir dos significados que extravasam a abertura do mundo e do ser. Todavia, o ser livre e responsável de cada pessoa não esgota a fonte dos sentidos nem a apreensão dos significados, o que não anula que a pessoa queira ser algo do que se pode ser e o que convoca a preparação e execução de um projeto de vida.

O projeto é precursor de uma série de atos livres que visam um fim e deve ser composto com os elementos que uma biografia já possui. O projeto é dado em cada momento bem vivido. Relaciona-se às “[...] possibilidades, os limites, os dons, as carências [que] são a matéria-prima a partir da qual o sujeito explora a si mesmo, para se conhecer mais.” (GRIFFA; MORENO, 2012, p. 184). Assim, um projeto de vida é uma redução a uma ordem cuidada que gestada e acarretada de sentido e significado revela as possibilidades de ser de cada pessoa. Um projeto de vida é um projeto de si.

O importante é não ficar entediado, desanimado ou fechado em si mesmo, mas descobrir que o envelhecimento exige uma capacidade para aquilo que chamamos de “transcendência do ego” – capacidade de sentir prazer com o prazer dos outros – capacidade para se preocupar com fatos não diretamente ligados aos nossos interesses; – capacidade para investir em nós mesmos no

mundo de amanhã, - capacidade de ver o futuro ultrapassando limites possíveis, investindo em projetos. Viver o aqui e o agora projetado num futuro é importante, pois quando o presente e o futuro são valiosos a velhice pode ser bem melhor alavancada pelo passado e pela memória das experiências que sustentam a imagem das grandes cenas de nossa história [...] “aceitando o fato de que nossa vida é nossa responsabilidade”. (NOVAES, 2000, p. 32).

Como um existir-tornar-se, a pessoa se manifesta em seus modos irrestritos e não apresenta-se acabada. O ser humano existe, mas não está pronto. Desse modo, está projetado em seu devir, em seu poder tornar-se o que ainda não é, tendo de inventar a si mesmo, construir-se. E a invenção de si

[...] pressupõe como possível um projeto de si, o que implica uma conquista progressiva e jamais terminada de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia de nossas escolhas de vida e nosso modo de vida. Porque, finalmente, a invenção de si é uma posição existencial que se desdobra no cotidiano e não somente em contextos e situações particulares. (JOSSO, 2006, p. 21).

Assim, o envelhecer significa estar na continuação da vida, estar em um momento que não versa como colapso – embora o detenha em suas variadas apresentações – mas remete a uma série de transformações que consentem a passagem de uma concepção de tensões nelas presentes a um constituinte de crisálida de vida demarcando a existência de uma pessoa em sua totalidade de modo análogo ao processo de metamorfose de uma borboleta.

Sofrendo uma verdadeira transformação interna e externa, ela passa por vários estágios: de ovo para larva, desta para casulo e, finalmente, passa para a forma de borboleta. Os estágios são importantes para que não se pule de uma fase para a outra, sem a devida atenção ao que está sendo feito. Na metamorfose fica aparente que a lagarta deve morrer enquanto lagarta, para dar espaço a um casulo e então ressurgir mais bela e delicada nas coloridas asas de uma borboleta. (ANTUNES, 2008, p. 02).

De acordo com Kuhn (2016), o termo crisálida (do grego χρυσάλλις e do latim *chrysalis*) corresponde ao estágio de pupa, estado no qual a borboleta passa por transformações. A noção de crisálida deriva da coloração metálico-dourada achada nas pupas (*chrysó*) que, em grego, significa ouro.

A crisálida abriga uma lagarta que, quando totalmente amadurecida, faz um botão de seda do qual se serve para prender seu corpo numa folha ou galho. Então, a pele da lagarta arreda para o tempo final e debaixo desta pele avelhantada apresenta-se uma pele resistente chamada crisálida.

A pessoa idosa, na crisálida de sua vida, a tem agarrada à sua existência por um botão de seda que assinala que sua experiencialidade neste momento do seu desenvolvimento pessoal e humano faz alusão a um cenário de plenitude, vitalidade e crescimento (PINTOS, 1992).

O fio é de seda, resistente. Ele recupera e diz respeito às memórias desde o momento em que se era lagarta, memórias que são capazes de fortalecer a pessoa idosa em seu “estágio de ouro” revelando sua pele resistente, seu modo-de-ser pessoa involucrado pelo até então vivido que introduz no devir o possível de ser ainda realizado.

O surgir da borboleta se dá num espaço de tempo que se estende para o movimento e bailar das asas desde o amanhecer ao entardecer no qual a borboleta terá cumprido sua sina. Acerca desse aspecto, o envelhecimento é medido num tempo e marcado por um ritmo com batidas que podem ser de um relógio ou do coração, conforme coloca Alves (2013).

O tempo medido pelo relógio é fracionado e designa o *chronos*, tempo sem surpresas. Já o tempo medido com as batidas do coração é *kairós*. Cada batida de *chronos* ecoa no ritmo da vida e da morte que é próxima. E *kairós*, por vezes, é tranquilo, mas “de repente se agita, tocado pelo medo ou pelo amor. Dá saltos. Tropeça. Trina. Retorna à rotina.” (ALVES, 2013, p. 68).

O coração entende da vida. E a vida é transformação e continuidade enlaçadas pelas memórias da lagarta dadas à borboleta que agita as asas enquanto lhe cabe voar. Por isso, “a velhice não se mede pelo número de *chronos*; ela se mede por saudade. Saudade é o corpo brigando com o *chronos*. [...] *Kairós* mede a vida pelas pulsações do amor.” (ALVES, 2013, p. 69). Desse modo, o envelhecimento é e assinala a revelação, o aparecimento daquilo que se é.

As crises que a pessoa idosa enfrenta, portanto, não constituem barreiras nem reduzem suas potencialidades, mas atuam como bússola que aponta para o norte de suas possíveis experiências de crescimento e transformação sustentadas por significados próprios remetidos a seu existir a partir de sua crisálida de vida: uma ocasião para algo em cada momento.

A vida é uma sonata que tem que ser tocada até seu fim (ALVES, 2013) como o voo da borboleta que, após um dia inteiro, não se sucede mais, mas continua se inventando no clarão das memórias. “Cada momento de beleza vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Um único momento de beleza e amor justifica a vida inteira.” (ALVES, 2013, p. 163).

Nas palavras de Alves (2013, p. 158), a “velhice é quando se percebe que não existe no futuro nenhum evento portentoso por que esperar, como início da felicidade. [...] A alegria mora muito perto. Basta esticar a mão para colhê-la, sem nenhum esforço.” E, desse modo, o projeto de vida no envelhecer acopla cada vivido sentido e experimentado num agora que não carece sedimentar grandes expectativas, mas realizar aquilo que pode-se apanhar com as mãos.

Envelhecer é ser em cada ocasião prosseguindo em voos que presenteiam cada instante com significados desatrelados de expectativas mas, conseguintemente, desenrolados num tempo como lugar de memórias. EnvelheSer é viver; envelheSer é vida.

Avançar em idade é avançar em vida. É viver intensamente o momento, é ter perspectiva, fazer novos projetos para o amanhã. Algo que mereça o esforço, a luta, a conquista de novos ideais. A velhice se aninha onde termina o sonho. A vida vale ser vivida quando há sentido em cada etapa da caminhada. Cada instante é valioso quando se tem objetivos claros para onde se quer ir e onde se quer chegar. O importante não é sobressair-se, mas viver com normalidade, dignidade e entusiasmo. Aproveitar agora que pode escolher, selecionar na vida atividades que causem prazer e bem-estar. Tudo na vida pode ter um significado e tornar-se interessante, desde que a pessoa se entregue com paixão, isto é, com entusiasmo, motivação e perseverança, despertando alegria e criatividade a cada passo e em qualquer circunstância. (MELO, 2013, p. 24).

## CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS pois a dança continua

*Não se pode ficar esperando que a vida nos tire para dançar.  
Nós é que temos que persegui-la, enlaçá-la e sair rodopiando.*

*Luís Fernando Veríssimo  
Os últimos quartetos de Beethoven e outros contos*

Na perspectiva fenomenológica, a ideia de fechamento é anteposta pela noção de abertura. O encerramento não se efetiva, mas podem-se apresentar algumas descrições em relação a algo vivido que designam o que é próprio e significativo da experiencição de cada acontecência fenomenal.

Assim, as circunscrições de uma experiência podem ser postas em caráter de desfecho, aquilo que

ao mesmo tempo que encerra, fecha, também é abertura. Quando ele ocorre tudo começa ou de novo, ou outra vez. Começar de novo não é o mesmo que começar outra vez. Começar outra vez é repetição. Começar de novo tem o caráter de novidade; uma nova coisa vem se colocar quando o desfecho preenche a primeira situação. (POMPÉIA; SAPIENZA, 2010, p. 52).

Ao redigir as considerações nada finais relacionadas a esse estudo encontro-me nesse começar de novo ante duas paisagens: o caminho percorrido para a consecução da pesquisa e o caminho que se abre para uma nova trajetória.

Sobre o percurso trilhado para a realização desse estudo, efetivou-se parada em cada uma das três porteiras – a da esperança, a da fortuna e a da saudade – para a demarcação da compreensão dos significados do dançar ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches para idosos do município de Poços de Caldas-MG.

Em cada parada, na transição da posição de turista à de pesquisador-turista, foi possível vivenciar o debruçamento sobre o fenômeno de um modo sereno e, ao mesmo tempo, intrigante. E, em cada debruçar-se, a experiência em destramar a trama do fenômeno – o analisar – foi tramando e destramando também o lugar para mim ante todo o vivido: o lugar da espera, a espera do desvelar-se próprio da fenomenia, a espera da emergência dos significados.

Eles se apresentaram. Os significados apareceram em cada movimento dado ao redor do coreto e em cada momento de silêncio estabelecido frente o não compreendido. E, a partir do não compreendido, um compreender foi possibilitado: o compreender da experiência dos dançantes ao redor do coreto e o compreender acerca de mim mesmo como pessoa e profissional.

Para os entrevistados, o bailar ao redor do coreto designa-se como discurso. É uma palavra que comunica ao *Dasein* – à pessoa –, no campo da fenomenia em questão, modos e entendimentos distintos do existir – do ser – e do vir-a-ser como disposição ontológica do ser-no-mundo que lhe é próprio.

Bailando ao redor do coreto em Poços de Caldas, os idosos entrevistados também mostraram que essa experiência é considerada como um recurso potencial para efetivar o poder superar-se e o poder transpor os desafios que atravessam seu modo-de-ser no momento em que se encontram no ciclo da vida, momento esse paradoxal, porém em nada limitante.

A noção de encontro perpassou o estudo, desde a compreensão da composição de um lugar, em se tratando da cidade, da praça e do coreto, até a chegada ao baile e daqueles que nele se movimentam. Tudo é encontro e conexão nesse sentido. É encontro marcado por relações dadas num espaço e num tempo que dizem de cada um e dizem de todos em compassos distintos, únicos e compartilhados anunciados em vínculos estabelecidos no viver e na clareira do ser de cada *aí-ser* que ali está.

Ainda sobre o encontro, as aproximações entre a Psicologia Ambiental e o referencial fenomenológico conforme sustentado por Heidegger proveu à pesquisa uma demarcação teórica enriquecedora que forjou um diálogo passível de um aprendizado e de produção no campo científico referido pela interdisciplinaridade, pondo em destaque a importância de que demais estudos a partir desses referenciais podem ponderar esse tipo de articulação.

No percurso desse estudo, em vias da captura dos significados do bailar ao redor do coreto, conforme foram nomeados pelos idosos entrevistados, destaco também como significativo os valores que os dançantes revelaram, valores atuantes sobre seu projeto existencial, a saber: a *distração*, a *boa convivência*, a *disposição*, a *solicitude* e a *superação*.

Tais valores fundamentam com propriedade os estilos de vida que cada idoso adota a partir de sua experiência em dançar ao redor do coreto desembocando em composições de bem-estar articulado em seu caráter singular – a pessoa em sua inteireza e integralidade – e multidimensional – biológico, psicológico, inter-relacional e ambiental – que fazem aparecer e

promovem sua qualidade de vida, esta compreendida conforme Moreno e Pol (1999), ou seja, um componente que abarca atitudes, vontades, esperanças, nível de vida, necessidades expressadas, contentamento e outros aspectos psicossociais que uma pessoa procura.

Por isso defendo que as tessituras da experiência dos dançantes ao redor do coreto no momento do seu envelheSer inventam o coreto, a praça, a cidade e a pessoa num existir que se integra à promoção e garantia de bem-estar e realização do viver compondo história, cultura e política que implica um acontecimento atravessador para aqueles que ali estão lançados e os que ainda se confrontarão com aquilo que se apresenta naquele lugar.

No fenômeno dado ao redor do coreto alinha-se a entrega de cada um a si mesmo e ao outro num lugar e num tempo que, entretidos, superam o envelhecimento, as fragilidades e exigências do existir. E essa entrega é acontecimento ininterrupto. É um permane-Ser, continuar existindo, vida que não para, que flui, que segue, existência que caminha, encaminha e dança.

Penso que, em se tratando da entrega de cada um a si mesmo e ao outro, é que se faz possível apreciar o que fora alcançado nessa pesquisa no campo da Psicologia Clínica que, em minha atuação, sustento a partir do referencial fenomenológico.

Todavia, ao mencionar essa possibilidade, nos achamos ante um

grande desafio, pois quando falamos em fenomenologia não estamos transitando pelos modelos teóricos tradicionais desenvolvidos pela psicologia do século XX, referências essas fundamentais para uma prática clínica prescritiva tal como foi e ainda são exercidas em larga medida. Cabe ressaltar que a fenomenologia não se constitui como uma teoria a respeito do real, nem tampouco uma teoria psicológica, e nesse sentido, observa-se o seu caráter inédito no cenário metafísico ocidental [...] (COLPO, 2013, p. 104).

Um fazer clínico em Psicologia relacionado ao poder-ser-si-mesmo-com-os-outros sob a ótica fenomenológica põe em ruptura o modo restritivo que ainda vigora no exercício de muitos psicólogos no campo das psicoterapias e inibe a autenticidade de uma relação dada numa concretude.

É óbvio que nesta crítica não exonero o respeito e a guarda do teor ético, técnico e metodológico próprios do fazer psicoterápico. Contudo, em minha opinião, o fazer clínico em Psicologia requer a passagem da tecnização à possibilitação.

Com esse termo – possibilitação – faço referência ao poder garantir alguns dos desdobramentos da ontologia fundamental na sustentação da psicoterapia. Heidegger expressa em sua obra *Ser e Tempo* que o *Dasein*, como ser-no-mundo, está posto em liberdade para descobrir a cada experiência um mundo que lhe é próprio. Sendo no mundo, o *Dasein* está

marcado por três componentes essenciais: a) situação original, que registra sua percepção como existente na facticidade, acenando seu estar lançado no mundo; b) compreensão, que revela seu poder-ser inerente às possibilidades de realizar múltiplas interpretações do mundo no qual está sempre diante de algo; c) e a discursividade que alude à linguagem como habitação do ser e da pessoa assinalando os significados que circunscrevem o *Dasein* em distintos modos-de-ser autêntico ou inautêntico.

Esses aspectos, amparando o fazer psicoterapêutico encaminhado pela ontologia fundamental, embrenham os seguintes incrementos:

a) a historicidade do procurante deve ser acolhida considerando-se sua situacionalidade original no mundo que funda sua existência e registra o campo concreto da sua experiencialidade. Portanto, o psicoterapeuta, pelo diálogo, deve acolher o seu vivido como marco fundante do ser;

b) na facticidade que lhe é própria, o procurante busca sentido. Ao psicoterapeuta cabe interrogar seu atendido na relação, favorecendo o irromper do encontro com seu devir dado no mundo que cobra-lhe uma interpretação;

c) na alocação, o mundo é significado; do mesmo modo o ser. O significado para o vivido é brotado na narrativa do atendido que, por sua vez, é ser-no-mundo.

Desse modo, o psicoterapeuta deve compreender que é quem o procura que tematiza as questões em cada encontro e sedimenta os significados para seu vivido respondendo a si mesmo e aos questionamentos do sentido do seu ser. Assim, a psicoterapia sustentada na ontologia fundamental solicita do psicólogo clínico uma relação marcada pela abertura prévia na presença, no silêncio, na espera, na escuta e no cuidado.

Essa relação coloca em relevo o “entre” que dispõe, que possibilita para além da técnica o estar junto e o desvelamento do ser próprio de cada experiência e fenômeno vivido pelo *Dasein* e que pode ser expressado nos significados dados a partir de sua linguagem, sua maneira de se comunicar que é estabelecadora de uma interpretação do mundo no qual ele é e que por ele foi capturado.

É nessa linguagem singular, no falar próprio de si e do seu vivido, que a pessoa tem sua morada, faz sua residência. E é no sentido mais amplo dessa linguagem que

[...] podemos nos tornar íntimos do mundo daqueles que atendemos, do modo como ele tece essa rede de significação e de sentidos que constitui a sua morada. Zelar por esses sentidos que alocam o ser-aí como ser-no-mundo, marca o espaço de nossas práticas. (COLPO, 2013, p. 104).

Isso se deu no estar com os dançantes ao redor do coreto em Poços de Caldas. Foi possível me colocar na intimidade da trama de significações dadas pelos experienciados àquele fenômeno de modo a compreender, a partir da palavra proferida em cada entrevista e em cada movimento no bailar, o que dizia respeito ao ser próprio encomendado de si mesmo com e para o outro, ou seja, na relação.

Nesse sentido, esse estudo também alude à possibilidade de um fazer clínico desemparedado. Assim, penso que todo psicólogo *É* clínico, ou seja, precisa se debruçar sobre o leito para além das quatro paredes de um consultório que o detém em acolhimento e escuta. Trata-se de um debruçar-se sobre os fenômenos que dele cobram compreensão nos diversos seguimentos da história e diante dos complexos sociais, políticos, culturais e econômicos no jogo da vida, compondo e sendo composto-com o lugar e como pessoa que é.

Essa atitude trata-se de um acolhimento a toda experiência humana “[...] onde quer que se apresente; viver uma relação concebida como reveladora e formadora de sentidos, e a qual expressa e desvela os modos-de-ser num determinado tempo e história das existências.” (DUTRA, 2004, p. 385).

A partir dessa concepção, no íterim do caminho trilhado para a consecução desse estudo e do caminho aberto – o qual referi como uma das paisagens com a qual me encontro nesse desfecho que “efetiva uma passagem” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2010, p. 53) – posso mencionar que na daação do fenômeno revelado ao redor do coreto eu também me encontrei como pessoa e profissional.

O compreender da experiência dos dançantes ao redor do coreto possibilitou um compreender acerca de mim mesmo como pessoa e profissional dado em abertura com a concretização desse doutorado que não registra um fim, mas o continuar, o prosseguir para responder às novas situações que convocarão o ser-com e o ser-em-si que me é inerente em vista de muitos sentidos e significados enobrecedores do existir.

Há um novo caminho que se abre. E, nesse novo caminho, o importante é perseguir a vida, rodopiar, buscar sentido e realizar o existir.

O importante é viger, na acontecência do viver, o poder-ser mais próprio de cada um de nós que, no mundo, somos desafiados para compreender e interpretar no que diz do em-si-com-o-outro compondo história num tempo e num espaço.

Dançar na vida. Não parar. AconteSer! PermaneSer! E prosseguir.

E, assim, permitir o abrolhar das tessituras de um lugar, do lugar de cada um de nós no baile que a vida faz em torno da existência, a existência como um coreto, coreto esse que é nossa casa, nossa morada constante pelo e no falado, naquilo que se diz em qualquer momento do viver desde o amanhecer até o entardecer.

E, antes que se deite o sol sobre o horizonte, ainda há muito o que fazer. Ainda há muito.

EnvelheSer.

Em-vele-Ser: lugar de manter despertado o existir.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, M. C. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: Ágora, 2017.

ALENCAR, H. F. de; FREIRE, J. C. O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 305-328, set. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 nov. 2016.

ALMEIDA, B. P.; GOTO, T. A. Intervenção e cuidado com crianças e adolescentes vitimizadas: atuação do psicólogo no Programa Sentinela (CREAS) em Poços de Caldas (MG). *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 19 (1-2), p. 89-98, Jan-Dez, 2011. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Tommy\\_Goto/publication/261562089\\_Intervencao\\_e\\_cuidado\\_com\\_crianças\\_e\\_adolescentes\\_vitimizadas\\_atuacao\\_do\\_psicologo\\_no\\_Programa\\_Sentinela\\_CREAS\\_em\\_Pocos\\_de\\_Caldas\\_MG/links/0f317534b22dc41fb4000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tommy_Goto/publication/261562089_Intervencao_e_cuidado_com_crianças_e_adolescentes_vitimizadas_atuacao_do_psicologo_no_Programa_Sentinela_CREAS_em_Pocos_de_Caldas_MG/links/0f317534b22dc41fb4000000.pdf)>. Acesso em 21 jan. 2017.

ALVES, J. E. D. O fim do bônus demográfico e o processo de envelhecimento no Brasil. **Revista Portal de Divulgação**, n. 45, Ano V. p. 6-17, 2015. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/510/549>>. Acesso em 07 mai. 2017.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: a estética do envelhecer. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ALVES, P. R. C. O problema do vínculo da essência do humano com o deus derradeiro em Heidegger. **Reflexão**, Campinas, 40(1), p. 109-118, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3235/2147>>. Acesso em 11 mai. 2017.

ALVISI, T. C. **Baila comigo**: os velhos que dançam na praça de Poços de Caldas. 2007. 230f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ANDRADE, J. C. A.; SCHMIDTZ, J. M. S.; NASCIMENTO, A. K. C. O sentido da morte inesperada de um(a) filho(a) na perspectiva fenomenológica existencial. **Revista Científica da FASETE**, 2015. Disponível em: <[http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/o\\_sentido\\_da\\_morte\\_inesperada\\_de\\_um\\_a\\_filho\\_a\\_na\\_perspectiva\\_fenomenologica\\_existencial.pdf](http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/o_sentido_da_morte_inesperada_de_um_a_filho_a_na_perspectiva_fenomenologica_existencial.pdf)>. Acesso em 13 fev. 2017.

ANTUNES, M. C. A. **Perséfone**: a morte como transformação. 2008. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARAÚJO, E. N. P.; LOPES, R. G. C. Instituições de Longa Permanência para Idosos: possibilidades contemporâneas de moradia. **Revista Kairós Gerontologia**, 13 (número especial 8, “Moradia na Velhice”), p. 45-60, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20940/15425>>. Acesso em 13 nov. 2016.

ARAÚJO, M. R. R.; LOPES, R. G. C. Por onde andam os velhos nos grandes centros urbanos brasileiros? **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n. 48, Ano VI, mar. abri. mai., p. 57-62, 2015. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:QPho25yRX4wJ:scholar.google.com/+Ruth+Gelehrter+da+Costa+Lopes&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:QPho25yRX4wJ:scholar.google.com/+Ruth+Gelehrter+da+Costa+Lopes&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em 01 dez. 2016.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P. A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. N. **Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológico existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

BASSANI, M. A. Espiritualidade e Meio Ambiente: apontamentos de uma psicóloga ambiental. In: ANCONA-LOPEZ, M.; BASSANI, M. A. (Orgs.). **O espaço sagrado: espiritualidade e meio ambiente**. Santo André, SP: ESETEc, 2009.

\_\_\_\_\_. Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: MAIA, N. B.; MARTOS, H. L.; BARRELA, W. (Orgs.). **Indicadores ambientais: conceitos e aplicações**. São Paulo: EDUC, 2001, p. 47-57.

\_\_\_\_\_. Psicologia Ambiental. In: HAMMES, V. S. (Ed.). **Proposta metodológica de macroeducação: educação ambiental para o desenvolvimento sustentável**. Vol. 2, 3. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2012, p. 125-131.

BASSANI, M. A.; SILVEIRA, M. A.; FERRAZ, J. M. G. Psicologia Ambiental e Agroecologia: apropriação do espaço por famílias de agricultores. In: III Congresso Brasileiro de Agroecologia e III Seminário Estadual de Agroecologia, 2005, Santa Catarina. **Anais do III Congresso Brasileiro de Agroecologia e III Seminário Estadual de Agroecologia, 2005**. Disponível em: <[http://www.agroecologiaemrede.org.br/upload/arquivos/P389\\_2005-11-09\\_140612\\_005.pdf](http://www.agroecologiaemrede.org.br/upload/arquivos/P389_2005-11-09_140612_005.pdf)>. Acesso em 01 dez. 2016.

BASSIT, A. Z.; WITTER, C. Envelhecimento: objeto de estudo e campo de intervenção. In: WITTER, G. P. (Org.). **Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas**. Campinas, SP: Alínea, 2006, p. 15-31.

BATISTA, W. J. **O dever da verdade: fundações da filosofia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

BILAC, E. D. Trabalho e família: articulações possíveis. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 26, n. 1, p. 129-145, jun., 2014. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/ts/article/view/84984/87748>>. Acesso em 07 mai. 2017.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 19. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOSSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 17-33.

BRAGA, T. B. N.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), p. 65-73, jan-abr, 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008)>. Acesso em 07 mai. 2017.

BRASIL. **Estatuto do Idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRITISH BROADCASTING CORPORATION BRASIL LTDA (BBC BRASIL). **Número de idosos no Brasil vai quadruplicar até 2060, diz IBGE**. BBC Brasil, 29 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130829\\_demografia\\_ibge\\_populacao\\_brasil\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130829_demografia_ibge_populacao_brasil_lgb)>. Acesso em 13 jan. 2016.

CARDINALLI, I. E. **Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Escuta, 2012.

CARVALHO, L. P.; BASSANI, M. A. A formação do psicólogo: Psicologia Ambiental e sustentabilidade. In: BASSANI, M. A. (Org.). **Vida Urbana: estudos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Santo André, SP: ESETec, 2011, p. 134-149.

CARVALHO, D. D. **Coretos: origem etimológica de coreto e denominações noutros idiomas**. Meloteca. 2010. Disponível em: <<http://www.meloteca.com/pdfartigos/delmar-domingos-de-carvalho-origem-etimologica-de-coreto.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2016.

CARVALHO, J. A. M.; ANDRADE, F. C. D. Envejecimiento de la población brasileña: oportunidades y desafíos. In: ENCUESTRO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO SOBRE LAS PERSONAS DE EDAD, 1999, Santiago. **Anais**. Santiago: CELADE, 2000, p. 81-102. Disponível em: <[http://www.cepal.org/publicaciones/xml/4/5604/lcl1399e\\_FinS1.pdf](http://www.cepal.org/publicaciones/xml/4/5604/lcl1399e_FinS1.pdf)>. Acesso em 11 nov. 2016.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIAMPA, A. C. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia**, Vol. III, n. 6, p. 87-101, jul/dez, 1998.

COLPO, M. O. O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia. **Psic. Rev. São Paulo**, volume 22, n.1, p. 101-118, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16660/12514>>. Acesso em 29 mai. 2017.

CORONA, E.; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. 1. ed., São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora LTDA, 1972.

CORRAL-VERDUGO, V. Felicidad y restauración. In: \_\_\_\_\_. **Psicología de la Sustentabilidad: un análisis de lo que nos hace pro ecológicos y pro sociales**. México: Trillas, 2010, p. 239-253.

\_\_\_\_\_. Psicologia Ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicologia USP**, 16(1/2), p. 71-87, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24645.pdf>>. Acesso em 13 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Visiones de interdependencia. In: \_\_\_\_\_. **Psicología de la Sustentabilidad: un análisis de lo que nos hace pro ecológicos y pro sociales**. México: Trillas, 2010, p. 123-138.

CORRÊA, D. A. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 14, n. 3, p. 180-188, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4116/3862>>. Acesso em 11 mai. 2017.

CORRÊA, D. A.; BASSANI, M. A. Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre Psicologia Ambiental e Logoterapia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 633-643, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28453/pdf>>. Acesso em 02 jan. 2017.

CORRÊA, M. L. T. **Psicologia Ambiental em um hospital infantil: uma análise comportamental enfatizando qualidade de vida e bem-estar**. 2006. 161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORRÊA, M. L. T.; BASSANI, M. A. Psicologia Ambiental, qualidade de vida e a experiência vivenciada em um hospital infantil humanizado. In: BASSANI, M. A. **O espaço hospitalar: perspectivas na Psicologia Ambiental**. 1. Ed., Santo André: ESETec Editores Associados, 2011, p. 35-62.

CORREA, P. C.; PRADO, M. O. Reasentamiento tras el desplazamiento forzado: dos comunidades étnicas en Colombia. **Iztapalapa - Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, núm. 76, ano 35, p. 105-137, 2014. Disponível em: <

<http://148.206.53.234/revistasuam/iztapalapa/include/getdoc.php?id=1780&article=1845&mode=pdf>. Acesso em 05 abr. 2017.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2007.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. Consumo e obediência: a desarticulação da liberdade. **Psicologia USP**, São Paulo, 9(4), p. 477-486, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v19n4/v19n4a06.pdf>>. Acesso em 12 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. **História pessoal e sentido de vida: historiobiografia**. 1. reimp. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

DALANK, O. M. Cidade: qual a definição? **Revista Ecos e Urbanus**. CEFLE (Centro de Estudos Filosóficos Laboratório Evolutivo). São Paulo, 2001.

DANTAS, R. A. S.; SAWADA, N. O.; MALERBO, M. B. Pesquisas sobre qualidade de vida: revisão da produção científica das universidades públicas do Estado de São Paulo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, ago. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010411692003000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692003000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 nov. 2015.

DE BOTTON, A. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da Psicologia Clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, 9(2), p. 381-387, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a21v9n2.pdf>>. Acesso em 30 mai. 2017.

EZZY, D. **Qualitative Analysis: practice and innovation**. New York: Routledge, 2003.

FARIAS, C. M., PARANHOS, M., BASSANI, M. A. Yoga como delineador de um estilo de vida voltado para a sustentabilidade. In: BASSANI, M. A. (Org.). **Vida Urbana: estudos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Santo André, SP: ESETec, 2011, p. 164-176.

FERNANDES, F. C. **Cuidando do jardim para virem as borboletas: um estudo sobre apropriação de espaço por dependentes químicos**. 2010. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERNANDES, F. C., BASSANI, M. A. “Cuidando do jardim para virem as borboletas”: estudo de caso em instituição para tratamento de dependência química. In: BASSANI, M. A. (Org.).

**Vida Urbana:** estudos em Psicologia Ambiental. 1. ed. Santo André, SP: ESETEC, 2011, p. 120-133.

FERNÁNDEZ-RAMÍREZ, B. El medio urbano. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. **Psicología Ambiental**. 3. ed. Colección Psicología. Madrid: Pirámide, 2010, p. 241-259.

FERREIRA, J. **Um hectare na história de Poços de Caldas**. Prefeitura Municipal. Poços de Caldas: Gráfica Brasil, 1996.

FLECK, M. P. A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.5, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232000000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100004)>. Acesso em 03 nov. 2015.

FORTUNA, V. O. Cidade e megaeventos: espetáculo midiático, explosão de sentidos. In: MAIA, A.; OLIVEIRA, T.; PERANI, L.; JORGE, M. F. (Orgs.). **Reencontros da comunicação: performance, corpo e subjetividade**. 1. ed. Rio de Janeiro: EB Livros, 2014, v. 1, p. 11-23.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FREITAS, R. **Rio de Janeiro, lugar de eventos, das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação em contextos organizacionais” do XX Encontro da Compós, na UFRS, Porto Alegre, RS, em junho de 2011.

GALICIONI, T. G. P.; LOPES, E. S. L.; RABELO, D. F. Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(4), p.225-237, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17048/12671>> . Acesso em 08 mai. 2017.

GASPAR, J. Cidade e Urbanismo. *Polígonos*, n. 05, p. 165-172, 1995. Disponível em: <<http://revistas.unileon.es/index.php/poligonos/article/viewFile/1136/935>>. Acesso em 14 abr. 2016.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia da SBP.**, vol. 12, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a05.pdf>>. Acesso em 13 dez. 2015.

GIFFORD, R. **Environmental Psychology: principles and practice**. 3. ed., Colville, WA: Optimal Books, 2014.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004, p. 89-106.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética**: um estudo de Psicologia Ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

GREAVES, T. **Heidegger**. Porto Alegre, RS: Penso, 2012.

GRIFFA, M. C.; MORENO, J. E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento**. Tomo 2: Adolescência, Vida Adulta, Velhice. 8. ed.; 1. reimp. São Paulo: Paulinas, 2012.

GUIMARÃES, I.; CARNEIRO, M. H. S. Envelhecimento e Finitude: qual a representação da morte? **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 7-18, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/19734/23185>>. Acesso em 13 mai. 2017.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ensaaios e Conferências**. Coleção Pensamento Humano, 8. ed., Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Seminários de Zollikon**. Tradução de G. Arnhold e M. de F. de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

\_\_\_\_\_. Sobre a essência da verdade. In: \_\_\_\_\_. **Martin Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 149-170.

\_\_\_\_\_. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

HIDALGO, M. C. Aspectos socioafectivos del medio ambiente: el apego al lugar. In: MIRA, R. G.; CAMESELLE, J. M. S.; MARTÍNEZ, J. R. **Psicología y Medio Ambiente**: aspectos psicosociales, educativos y metodológicos. 1. ed., A Coruña, España: Asociación Galega de Estudios e Investigación Psicosocial, 2002, p. 159-169.

HOLANDA, A. Como envelhecer. **Revista Vida Simples**, ed. 177, São Paulo: Abril, 2016, p. 16-22.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 08 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Cidades**. IBGE, 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/3UL>>. Acesso em 25 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. Diretoria de Pesquisas. Coordenação da População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060**. IBGE, 2013. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm)>. Acesso em 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

JACOB FILHO, W. Fatores determinantes do envelhecimento saudável. **BIS – Boletim do Instituto de Saúde**, Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, nº 47, p. 27-32, abr., 2009. Disponível em: <[http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis\\_n47.pdf](http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis_n47.pdf)>. Acesso em 03 out. 2015.

JOSSO, M. C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: Eduneb, 2006, p. 21-40.

KATZ, H. **Um, Dois, Três: a dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte, MG: FID Editorial, 2005.

KEINERT, T. M. M.; ROSA, T. E. C. Direitos Humanos, envelhecimento ativo e saúde da pessoa idosa: marco legal e institucional. **BIS – Boletim do Instituto de Saúde**, Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, nº 47, p. 04-08, abr., 2009. Disponível em: <[http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis\\_n47.pdf](http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis_n47.pdf)>. Acesso em 03 out. 2015.

KLEIN, C.; KUHNEN, A. Experiências afetivas urbanas: a relação de cidadãos com a praça pública. In: VI CIPSI – Congresso Internacional de Psicologia da UEM, 2015, Maringá, PR. **Anais**. Maringá: VI CIPSI UEM, 2015, s/p. Disponível em: <<http://cipsi.vwi.com.br/anais/publicacoes/modalidade/2/letter/e>>. Acesso em 11 fev. 2017.

KUHN, R. Da crisálida à borboleta: a liberdade de brincar e se movimentar no mundo da vida da criança. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 20, n. 01, p. 94-108, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4150/2929>>. Acesso em 29 nov. 2016.

LEAL, I. F.; HAAS, A. N. O significado da dança na terceira idade. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 64-71, jan./jun., 2006. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/viewFile/56/49>>. Acesso em 07 mai. 2017.

LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 27, p. 795-807, out./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n27/a10v1227.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2017.

LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. A. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, 40(4), p. 491-497, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711/4936>>. Acesso em 08 ago. 2015.

LIMA FILHO, M. A. **A escuta, a espera e o silêncio: a “indigência da modernidade” em Heidegger e Rilke**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2011.

LOPES, R. G. C.; BUTTURA, A. S.; OLIVEIRA, B. ¿Es la vejez una enfermedad? Percepción de profesionales de la Salud. **Anales en Gerontología**, n. 7, p. 1-25, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ucr.ac.cr/index.php/gerontologia/article/view/17567/17066>>. Acesso em 01 dez. 2016.

MALAGODI, M. A. S.; GALEÃO-SILVA, L. G.; MASSOLA, G. M. Política, ambiente e comunidade: interfaces entre mundialização e Psicologia Social. In: MACHADO, F. V.; MASSOLA, G. M.; RIBEIRO, M. A. T. (Orgs.). **Estado, Ambiente e Movimentos Sociais**. Coleção Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos. Coordenação: Ana Lúcia Campos Brizola e Andrea Vieira Zanella. Florianópolis, SC: ABRAPSO; Editora: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015, p. 98-121.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MEGALE, N. B. **Memórias históricas de Poços de Caldas**. 2. ed. rev. ampl. Poços de Caldas, MG: Sulminas, 2002.

MELO, O. V. **Espiritualidade na 3ª e Melhor Idade**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. Introdução. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 11-24.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232000000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232000000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 jun. 2016.

MONTE-MÓR, R. L. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 111, p. 09-18, 2006. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/58/60>>. Acesso em 02 mai. 2017.

MORENO, E.; POL, E. Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental. **Monografías Socio/Ambientales**, 14, Universitat de Barcelona, 1999.

MOSER, G. Cities. In: CLAYTON, S. D. (Ed.). **The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology**. Editor in Chief Peter E. Nathan. Oxford Library of Psychology. New York: Oxford University Press, 2012, p. 203-220.

\_\_\_\_\_. La Psicología Ambiental: del análisis a la intervención dentro de la perspectiva del desarrollo sustentable. In: GUEVARA, J.; MERCADO, S. (Orgs.). **Temas seletos de Psicología Ambiental**. México: UNAM, Greco, Fundación Unilibre, 2002, p. 235-261.

\_\_\_\_\_. La Psicología Ambiental: del análisis a la intervención dentro de la perspectiva del desarrollo sustentable. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicología e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004, p. 169-196.

MOURÃO, B. M. **Quarteto Construtor de Poços de Caldas e epopeia de Pedro Sanches**. Poços de Caldas, MG: Gráfica Sulminas, 1998.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Velhice bem sucedida: aspectos - afetivos e cognitivos**. Coleção VivaIdade, 4. ed., Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 07-12.

NOVAES, M. H. **Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2. ed. aument. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

OLIVEIRA, B.; CONCONE, M. H. V. B.; LODOVICI, F. M. M.; LOPES, R. G. C. Atenção à Saúde do Idoso: Políticas públicas e “saber local”. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 6, n. 1, p. 190-207, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/7493/5760>>. Acesso em 05 nov. 2016.

OLIVEIRA, V. G. Olhar para a existência com confiança. **Logos & Existência**, 4 (1), p. 36-44, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/DiogoArnaldo/Downloads/23114-47809-1-PB.pdf>>. Acesso em 03 abr. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OTTONI, H. B. **Poços de Caldas**. São Paulo: Anhambi, 1960.

PAIVA, A. C. S.; HERNANDEZ, S. S.; SEBASTIÃO, E.; QUADROS JUNIOR, A. C.; CURY, M.; COSTA, J. L. R.; GOBBI, L. T. B.; GOBBI, S. Dança e envelhecimento: uma parceria em movimento! **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, 15(1), p. 70-72, 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/view/698>>. Acesso em 07 mai. 2017.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, p. 11-23, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em 04 abr. 2016.

PESAVENTO, S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 08, n. 16, p. 279-290, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2008>>. Acesso em 01 mai. 2017.

PINTOS, C. C. G. **O entardecer da existência**: ajuda para o idoso viver feliz. Aparecida, SP: Santuário, 1992.

POL, E. El modelo dual de la apropiación del espacio. In: MIRA, R. G.; CAMESELLE, J. M. S.; MARTÍNEZ, J. R. (Eds.). **Psicología y Medio Ambiente**: aspectos psicosociales, educativos y metodológicos. Espanha: A Coruña: Unidad de Investigación Persona-Ambiente, Universidad de A Coruña, 2002, p. 123-132.

POL, E.; VALERA, S.; VIDAL, T. Psicología Ambiental y procesos psicosociales. In: MORALES, F. (Ed.). **Psicología Social**. Madrid: McGraw Hill, 1999, p. 317-334.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 2. ed., São Paulo: EDUC; ABD, 2010.

PRADO, M. O.; OSPINA, P. A. F. Desplazamiento forzado e itinerancias: mujeres reasentadas en la ciudad de Montería. La búsqueda incansable de un territorio de vida. **Revista Tesis Psicológica**, 8 (1), p. 32-55, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1390/139029198004.pdf>>. Acesso em 05 jan. 2017.

PRATA, M. Você é um envelhescente? In: **100 Crônicas**. São Paulo: Cartaz Editorial / Jornal O Estado de São Paulo, 1997.

PREFEITURA DE POÇOS DE CALDAS. **Revitalização do coreto será entregue na sexta**. 2015. Disponível em: <<http://www.pocosdecaldas.mg.gov.br/site/?p=20130>>. Acesso em 04 jan. 2016.

RAMOS, R. F. S.; DELFINO, M. M.; BARBOSA, D.; ARAÚJO, C. V. Efeitos da dança na saúde do idoso. **REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Vol. Sup. 1, p. 77-85, 2014. Disponível em: <<http://acervosaud.dominio temporario.com/doc/S010.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2017.

RÉE, J. **Heidegger**. São Paulo: UNESP, 2000.

ROBISCHON, P.; AKAN, A. M. A família e o seu papel com o pai idoso. In: **Current Practice in Gerontological Nursing**. v. 1, p. 161-170, 1979.

SAMPAIO, V. F. **O conhecimento de si mesmo**: um estudo em Fenomenologia Existencial a partir da prática do Aikido. 2012. 84f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAPIENZA, B. T. **Do desabrigo à confiança**: daseinsanalyse e terapia. São Paulo: Escuta, 2007.

SARAMAGO, L. Sobre a serenidade em Heidegger: uma reflexão sobre os caminhos do pensamento. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Ano VI, n. 10, p. 159-176, 2008. Disponível em: <[http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4198/pdf\\_210](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4198/pdf_210)>. Acesso em 08 mai. 2017.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20 (2), p. 580-588, mar-abr, 2004.

SETENTA, J. S. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

SILVA, M. R.; SANTOS, N. P. V.; SANTOS, R. A.; CUNHA, G. R.; TORRES, L. M. A percepção do idoso institucionalizado sobre os benefícios das oficinas terapêuticas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, 29 (Supl), p. 76-84, dez., 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6408/5215>>. Acesso em 07 mai. 2017.

SIMÕES, R. **Corporeidade e Terceira Idade**: a marginalização do corpo idoso. 3. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1998.

SIMSON, O. R. M.; GIGLIO, Z. G. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 129-147.

SOCCI, V. Vida afetiva e amorosa do adulto idoso. In: WITTER, C.; BURITI, M. (Orgs.). **Envelhecimento e Contingências da Vida**. Campinas, SP: Alínea, 2011, p. 41-58.

\_\_\_\_\_. Religiosidade e o adulto idoso. In: WITTER, G. P. (Org.). **Envelhecimento**: referenciais teóricos. Campinas, SP: Alínea, 2006, p. 87-102.

SOUZA JÚNIOR, R. R. Contra o dogmatismo na história: o tempo como fenômeno basilar da experiência humana. **Aurora**, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2974/3650>>. Acesso em 22 out. 2016.

STEG, L.; GROOT, J. I. M. Environmental values. In: CLAYTON, S. D. (Ed.). **The Oxford handbook of Environmental and Conservation Psychology**. New York: Oxford University Press, 2012, p. 81-92.

TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Revista Psicol. USP**, São Paulo, 19(1), p. 81-94, jan./mar., 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v19n1/v19n1a10.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2017.

TÔRRES, M. R. Os conceitos aristotélicos de cidade e cidadão. **Outros Tempos**, v. 02, p. 01-10, 2005. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/volume02/vol02art01.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2016.

VALERA, S.; VIDAL, T. Privacidad y territorialidad. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. **Psicología Ambiental**. 3. ed. Colección Psicología. Madrid: Pirámide, 2010, p. 119-140.

VIANA, H. J. **Jurandir Ferreira**: o escritor escondido. Biografia, seleção de textos e Catálogo Bibliográfico. 3 Vol. I. Biografia. 2006. 198f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

VICENTE, J. J. N. B.; MARTINS FILHO, J. R. F. Heidegger e o amor cristão. **Paralellus**, 1(1), jan./jun., p. 97-114, 2010. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKewjyit2j38DQAhUFDJAKHQdKC1gQFggbM AA&url=http%3A%2F%2Fwww.unicap.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fparalellus%2Farticle%2Fdownload%2F126%2F94&usg=AFQjCNFD5z3Y20V8uiHSh6qUVIBxxQbexA>>. Acesso em 11 abr. 2016.

VIEGAS, C. C. L.; SILVA, E. A. R.; ELALI, G. A. Um oásis urbano: dois estudos das interações pessoa-ambiente na praça Kalina Maia, Natal/RN. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 3, p. 305-315, 2014. Disponível em: <[http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/17297/pdf\\_1](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/17297/pdf_1)>. Acesso em 02 mai. 2017.

WHOQOL GROUP 1995. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, 10:1403-1409.

WIESENFELD, E. A Psicologia Ambiental e as diversas realidades humanas. **Psicologia USP**, 16(1/2), p. 53-69, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24644.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2015.

WITTER, C.; BURITI, M. A.; SILVA, G. B.; NOGUEIRA, R. S.; GAMA, E. F. Envelhecimento e dança: análise da produção científica na Biblioteca Virtual de Saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 16(1), p. 191-199, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v16n1/a19v16n1.pdf>>. Acesso em 07 fev. 2017.

WITTER, G. P. Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 23(1), p. 13-18, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n1/v23n1a02.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2016.

ZOBOLI, E. L. C. P.; PEGORARO, P. B. B. Bioética e cuidado: o desafio espiritual. **O Mundo da Saúde**, 31(2), p. 214-224, 2007. Disponível em: <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/53/09\\_bioetica\\_e\\_cuidado.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/09_bioetica_e_cuidado.pdf)>. Acesso em 02 set. 2016.

## **APÊNDICE**

## **APÊNDICE A – Carta de Informação ao sujeito de Pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Poços de Caldas, ..... de ..... de 2016.

Convido-o(a) para participar do estudo intitulado “Tessituras de um lugar, o bailar e o envelhecer: o significado da dança para idosos ao redor do coreto em Poços de Caldas, MG” que tem como objetivo geral compreender os significados do dançar ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches para idosos do município de Poços de Caldas-MG e como objetivos específicos apresentar a possível relação entre o dançar destes idosos e seu momento de vida e discutir se a experiência com a dança pode refletir sobre o estilo de vida e bem-estar dos idosos.

Este estudo parte de meu interesse investigativo pessoal considerando minhas experiências frente este fenômeno em minha atuação profissional tanto no espaço clínico como na docência no nível superior em que são abordados e acontecidos diversos desdobramentos a ele relacionados. Justifica-se também dado a realidade apresentada no cenário sociopopulacional que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), até o ano de 2030 projeta a presença do grupo de idosos com 60 anos ou mais no Brasil em maior proporção que o grupo de crianças com até 14 anos. O estudo também é motivado considerando a seguinte pergunta: como será possível garantir qualidade de vida a tantos idosos daqui alguns anos em nosso país?

Será realizada uma entrevista norteada por questionário semiestruturado – apenas 01 (um) encontro – orientado por 14 (quatorze) temas. A entrevista será gravada, uma vez autorizado pelo participante.

A identidade de cada participante estará preservada tanto no processo de levantamento das informações quanto na publicação do estudo, sendo solicitado que após a apresentação da Carta Convite, ao acusarem a ausência de dúvidas para a participação na pesquisa, seja assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias de igual teor.

Para participar do estudo é preciso idade igual ou superior a 60 anos, ser natural e residente no município de Poços de Caldas-MG e participar do baile realizado ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches há, no mínimo, 01 (um) ano.

Se apresentado diagnóstico médico referido à colocação de alguma psicopatologia ou fenômeno sindrômico inerente ao processo de envelhecimento não será possível a participação no estudo.

Os riscos e desconfortos para a participação no estudo são mínimos e, caso sejam apresentados, será oferecido apoio psicológico ao participante pelo pesquisador e/ou encaminhado para acompanhamento na mesma área.

A divulgação da pesquisa terá finalidades acadêmicas pretendendo oferecer para os participantes a possibilidade de entrarem em contato com os significados de seu envelhecer e captar os sentidos que inferem diretamente sobre tais significados e à comunidade científica propor modos de compreensão relacionadas ao fenômeno estudado, ampliando olhares sobre ele e favorecendo o desenvolvimento de estudos posteriores que poderão replicar/ampliar o proposto.

Em qualquer momento poderão ser esclarecidas as dúvidas relacionadas à participação na pesquisa em contato direto com o pesquisador pelo telefone apresentado ao final deste e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP pelo telefone (11) 3670-8466 ou e-mail: cometica@pucsp.br.

É dado o direito aos entrevistados de interromper sua participação na pesquisa em qualquer momento de sua decorrência, o que não acarretará prejuízo algum ao participante.

As informações obtidas serão utilizadas na Tese de Doutorado de Diogo Arnaldo Corrêa, Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E os procedimentos em questão são adotados para atender ao disposto na Resolução CNS 466/2012.

### **Termo de Consentimento Live e Esclarecido**

Após leitura da Carta de Informação ao Sujeito de Pesquisa, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, o(a) senhor(a) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
participante da pesquisa, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância para ser entrevistado no estudo tendo ciência que tal participação não acarretará

nenhuma forma de remuneração e/ou oneração. Fica claro que o sujeito da pesquisa pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo. E fica ciente que todo trabalho realizado se torna informação confidencial, guardada por força de sigilo profissional, considerando que o presente instrumento atende às exigências legais.

Poços de Caldas, ..... de ..... de 2016.

.....

Assinatura do(a) Participante

.....

Diogo Arnaldo Corrêa

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – Questionário semiestruturado para a realização de entrevista**

1. Nome
2. Gênero
3. Data de Nascimento
4. Escolaridade
5. Profissão
6. Estado Civil
7. Há quanto tempo participa do baile ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches?
8. Quantas vezes no mês procura estar presente nestes bailes?
9. Por qual razão passou a frequentar estes bailes?
10. Para você o que significa dançar neste espaço público?
11. Como você se vê neste momento de vida?
12. Como você descreve a experiência de dançar nestes bailes e sua relação com o seu momento de vida?
13. Essa experiência de dançar nestes bailes lhe proporciona qualidade de vida? De que modo?
14. Gostaria de acrescentar algo mais?